

Ruhena Kelber Abrão
Alderise Pereira da Silva Quixabeira
organizadores

REMINISCÊNCIAS NO BAÚ DA MEMÓRIA

Percursos Formativos dos Estudantes
do Mestrado em Educação Física -
PROEF



Ruhena Kelber Abrão
Alderise Pereira da Silva Quixabeira
organizadores

REMINISCÊNCIAS NO BAÚ DA MEMÓRIA

Percursos Formativos dos Estudantes
do Mestrado em Educação Física -
PROEF



Reminiscências no Baú da Memória: Percursos
Formativos dos Estudantes do Mestrado em Educação
Física - PROEF

Volume 4

RUHENA KELBER ABRÃO
ALDERISE PEREIRA DA SILVA QUIXABEIRA
(ORG)

Reminiscências no Baú da Memória: Percursos Formativos dos Estudantes do Mestrado em Educação Física - PROEF

Volume 4

1ª Edição

2026

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitora

Maria Santana Ferreira dos Santos
Milhomem

Vice-reitor

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento (PROAP)

Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX)

Bruno Barreto Amorim Campos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)

Michelle Matilde Semiguen
Lima Trombini Duarte

Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)

Valdirene Gomes dos Santos de Jesus

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)

Marcos Vinícius Giongo Alves

Pró-Reitora de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)

Olívia Tozzi Bittencourt

Conselho Editorial

Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes

Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas

Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar

Wilson Rogério dos Santos

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



<http://www.abecbrasil.org.br>



<http://www.abeu.org.br>

Capa: Flávio Gomes

Diagramação: Flávio Gomes

Revisão Técnica: Lóry da Silveira Ribeiro

Luan Pereira Lima

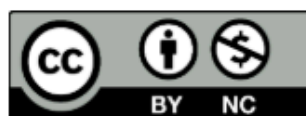
DOI: 10.20873//_eduft_2026_56

Ficha catalográfica

Copyright © 2026 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados

www.uft.edu.br

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte Bloco
IV, Reitoria
Palmas/TO | 77001-090



Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins

W388 Reminiscências no Baú da Memória: Percursos Formativos dos Estudantes do Mestrado
em Educação Física - PROEF. [livro digital]
Volume 4 / Organização: Ruhena Kelber Abrão e Alderise Pereira da Silva Quixabeira.

Palmas, TO
: EdUFT, 2026.
203 p.

ISBN nº 978-65-5390-256-5

1. Educação 2. Formação 3. Educação Física 4. Memória; I. Abrão, Ruhena Kelber
II. Quixabeira, Alderise Pereira da Silva. III. Título.

CDD 980.1

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	21
ENTRE AS ÁGUAS DO ARAGUAIA E OS SABERES DA DOCÊNCIA: MEMORIAL DA TRAJETÓRIA PESSOAL E ACADÊMICA ATÉ O MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA.	
Alan Silva da Luz	
CAPÍTULO 2	32
ENTRE CAMINHOS E RECOMEÇOS: MEMÓRIAS DE UMA VIDA EM CONSTRUÇÃO	
Alexandra Lima Tavares	
CAPÍTULO 3	44
O QUE FLORESCEU PELO CAMINHO: MEMÓRIAS DE VIDA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL	
Idenilde Maciel Rodrigues	
CAPÍTULO 4	52
DA BEIRA DO RIO TOCANTINS NO MARANHÃO AO PROEF: MEMÓRIAS DE VIDA, DE RESISTÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Ivanilson Ribeiro Mousinho	
CAPÍTULO 5	72
ENTRE SONHOS, DESAFIOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE	
João Victor Rodrigues Torres	
CAPÍTULO 6	87
O TEMPO CERTO DE CADA PASSO: MEMÓRIAS, DESAFIOS E A PRÁXIS PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Katiane Chaves Paiva Braga	
CAPÍTULO 7	95
ENTRE RAÍZES E CAMINHOS: A CONSTITUIÇÃO DE UMA IDENTIDADE DOCENTE NO INTERIOR DO TOCANTINS	
Mateus Fílipe Maciel da Silva Barbosa	
CAPÍTULO 8	107
MEMORIAL ACADÊMICO-PROFISSIONAL	
Nayhara Almeida Inácio	
CAPÍTULO 9	127
ENTRE A SAUDADE, A RESISTÊNCIA E OS SONHOS: A TRAJETÓRIA DE UMA MENINA QUE APRENDEU A CONSTRUIR O PRÓPRIO CAMINHO	
Patrícia Moreira de Oliveira	
CAPÍTULO 10	148
MINHA CONSTRUÇÃO ENQUANTO SER: TRAJETÓRIA PESSOAL, ACADÊMICA E PROFISSIONAL	
CAPÍTULO 11	160
DA ILHA DO GOVERNADOR AO PROEF: MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E	

CAMINHOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Sergio Capurro da Silva dos Santos

CAPÍTULO 12

179

DO QUINTAL DE TERRA À UNIVERSIDADE: MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA EM MOVIMENTO

Tácia Marques dos Santos Wanderley

CAPÍTULO 13

191

A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA ENTRE A GINÁSTICA, A DANÇA E A ESCOLA

Valdeli Ventura Paz Siqueira

SOBRE O ORGANIZADOR

202

SOBRE A ORGANIZADORA

203

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

204

“Nas páginas do quadro-negro, risquei
meus dias; no coração de cada
estudante, gravei minha história”.

Kelber Abrão

APRESENTAÇÃO

A presente obra científica emerge do ponto de convergência entre a pós-graduação *stricto sensu* profissional e a pesquisa científica aplicada no campo da Educação Física Escolar, constituindo-se como uma coletânea construída no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), polo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), e vinculada diretamente às ações, projetos e investigações do Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde (CEPELS).

O livro consolida o rigor metodológico da autoetnografia e da narrativa memorialística como dispositivos fundamentais de socioanálise da prática docente, permitindo aos autores objetivar, problematizar e interpretar criticamente as suas próprias trajetórias sociais, profissionais e subjetivas. Distanciando-se de compilações meramente descritivas, cronológicas ou relatos episódicos sem densidade conceitual, a obra articula as trajetórias individuais e singulares de educadores e pesquisadores à teorização aprofundada sobre a cultura corporal de movimento, a formação docente contínua, a inclusão social e as complexas determinantes socioeconômicas que atravessam o ensino na Educação Básica pública brasileira.

Esse ecossistema reflexivo e investigativo deriva das premissas epistemológicas, políticas e formativas do PROEF, que tem como foco central e estruturante a qualificação contínua e a transformação da intervenção pedagógica no chão da escola pública. A ancoragem no CEPELS, centro interdisciplinar dedicado à promoção da saúde, do bem-estar, da inovação pedagógica e dos estudos do lazer no estado do Tocantins e na região Amazônica, proporciona aos textos um adensamento crítico estruturado sobre pilares conceituais essenciais. Entre esses pilares, destaca-se a socioanálise da docência, a qual explicita e analisa a transição histórica, cultural e existencial de sujeitos originários de contextos de vulnerabilidade e exclusão na Educação Básica para a

condição de professores-pesquisadores na pós-graduação stricto sensu. Soma-se a isso uma acentuada diversidade teórico-metodológica voltada à superação definitiva dos paradigmas tradicionais, tecnicistas e biologicistas da área, direcionando as práticas educativas para abordagens crítico-emancipatórias, inclusivas e profundamente atentas às interseccionalidades de gênero, raça, diversidade funcional, corporeidade e regionalidade.

Da mesma forma, o permanente diálogo prático entre a teoria e a prática viabiliza a ressignificação das históricas carências infraestruturais das escolas em propostas pedagógicas ativas, democráticas, criativas e epistemologicamente fundamentadas na literatura científica contemporânea da Educação Física.

O valor científico do texto reside, sobretudo, na sua capacidade de transformar inquietações cotidianas, desafios estruturais e memórias marcadas pela exclusão em objetos formais de investigação, intervenção e reflexão pedagógica. Ao documentar e analisar de forma sistemática o impacto do mestrado profissional na transformação das práticas escolares, a publicação cumpre um relevante papel social, ético e institucional sob múltiplas dimensões.

Primeiramente, atua como uma concreta e necessária devolutiva à sociedade ao evidenciar o alto retorno acadêmico, pedagógico e humano promovido pelos investimentos públicos em programas de pós-graduação em rede e em grupos regionais de pesquisa. Além disso, estabelece uma sólida e inspiradora fundamentação para práticas pedagógicas futuras, servindo como referencial teórico-metodológico e fonte de consulta para outros educadores da Educação Básica que enfrentam desafios contextuais e estruturais semelhantes no vasto e adverso território do Brasil profundo.

Por fim, a obra promove uma profunda e urgente valorização da identidade docente ao afirmar categoricamente o professor da escola pública como um intelectual produtor de conhecimento científico crítico, autônomo e contextualizado, desconstruindo de forma definitiva a imagem simplista do docente como mero executor e reproduzidor de teorias

exógenas. Esta obra configura-se, portanto, como um documento denso, vibrante e representativo do amadurecimento científico e político da Educação Física Escolar brasileira, nascido da simbiose rigorosa entre a pesquisa acadêmica de excelência e a vivência diária nas salas de aula, pátios e quadras da Educação Básica..

Prof. Dr. Kelber Abrão

Profa. Dra. Alderise Pereira da Silva Quixabeira

Organizadores

PREFÁCIO

A obra *Reminiscências no Baú da Memória: Percursos Formativos dos Estudantes do Mestrado em Educação Física - PROEF (Volume 4)*, organizada pelos professores Ruhena Kelber Abrão e Alderise Pereira da Silva Quixabeira, é um convite sensível e profundo à imersão nos memoriais acadêmico-profissionais de educadores que atuam no chão da escola pública. Tecida em tom autobiográfico e reflexivo, a coletânea revela como histórias de vida marcadas pela simplicidade, desafios socioeconômicos e amor ao movimento se convertem em práxis pedagógica transformadora.

A caminhada narrativa inicia-se com o **Capítulo 1**, titulado *“Entre as Águas do Araguaia e os Saberes da Docência: Memorial da Trajetória Pessoal e Acadêmica até o Mestrado Profissional em Educação Física”*, de autoria de **Alan Silva da Luz**. O autor resgata suas origens ribeirinhas no rio Araguaia e retrata como as vivências da infância e o esforço familiar o guiaram pela Educação Física e pelo fortalecimento do saber docente.

No **Capítulo 2**, *“Entre Caminhos e Recomeços: Memórias de uma Vida em Construção”*, **Alexandra Lima Tavares** relata a sensível trajetória entre a Pedagogia e a Educação Física. A autora reflete sobre a maternidade, a escola pública como espaço de formação humana e o constante recomeço na busca pelo bem-estar e aperfeiçoamento profissional.

A pesquisa e a vivência do percurso pessoal ganham tom poético no **Capítulo 3**, *“O que Floresceu pelo Caminho: Memórias de Vida e Experiência Profissional”*, escrito por **Idenilde Maciel Rodrigues**. A autora compartilha os desafios da inserção profissional em turmas diversas e o amadurecimento como docente comprometida com a inclusão e a cultura corporal.

No **Capítulo 4**, intitulado *“Da Beira do Rio Tocantins no Maranhão ao PROEF: Memórias de Vida, de Resistência, Educação e Formação de um Professor de Educação Física”*, **Ivanilson Ribeiro Mousinho** resgata a força maternal e as superações da infância às margens do rio Tocantins. Sua escrita retrata a transição do ensino tradicional para uma práxis inclusiva e

engajada no PROEF.

O **Capítulo 5**, *“Entre Sonhos, Desafios e a Construção da Identidade Docente”*, de **João Victor Rodrigues Torres**, narra a transição do sonho de ser jogador de futebol para a descoberta da vocação como educador. O autor aborda com coragem as adversidades enfrentadas na escola pública e a reconstrução da esperança por meio da pedagogia do esporte e do mestrado.

Em seguida, no **Capítulo 6**, *“O Tempo Certo de Cada Passo: Memórias, Desafios e a Práxis Pedagógica na Educação Física Escolar”*, **Katiane Chaves Paiva Braga** compartilha sua caminhada de superação desde a infância humilde até a docência municipal em Araguaína, destacando o rompimento com a reprodução tecnicista rumo a uma práxis reflexiva e emancipatória.

No **Capítulo 7**, *“Entre Raízes e Caminhos: A Constituição de uma Identidade Docente no Interior do Tocantins”*, **Mateus Fílipe Maciel da Silva Barbosa** entrelaça literatura, memórias de infância em Colméia-TO e os desafios de lecionar em quadras e pátios sem estrutura, reafirmando o papel da persistência e da família em seu percurso.

A narrativa prossegue no **Capítulo 8**, com o *“Memorial Acadêmico-Profissional”* de **Nayhara Almeida Inácio**. A autora resgata suas vivências esportivas e traz uma rica reflexão sobre o paradesporto, a inclusão escolar por meio do badminton e o constante processo de “vir a ser” professora e pesquisadora.

No **Capítulo 9**, *“Entre a Saudade, a Resistência e os Sonhos: A Trajetória de uma Menina que Aprendeu a Construir o Próprio Caminho”*, **Patrícia Moreira de Oliveira** traz à tona recortes de gênero, raça e sexualidade. Em um relato emocionante de coragem e amor familiar, a autora analisa como suas memórias de infância fundaram suas bandeiras de luta por uma Educação Física equitativa e plural.

O **Capítulo 10**, *“Minha Construção Enquanto Ser: Trajetória Pessoal, Acadêmica e Profissional”*, de **Ronivon Francisco de Sousa**, resgata o trabalho na agricultura familiar e na construção civil no sertão baiano. O autor evidencia como a paciência da terra e a disciplina do trabalho

fundamentaram sua determinação até a conquista da vaga no mestrado e da carreira docente.

No **Capítulo 11**, *“Da Ilha do Governador ao PROEF: Memórias, Experiências e Caminhos na Educação Física Escolar”*, Sergio Capurro da Silva dos Santos rememora a influência paterna, a vivência acemista no Rio de Janeiro e sua consolidação profissional em Palmas-TO, problematizando a importância do espaço e da oportunidade de movimento para o desenvolvimento infantil.

O **Capítulo 12**, *“Do Quintal de Terra à Universidade: Memórias de uma Trajetória em Movimento”*, de Tácia Marques dos Santos Wanderley, resgata a ludicidade dos jogos tradicionais no Bico do Papagaio e celebra a quebra de ciclos familiares ao se tornar a primeira diplomada de sua linhagem, comprometida com uma prática humana e inclusiva.

O **Capítulo 13**, *“A Trajetória de uma Educadora Entre a Ginástica, a Dança e a Escola”*, de Valdeli Ventura Paz Siqueira, encerra a obra com um relato apaixonado sobre a sensibilidade artística, o aprendizado da Ginástica Artística e da Ginástica para Todos (GPT), e o compromisso ético de fazer da escola pública um espaço de inspiração e acolhimento.

Esta coletânea não é apenas um registro autobiográfico; é um testemunho coletivo de resistência, paixão pelo ensino e busca permanente pela qualificação da Educação Física Escolar. Que estas memórias inspirem outros educadores a olharem para seus próprios baús e a reconhecerem a riqueza de suas trajetórias.

Professora Doutora Lóry da Silveira Ribeiro

CAPÍTULO 1

ENTRE AS ÁGUAS DO ARAGUAIA E OS SABERES DA DOCÊNCIA: MEMORIAL DA TRAJETÓRIA PESSOAL E ACADÊMICA ATÉ O MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA.

Alan Silva da Luz

Minhas origens

Nasci em 1997, no município de Conceição do Araguaia, no estado do Pará. Sou ribeirinho, filho de pescadores profissionais e alguém cuja história está profundamente ligada ao rio Araguaia. Antes mesmo de compreender o mundo ao meu redor, a pesca já fazia parte da minha realidade, do cotidiano da minha família e da maneira como aprendíamos a viver. Crescer nesse ambiente significou conhecer, desde cedo, a importância do rio para a sobrevivência, o trabalho e a organização da vida familiar.

Minha infância foi marcada por essa realidade e pelas experiências simples que, com o passar do tempo, passaram a ter um significado especial na construção da minha história. Sempre gostei de jogar futebol e nadar no rio. Essas atividades estiveram presentes ao longo da minha trajetória e fizeram parte da maneira como me relacionava com outras pessoas, aproveitava meu tempo livre e vivenciava o movimento corporal. Naquela época, eu ainda não imaginava que essas experiências poderiam ter relação com minha futura escolha profissional, mas hoje consigo reconhecer a importância que tiveram na minha aproximação com as práticas corporais e com a Educação Física.

Minha trajetória escolar aconteceu inteiramente na escola pública. Foi nesse espaço que vivi diferentes experiências de aprendizagem e

comecei a construir parte dos conhecimentos que contribuíram para minha formação. A escola e a vida na comunidade fizeram parte de caminhos que, embora distintos, se encontravam no meu cotidiano. Desde muito novo, meus pais reconheceram a importância dos estudos e sempre me incentivaram a estudar. Mesmo possuindo apenas ensino fundamental incompleto, eles enxergavam os estudos como uma possibilidade de mudança da realidade.

Entretanto, minha adolescência foi marcada por uma mudança significativa na vida familiar. Meu pai sofreu um acidente vascular encefálico (AVE), e meu irmão ainda tinha apenas dois anos de idade. Diante daquela situação, eu e minha mãe precisamos assumir juntos os cuidados com meu pai e meu irmão. A rotina da família mudou, e as responsabilidades passaram a ocupar um espaço muito maior em nossas vidas.

Com isso, a pesca, que até então fazia parte da nossa história e representava uma importante fonte de sustento, precisou ser interrompida. Aquela atividade, tão ligada à identidade da minha família e à minha própria origem, deixou de fazer parte da rotina como antes. As circunstâncias exigiram que reorganizássemos nossas vidas e enfrentássemos desafios para os quais nem sempre estávamos preparados.

Essa fase representou uma transformação importante na minha adolescência. Enquanto muitos jovens viviam esse período com outras preocupações, eu precisava dividir meu tempo e minhas atenções com as necessidades da minha família. A experiência me colocou diante de responsabilidades que contribuíram para a maneira como passei a compreender a vida, os vínculos familiares e a importância de cuidar daqueles que fazem parte da nossa história. Desde muito novo, precisei trabalhar de maneira informal, pois a renda familiar era baixa.

Ao olhar para esse período, reconheço que minha trajetória foi construída entre diferentes experiências: a liberdade de brincar, jogar futebol e nadar nas águas do Araguaia; a convivência com o trabalho dos meus pais; a vivência na escola pública; e as responsabilidades que

surgiram diante das dificuldades familiares. Essas experiências fazem parte de quem sou e constituem o ponto de partida para compreender os caminhos que percorri até chegar à Educação Física e, posteriormente, ao mestrado profissional.

A escolha pela Educação Física: entre a admiração pelos professores e as descobertas da graduação. Minha aproximação com as práticas corporais começou muito antes do ingresso na universidade. Durante minha trajetória na educação básica, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, sempre tive grande admiração pelos meus professores, especialmente pelos de Educação Física. As pessoas com quem eu tinha contato que tinham ensino superior estavam quase exclusivamente no ambiente escolar. Ao recordar esse período, percebo que essa admiração foi importante para minha escolha profissional, pois os professores que passaram pela minha vida também contribuíram para que eu comesse a imaginar meu próprio caminho na docência.

O esporte sempre ocupou um lugar importante na minha trajetória. Desde cedo, tive maior contato com as modalidades esportivas tradicionais, principalmente por serem as que eu tinha mais acesso. Particpei de campeonatos e de escolinhas de futebol, experiências que fortaleceram minha relação com o esporte e ampliaram meu interesse pelas práticas corporais. Naquele momento, o futebol era uma das principais formas de vivenciar o movimento, construir amizades e participar de atividades coletivas. Com o passar do tempo, essas experiências, somadas à admiração pelos meus professores, ajudaram a aproximar meus interesses pessoais da escolha pela graduação em Educação Física, iniciada em 2015.

Entretanto, minha formação universitária foi marcada por desafios que exigiram organização, dedicação e responsabilidade. Durante a graduação, precisei conciliar os estudos com o trabalho. Eu trabalhava à noite como recepcionista de hotel, com apenas uma folga por semana, enquanto frequentava as aulas da graduação durante o dia. Essa rotina exigia que eu dividisse meu tempo entre as obrigações profissionais e acadêmicas, tornando o período de formação uma etapa de muito esforço. Conciliar essas duas atividades nem sempre deve ser compreendido

apenas como uma questão de administrar horários, pois também significa manter o compromisso com os estudos mesmo diante do cansaço e das exigências do cotidiano.

Apesar desses desafios, a graduação me proporcionou experiências que foram além das disciplinas e dos conteúdos estudados em sala de aula. Nesse período, tive meu primeiro contato com a docência por meio do Projeto Mais Educação, trabalhando com a capoeira. Essa experiência foi especialmente importante porque me aproximou das lutas e me despertou maior interesse pela história dessa prática corporal. Passei a compreender a capoeira não apenas como uma atividade de movimentos e técnicas, mas também como uma manifestação que carrega uma história e diferentes significados culturais.

Esse contato ampliou meu olhar sobre as possibilidades de atuação da Educação Física e contribuiu para que eu percebesse a diversidade de conhecimentos que fazem parte da área. A Educação Física escolar contemporânea deve superar a mera vivência prática, articulando o "ensinar a fazer" ao "ensinar sobre o fazer" para desenvolver a autonomia dos estudantes (Darido, 2020).

Ao longo da graduação, também passei a conhecer, admirar e experimentar outras práticas corporais. Comecei a praticar musculação e aprendi os quatro estilos de natação, ampliando minhas experiências para além das modalidades esportivas com as quais já estava familiarizado. Essas vivências foram importantes para minha formação, pois me permitiram experimentar novas possibilidades de movimento e conhecer práticas que, até então, não faziam parte do meu cotidiano.

Aos poucos, fui percebendo que a Educação Física era muito mais ampla do que o universo esportivo que eu conhecia desde a infância. Minha formação me possibilitou ampliar os conhecimentos sobre diferentes manifestações da cultura corporal e reconhecer outras possibilidades de ensino e aprendizagem. O contato com a capoeira, as lutas, a musculação, a natação e outras diversas práticas contribuiu para transformar e ampliar minha compreensão da área, mostrando que a atuação do professor não

se limita ao ensino de modalidades esportivas, mas envolve diferentes práticas, conhecimentos e experiências.

Assim, minha graduação representou uma etapa de descobertas, desafios e amadurecimento. A admiração pelos professores que marcaram minha vida escolar, o envolvimento com o esporte, a conciliação entre trabalho e estudo e as primeiras experiências com a docência foram elementos importantes nesse percurso. Mais do que obter uma formação acadêmica, esse período contribuiu para a construção da minha identidade profissional e para o desenvolvimento de um olhar mais amplo sobre a Educação Física e suas possibilidades no contexto educacional.

Os primeiros passos na docência: experiências, desafios e construção profissional. Em 2019, logo após concluir minha graduação, tive a oportunidade de conquistar meu primeiro emprego como professor de Educação Física. Considero esse momento uma bênção e um marco importante na minha trajetória profissional, pois representou o início da concretização de um caminho que havia começado a ser construído ainda durante minha vida escolar e universitária.

Meu primeiro local de trabalho foi a Vila Bradesco, situada a aproximadamente 55 quilômetros do município, com acesso por estrada de chão. O deslocamento fazia parte dos desafios cotidianos, pois era necessário enfrentar condições como lama, poeira e buracos. Entretanto, foi nesse contexto que iniciei minha experiência profissional, atuando com estudantes do primeiro ao nono ano do ensino fundamental. Trabalhar com diferentes faixas etárias foi uma oportunidade de conhecer diversas realidades e compreender, na prática, as responsabilidades que envolvem o trabalho docente.

Essa primeira experiência teve grande importância para minha formação como professor. A graduação havia me proporcionado conhecimentos teóricos e experiências práticas, mas o cotidiano escolar apresentava situações que exigiam adaptação, planejamento e reflexão constantes. Estar diante de estudantes com diferentes idades e necessidades me permitiu compreender que ensinar Educação Física envolve muito mais do que organizar atividades esportivas: exige conhecer

os alunos, considerar suas realidades e construir possibilidades de aprendizagem que façam sentido para eles.

Após dois anos, iniciei uma nova etapa profissional, passando a trabalhar diretamente com o esporte por meio da Estação Conhecimento, um projeto social, cultural e esportivo que atende famílias em situação de vulnerabilidade, no qual permaneci de junho de 2020 a março de 2023. Nesse espaço, trabalhei com modalidades como futebol, voleibol, atletismo e natação, ampliando minha experiência com diferentes práticas corporais e com o desenvolvimento de atividades esportivas.

A organização social Estação Conhecimento ofertava teatro, música, dança, saúde e lazer. Mesmo não atuando de maneira direta, pude compreender e vivenciar de forma indireta a importância da atuação em relação à mudança na vida dos alunos. Nesse período da minha carreira profissional, pude entender a relevância do lazer na vida das pessoas e isso despertou meu interesse pelo tema. O lazer vai além do simples tempo livre de trabalho, constituindo-se como uma dimensão cultural essencial para a humanização e a autonomia dos indivíduos (Marcellino, 2005).

A atuação na Estação Conhecimento representou uma experiência muito significativa para minha trajetória. O trabalho estava relacionado a uma proposta de educação integral, que me ajudou a ampliar a compreensão sobre o papel do esporte na formação dos estudantes. Passei a perceber com mais clareza que as práticas esportivas podem contribuir não apenas para o desenvolvimento das habilidades motoras, mas também para a convivência, a participação, a autonomia e a formação humana, promovendo transformação social. Na perspectiva dialética do conhecimento, a realidade e as práticas sociais constituem a base fundamental e o objetivo final da produção do saber (David, 1998).

Durante esse período, também participei de diversas formações na área da educação, que contribuíram para ampliar meus conhecimentos e minha maneira de compreender o trabalho docente. As experiências vividas nesse projeto me permitiram olhar para a Educação Física sob outras perspectivas, reconhecendo a importância de relacionar o ensino das

práticas corporais com as diferentes dimensões da vida dos estudantes. Foi uma etapa de aprendizado que ultrapassou o ensino das modalidades esportivas e contribuiu para meu amadurecimento profissional.

Em junho de 2023, comecei a trabalhar na Secretaria de Estado de Educação do Pará (Seduc-PA), atuando no ensino médio. Essa nova experiência me colocou diante de outras demandas e características do trabalho pedagógico, ampliando meu contato com as diferentes etapas da educação básica. A partir desse momento, minha trajetória profissional passou a envolver novos desafios e possibilidades de atuação.

Em janeiro de 2024, assumi meu primeiro concurso público, dessa vez na Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (Seduc-TO), também trabalhando com o ensino médio. O ano de 2024 foi especialmente marcante, pois passei a atuar profissionalmente em dois estados diferentes, percorrendo aproximadamente 500 quilômetros por semana. Essa rotina exigia organização e disposição para conciliar as responsabilidades profissionais em contextos distintos.

Vivenciar duas realidades educacionais durante o mesmo período foi uma experiência que ampliou minha percepção sobre a profissão. Embora a Educação Física estivesse presente nos dois contextos, cada realidade apresentava suas próprias características e demandas. Essa vivência me permitiu observar diferentes formas de organização do trabalho e compreender, de maneira mais concreta, os desafios que envolvem a atuação docente.

Em janeiro de 2025, precisei tomar uma decisão difícil: abrir mão do concurso da Seduc-TO para assumir o concurso da Secretaria Municipal de Educação de Redenção, no Pará (SEMED). Essa escolha representou uma mudança importante na minha trajetória, pois envolveu a necessidade de avaliar os caminhos que eu desejava seguir profissionalmente e reorganizar meus compromissos. Decisão muito difícil que exigiu muita reflexão, porém pude amadurecer bastante enquanto profissional.

Ao longo desse percurso, tive a oportunidade de atuar em diferentes séries e etapas da educação básica, inclusive na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essa diversidade de experiências contribuiu para ampliar

minha compreensão sobre os estudantes, suas necessidades e as possibilidades de ensino da Educação Física em diferentes contextos. Cada etapa apresentou características próprias e exigiu de mim novas formas de pensar o planejamento, as estratégias pedagógicas e as relações estabelecidas no ambiente educacional.

Ao olhar para minha trajetória profissional, percebo que cada experiência teve importância na construção do professor que sou hoje. Da primeira escola, localizada em uma vila distante e com dificuldades de acesso, à atuação em projetos sociais e em diferentes redes públicas de ensino, fui ampliando meus conhecimentos e construindo novas formas de compreender a docência. As experiências com o esporte, as formações realizadas e o contato com diferentes realidades educacionais contribuíram para que eu reconhecesse a Educação Física como uma área que ultrapassa a prática esportiva e participa da formação integral dos estudantes.

Paralelamente à minha trajetória profissional, sempre busquei ampliar meus conhecimentos e investir na formação continuada. Ao longo desse período, concluí cinco especializações: Personal Trainer e Educação Física Escolar; Treinamento Desportivo e Educação Especial; Ensino Superior da Educação Física e Escolar; Gestão Escolar com Ênfase em Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção; e História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira. Essas formações contribuíram para ampliar meu olhar sobre a Educação Física e a educação de maneira geral, permitindo-me conhecer diferentes áreas e refletir sobre os desafios presentes no cotidiano escolar. Para mim, continuar estudando representa uma forma de aperfeiçoar minha atuação profissional e buscar novos conhecimentos que possam contribuir para minha prática docente.

Ao longo de toda a minha trajetória, o apoio emocional da minha mãe e da minha família foi fundamental para que eu pudesse enfrentar os desafios e continuar buscando meus objetivos pessoais, acadêmicos e profissionais. Nos momentos mais difíceis, especialmente diante das responsabilidades familiares e das exigências de conciliar trabalho e

estudo, ter esse apoio representou uma fonte de força e motivação. Além disso, desde 2019, tenho uma parceira que está ao meu lado apoiando nos estudos e incentivando, que também faz parte da minha história e acompanha essa caminhada de crescimento e conquistas. Reconheço que minha trajetória não foi construída apenas pelo esforço individual, mas também pela presença, pelo carinho e pelo apoio das pessoas que estiveram ao meu lado. Essas relações afetivas têm um significado especial na minha vida e me ajudam a compreender que cada conquista carrega, de alguma forma, a participação daqueles que caminham conosco.

Um sonho que se tornou possível: o ingresso no mestrado profissional em Educação Física

Quando iniciei minha graduação em Educação Física, o mestrado era algo que eu enxergava como muito distante da minha realidade. Naquele momento, questões financeiras, a distância e a necessidade de começar a trabalhar na área eram fatores que influenciavam minhas prioridades. Meu principal objetivo era concluir a graduação, conquistar meu espaço profissional e construir uma carreira na docência. Embora a continuidade dos estudos fizesse parte das possibilidades futuras, o mestrado ainda parecia um sonho difícil de alcançar.

Com o passar dos anos e as experiências que vivi como professor, minha maneira de enxergar essa possibilidade começou a mudar. A prática docente, o contato com diferentes realidades educacionais e a busca constante por formação contribuíram para que eu percebesse que poderia dar novos passos na minha trajetória acadêmica. Assim, aquilo que antes parecia distante começou a se tornar um objetivo possível. Foi nesse processo que o sonho de cursar o mestrado ganhou força e se transformou em uma meta que decidi buscar. Consegui a aprovação na primeira tentativa, uma conquista pela qual me sinto muito abençoado por Deus e que representou um momento de grande felicidade na minha vida.

A aprovação no mestrado profissional em Educação Física (ProEF), na Universidade Federal do Tocantins (UFT), despertou em mim um sentimento semelhante ao que vivi quando conquistei meu primeiro concurso público. Em ambos os momentos, senti a alegria de alcançar algo que representava

uma mudança importante na minha trajetória pessoal e profissional. Ser aprovado no mestrado foi a confirmação de que aquele sonho, antes considerado distante, poderia se tornar realidade. Essa conquista também fortaleceu minha confiança e ampliou minha percepção sobre as possibilidades que podem surgir quando continuamos investindo em nossa formação.

Estar no ProEF tem sido uma experiência muito significativa. Além de ampliar meus conhecimentos, o mestrado tem me proporcionado novas formas de compreender a Educação Física escolar e os desafios presentes no cotidiano da escola. Um dos aspectos que mais valorizo nessa experiência é a oportunidade de conviver com pessoas que compartilham propósitos semelhantes, com diferentes histórias, experiências e perspectivas sobre a educação. Essa convivência tem contribuído muito para minha busca pelo conhecimento, pois as trocas de experiências e as discussões realizadas durante o curso ampliam meu olhar e me fazem refletir sobre minha própria prática docente.

Também considero muito importante fazer parte de um programa de pós-graduação voltado especificamente à Educação Física escolar. Por atuar nessa área, reconheço o valor de uma formação que dialoga diretamente com os desafios que enfrento como professor e com as possibilidades de desenvolver práticas pedagógicas mais conscientes e significativas. O mestrado representa, portanto, não apenas uma conquista acadêmica, mas uma oportunidade de aproximar os conhecimentos estudados da realidade em que atuo, contribuindo para meu desenvolvimento profissional e para a reflexão sobre o ensino da Educação Física.

Hoje, percebo que minha trajetória até o mestrado foi construída por diferentes etapas, algumas marcadas por dificuldades, outras por descobertas e conquistas. Aquele estudante que, em 2015, enxergava a pós-graduação como algo distante conseguiu, ao longo dos anos, construir um caminho que o levou até essa oportunidade. Essa experiência tem ampliado minha visão sobre o futuro e reforçado a importância de

continuar aprendendo. Mais do que realizar um sonho pessoal, estar no ProEF representa a possibilidade de aprofundar meus conhecimentos, fortalecer minha atuação como professor e construir novas perspectivas para minha vida acadêmica e profissional.

Referências

DARIDO, Suraya Cristina. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (org.). Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 28-45.

DAVID, Nivaldo Antônio Nogueira. Contribuições do método participativo para capacitação de professores de Educação Física escolar. [S. l.], 1998. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/>. Acesso em: 24 out. 2026.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Educação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2005.

CAPÍTULO 2

ENTRE CAMINHOS E RECOMEÇOS: MEMÓRIAS DE UMA VIDA EM CONSTRUÇÃO

Alexandra Lima Tavares

Escrever sobre a minha trajetória não é apenas organizar acontecimentos em ordem cronológica sobre minha vida. É voltar a lugares, pessoas, acontecimentos e sentimentos que fizeram parte de diferentes momentos da minha existência e, a partir do presente, tentar compreender os sentidos que essas experiências adquiriram ao longo do tempo. Ao iniciar a escrita deste memorial, percebi que contar minha trajetória não significaria simplesmente organizar datas, escolas frequentadas, cursos realizados e funções profissionais exercidas. Significaria, sobretudo, olhar para minha própria história com maior atenção e reconhecer que cada experiência, inclusive aquelas que inicialmente pareciam pequenas ou difíceis, mas que contribuíram para a pessoa e a profissional que me tornei.

Minhas raízes: família, infância e primeiras memórias

Nasci em 28 de setembro de 1985, em Miracema do Tocantins, filha de Delmiro Tavares e Maria Lima Tavares. Cresci em uma família numerosa, com nove irmãos, em um contexto simples, no qual aprendi desde cedo o valor da convivência, da responsabilidade e da união familiar. Minha infância foi marcada por uma realidade humilde, mas guardo comigo a lembrança de que nunca faltou o essencial. Hoje compreendo que esse “essencial” estava relacionado principalmente ao cuidado, à presença da família, aos vínculos afetivos e aos valores que foram sendo construídos no cotidiano.

Ao revisitar minha infância, percebo que muitas experiências que pareciam comuns naquele momento ganharam outros significados com o passar dos anos. Tenho poucas memórias desse período. Uma das lembranças que permanece de maneira especial é a do quintal de casa, dos meus irmãos e sobrinhos. Por volta dos nove ou dez anos, gostava de brincar de casinha e de boneca, momento em que brincava, imaginava os lugares, inventava histórias e, por meio da imaginação, construía uma pequena representação do mundo que conhecia.

Naquele período, eu não imaginava que o momento do brincar pudesse ter qualquer relação com minha futura vida profissional. Era simplesmente uma criança brincando, vivendo sua infância. Entretanto, muitos anos depois, quando ingressei no curso de Pedagogia e passei a estudar a infância, percebi que aquela experiência carregava elementos importantes de criação, expressão, socialização e aprendizagem.

Nesse sentido, Kishimoto (1997) destaca a importância da brincadeira como experiência que possibilita à criança interagir com o mundo, expressar-se, criar e estabelecer relações. Essa compreensão me permite olhar para minhas próprias memórias de infância de uma maneira diferente. A brincadeira que fazia parte do meu cotidiano tornou-se, posteriormente, objeto de estudo acadêmico.

A escola como primeiro espaço de formação

Minha trajetória escolar começou ainda na infância, em uma instituição que funcionava em uma igreja, onde realizei a pré-escola. Posteriormente, ingressei na rede municipal de ensino e cursei do primeiro ao quinto ano na Escola Municipal Presidente Tancredo Neves. Depois, dei continuidade aos estudos na Escola Estadual Santa Terezinha, onde realizei parte do Ensino Fundamental II, concluindo essa etapa na Escola Estadual Onesina Bandeira.

Ao reconstruir esse percurso, percebo que a escola representou muito mais do que um lugar destinado à aquisição de conhecimentos. Foi também um espaço de convivência, descoberta e construção de expectativas sobre o futuro. Naquele período, eu ainda não imaginava que

a escola faria parte de maneira tão profunda da minha vida. Eu era apenas uma estudante, vivendo as experiências próprias de cada etapa da escolarização. Hoje, porém, consigo olhar para essas experiências a partir de outra perspectiva: a perspectiva de quem se tornou professora e passou a compreender a escola também como espaço de formação humana. Concluí o Ensino Médio no Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula, em 2004. Essa instituição possui um significado especial em minha trajetória, pois, anos depois, voltaria a fazer parte da minha história profissional. Há, portanto, uma espécie de reencontro entre a estudante que fui e a professora que me tornei.

Esse retorno à mesma instituição, agora ocupando outro lugar, permite-me perceber a escola como um espaço de memórias e continuidades. Em determinado momento, fui estudante naquele espaço; posteriormente, me tornei-me profissional da educação. Essa mudança de posição modificou profundamente meu olhar sobre a escola.

O primeiro encontro com a universidade: a Pedagogia

O ano de 2004 foi especialmente significativo. Além de concluir o Ensino Médio, realizei o vestibular para a Universidade Federal do Tocantins (UFT) e fui aprovada para o curso de Pedagogia. No segundo semestre de 2005, iniciei minha primeira graduação.

Entrar na universidade representou uma conquista importante. Eu vinha de uma trajetória escolar construída na educação pública e, naquele momento, ingressei em um espaço que ampliaria significativamente minhas possibilidades de compreender a educação.

A graduação em Pedagogia foi marcada por aprendizagens, descobertas e desafios. Aos poucos, passei a compreender que a educação não poderia ser reduzida ao espaço físico da escola ou à relação entre professor e aluno. Ela envolve sujeitos, histórias, culturas, relações sociais, políticas públicas, conhecimentos e diferentes formas de compreender o mundo.

Durante esse percurso acadêmico, minha vida pessoal também passou por profundas transformações. Em 2007, ainda cursando Pedagogia, casei-me, engravidei e tive meu primeiro filho, Kauã e no ano de 2013 tive meu outro filho Kauê. No mesmo período, fui aprovada em concurso público para o cargo de Assistente Administrativo da Prefeitura Municipal de Miracema do Tocantins.

Conciliar maternidade, casamento, trabalho e universidade não foi uma tarefa simples. Foi um período de responsabilidades e desafios, mas também de amadurecimento. A universidade acontecia ao mesmo tempo em que minha vida pessoal se transformava.

Essa experiência me ensinou algo que hoje considero fundamental: os percursos formativos não acontecem em condições ideais ou de maneira linear. A formação acontece atravessada por responsabilidades, necessidades, relações e acontecimentos que nem sempre conseguimos planejar. Concluí a graduação em Pedagogia em 2009. Aquele momento representou a conclusão de uma etapa, mas não significou o encerramento do meu processo formativo.

Entre pausas e recomeços: a formação continuada

Depois de concluir a Pedagogia, passei um período afastada da universidade. Entretanto, mesmo distante da graduação, o desejo de continuar estudando permaneceu presente. Entre os anos de 2013 e 2014, retomei minha formação por meio de uma pós-graduação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Essa experiência teve um significado especial porque representou uma espécie de reencontro com os estudos. Percebi que ainda havia muito a aprender e que minha formação profissional não poderia se limitar apenas ao curso de Pedagogia.

A partir daquele momento, a formação continuada passou a ocupar um espaço cada vez mais importante na minha trajetória. Em 2015, realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e comecei a considerar uma nova possibilidade acadêmica: a Psicologia. Essa intenção estava relacionada, em parte, a experiências vividas no âmbito familiar. Por ter um dos meus

filhos com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), surgiu em mim o desejo de compreender melhor aspectos relacionados ao desenvolvimento, à aprendizagem e às diferentes necessidades que podem atravessar a vida escolar de uma criança. Eu acreditava que a Psicologia poderia me oferecer conhecimentos para compreender melhor essas questões e, principalmente, para poder ajudar meu filho. Entretanto, a vida acadêmica novamente me conduziu por outro caminho.

Ao longo dos anos, procurei investir no aperfeiçoamento profissional por meio de especializações, cursos de extensão e outras oportunidades de formação continuada. Entre as especializações que marcaram esse percurso, destaco a formação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, realizada pela Suldamerica entre os anos de 2013 e 2014, a especialização em Educação Física Escolar, pela Universidade Federal de Goiás (UFG), entre 2022 e 2024, e os cursos de Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho, ambos realizados pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), em 2023 e 2024. Em 2026, concluí também a pós-graduação em Bem-Estar, Saúde e Lazer Docente, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), uma formação especialmente significativa por dialogar com questões que atravessam o cotidiano da profissão docente e que passaram a despertar meu interesse acadêmico e investigativo.

Essas experiências formativas contribuíram para ampliar meus conhecimentos e fortalecer minha compreensão sobre a complexidade do trabalho educativo. Cada especialização representou uma oportunidade de aprofundar estudos, revisar concepções e estabelecer novas relações entre os conhecimentos teóricos e as situações vivenciadas na prática pedagógica. Ao mesmo tempo, esse percurso reafirmou em mim a compreensão de que a formação continuada não deve ser vista apenas como uma exigência profissional ou como uma forma de acumular títulos, mas como uma possibilidade de desenvolver um olhar mais crítico, sensível e reflexivo sobre a educação e sobre as responsabilidades que assumimos como professores.

Atualmente, como mestranda da 7ª turma do PROEF – Mestrado Profissional em Educação Física, da Universidade Federal do Tocantins, vivencio mais uma etapa importante dessa trajetória. Tenho aprofundado meus estudos e minhas reflexões, especialmente nas áreas de Educação Física Escolar, lazer, saúde e bem-estar docente, corporeidade, práticas pedagógicas e formação de professores. O ingresso no mestrado representa não apenas a continuidade da minha formação acadêmica, mas também a oportunidade de transformar inquietações construídas ao longo da experiência profissional em questões de pesquisa, buscando compreender melhor a realidade educacional e contribuir para o aprimoramento das práticas pedagógicas.

Essa nova etapa tem ampliado minha compreensão sobre a importância da pesquisa científica na formação docente, sobretudo quando ela parte das experiências concretas dos professores e considera os desafios presentes no cotidiano das escolas públicas. Nesse sentido, o mestrado tem me proporcionado a oportunidade de articular minha história de vida, minha experiência profissional e os conhecimentos construídos ao longo da formação acadêmica, reconhecendo que a produção do conhecimento também nasce das perguntas que fazemos sobre a realidade em que atuamos.

Ao revisitar esse percurso, percebi que minha formação foi marcada por pausas, retomadas, mudanças de planos e novas escolhas. O período em que estive afastada da universidade não significou o abandono do desejo de aprender, assim como as possibilidades acadêmicas que não se concretizaram não representaram o encerramento dos meus projetos. Cada etapa contribuiu, à sua maneira, para a construção dos caminhos que percorri posteriormente. Hoje, compreendo que continuar estudando é também uma forma de reafirmar meu compromisso com a educação pública, com a valorização dos professores e com a construção de práticas pedagógicas mais humanas, críticas e transformadoras.

Assim, minha trajetória acadêmica permanece vinculada à busca por conhecimentos que façam sentido para minha vida e para minha atuação profissional. Mais do que alcançar novas titulações, desejo que cada experiência formativa amplie minha capacidade de compreender os

estudantes, refletir sobre minha prática e contribuir para uma educação que reconheça os sujeitos em sua integralidade. Continuar estudando significa, para mim, manter viva a disposição para aprender, questionar, transformar e encontrar novos sentidos para a profissão que escolhi exercer.

Quando a Educação Física entrou na minha história

No ano de 2016, ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins. Minha chegada à Educação Física foi acompanhada de uma visão inicialmente limitada sobre a área. Quando comecei o curso, eu associava a Educação Física principalmente aos esportes que conhecia: futebol, voleibol, basquetebol e outras modalidades esportivas, as aulas que tive durante toda a minha educação básica, como estudante.

Eu ainda não compreendia toda a dimensão educativa, cultural e social da área. Foi durante a graduação que essa visão começou a se transformar. O contato com diferentes componentes curriculares, professores, teorias e experiências acadêmicas possibilitou-me perceber que a Educação Física é muito mais ampla do que o ensino de modalidades esportivas. Passei a conhecer conceitos e discussões relacionados à cultura corporal de movimento, às brincadeiras, aos jogos, às danças, às lutas, às ginásticas, aos esportes e às diferentes formas de manifestação do corpo.

Esse processo provocou uma mudança importante na minha maneira de compreender a área. O corpo deixou de ser, para mim, apenas aquilo que executa movimentos. Passei a compreendê-lo como uma dimensão constitutiva do sujeito, atravessada pela cultura, pela história, pelas relações sociais e pelas experiências individuais e coletivas. Foi também nesse momento que comecei a perceber a aproximação entre minhas duas formações.

A Pedagogia havia me proporcionado conhecimentos relacionados aos processos educativos. A Educação Física acrescentava a esses conhecimentos uma nova dimensão: o corpo, o movimento e as práticas corporais como possibilidades de produção de conhecimento. A segunda graduação, portanto, não significou simplesmente acrescentar outro diploma à minha formação. Ela provocou uma transformação na maneira como eu compreendia minha própria profissão.

Da estudante à professora: uma identidade em construção

Atualmente sou professora de Educação Física efetiva da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC-TO), atuo em duas escolas de Ensino Fundamental na cidade de Miracema do Tocantins.

Ao refletir sobre minha trajetória, compreendo que minha identidade docente foi sendo construída e ressignificada ao longo das diferentes experiências que marcaram minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Suas primeiras bases foram estabelecidas no convívio familiar, onde aprendi valores que ainda hoje orientam minhas escolhas, e nas brincadeiras da infância, vivenciadas no quintal de casa, que despertaram em mim aprendizagens, descobertas e formas de compreender o mundo. Essa construção também se fortaleceu nas escolas em que fui estudante, nas experiências vividas durante a formação acadêmica, especialmente na graduação em Pedagogia, e nos desafios e aprendizados proporcionados pela maternidade, que ampliou minha compreensão sobre responsabilidade, cuidado, dedicação e persistência.

No campo profissional, cada experiência contribuiu para ampliar meus conhecimentos, desenvolver minhas habilidades e transformar minha maneira de compreender a educação. Entretanto, foi meu ingresso na Educação Física que trouxe novas perspectivas à minha formação e provocou uma importante reconstrução do meu olhar sobre os processos educativos. A partir dessa experiência, passei a compreender com maior profundidade o corpo, o movimento e as práticas corporais como dimensões essenciais da formação humana, reconhecendo que educar

envolve não apenas a construção de conhecimentos, mas também a valorização das experiências, das relações, das emoções e das diferentes formas de expressão dos sujeitos.

A formação em Pedagogia proporcionou-me fundamentos importantes para compreender os processos de ensino e aprendizagem, as relações estabelecidas no ambiente escolar e a complexidade do trabalho docente. Já a Educação Física ampliou essas possibilidades, permitindo-me reconhecer o potencial educativo das práticas corporais e sua contribuição para o desenvolvimento integral dos estudantes. Assim, essas duas áreas de formação não se apresentam como caminhos isolados, mas como conhecimentos que se complementam e se articulam em minha prática pedagógica, contribuindo para uma compreensão mais ampla da educação e do papel que desempenho como professora.

Essa trajetória também me ensinou que a docência exige abertura ao diálogo, disposição para aprender e capacidade de rever concepções e práticas. Ser professora não significa dominar todos os conhecimentos ou possuir respostas prontas para cada situação que surge no cotidiano escolar. Significa reconhecer-se como uma profissional em permanente formação, capaz de aprender com os estudantes, compartilhar experiências com os colegas, enfrentar os desafios da prática pedagógica e transformar as próprias experiências em oportunidades de reflexão e crescimento.

Dessa forma, compreendo que minha identidade docente permanece em constante construção, atravessada pelas experiências que vivi, pelos conhecimentos que adquiri, pelos desafios que enfrentei e pelas escolhas que fiz ao longo do caminho. Cada etapa dessa trajetória deixou marcas que se refletem na professora que sou hoje, ao mesmo tempo que abre possibilidades para novas aprendizagens e transformações. Ser professora, para mim, é reconhecer que a formação nunca se encerra, pois cada experiência vivida, cada encontro e cada reflexão contribuem para ressignificar minha maneira de ensinar, aprender e compreender a educação.

O sentido de olhar para trás: reflexões sobre a trajetória

Escrever este memorial tornou-se uma oportunidade de revisitar minha história e atribuir novos significados às experiências que marcaram minha trajetória. Ao olhar para o passado, percebo que acontecimentos que pareciam simples no cotidiano contribuíram, pouco a pouco, para a construção da mulher, da estudante e da professora que sou hoje.

A menina que brincava de casinha no quintal não imaginava que, anos mais tarde, encontraria na educação uma parte tão significativa de sua vida. A estudante da escola pública não dimensionava as possibilidades que surgiriam com o ingresso na universidade. Da mesma forma, a jovem que conciliou maternidade, trabalho e estudos não poderia prever todos os desafios que enfrentaria, nem as oportunidades que encontraria ao longo do caminho.

Minha trajetória não ocorreu de maneira linear. Houve mudanças de planos, escolhas que precisaram ser revistas e momentos em que foi necessário encontrar novas formas de seguir em frente. Ao reunir essas lembranças, compreendo que minha identidade foi sendo construída nas relações, nas oportunidades, nos desafios e nos significados que atribuí às experiências vividas.

Olhar para trás, portanto, não significa idealizar o passado, mas compreender como ele participa do presente. Esse exercício permitiu-me valorizar as conquistas, reconhecer os aprendizados e perceber que cada etapa teve sua importância, inclusive aquelas cujo sentido só consegui compreender com o passar do tempo.

Considerações finais: uma história que continua

Ao concluir este memorial, compreendo que minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional constitui um processo contínuo de formação. Minha origem familiar, as brincadeiras da infância, a passagem pela escola pública, a maternidade, as experiências de trabalho e as graduações em

Pedagogia e Educação Física são partes de uma mesma história e contribuíram, de diferentes maneiras, para a professora que me tornei.

A formação não aconteceu de maneira linear nem seguiu um roteiro previamente definido. Entre pausas, mudanças de direção e novas possibilidades, aprendi que ser professora exige disposição para continuar estudando, refletir sobre a própria prática, dialogar com os estudantes e colegas e rever concepções sempre que necessário. Minha história pessoal não está separada da minha história docente: os valores, as relações e os desafios vividos também influenciam a maneira como compreendo a educação e atribuo sentido ao trabalho pedagógico.

Atualmente, como mestranda busco articular as experiências construídas ao longo da vida com a pesquisa e a reflexão sobre a realidade escolar. Desejo que essa formação contribua para aprofundar meu olhar sobre a Educação Física, o lazer e o bem-estar docente, bem como para construir práticas pedagógicas mais humanas, críticas e inclusivas.

Minha trajetória permanece aberta a novas aprendizagens e transformações. A menina que brincava no quintal, a estudante da escola pública, a mãe, a pedagoga, a professora de Educação Física e a pesquisadora em formação não são pessoas distintas, mas dimensões de uma mesma existência, conectadas pelas experiências que vivi e pelos conhecimentos que construí.

Esta é a minha história: uma trajetória de formação, transformação e recomeços. Sigo levando comigo as marcas do passado, as aprendizagens do presente e a disposição para continuar aprendendo, ensinando e pesquisando, na direção da professora que sou e daquela que ainda desejo me tornar.

REFERÊNCIAS

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 1997.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAPÍTULO 3

O QUE FLORESCEU PELO CAMINHO: MEMÓRIAS DE VIDA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Idenilde Maciel Rodrigues

Apresentação Pessoal

Sou Idenilde Maciel Rodrigues, tenho 25 anos, filha de Francimilde Maciel de Oliveira, dona de casa, e de Jusselino da Silva Rodrigues, soldador. Nasci e morei em Porto Franco/MA até os 22 anos de idade. Sou professora de Educação Física, concursada no Estado do Tocantins, lotada no Colégio Cívico-Militar Domingos da Cruz Machado, em Araguaína, cidade onde construo diariamente minha trajetória profissional.

Atualmente, sou mestranda pelo PROEF, conciliando os desafios da docência com os da vida acadêmica. Carrego o orgulho de onde vim, a consciência de quem sou e a coragem de buscar tudo aquilo que ainda desejo ser.

Vivência Escolar/Acadêmica

“Porque o passado me traz uma lembrança do tempo em que eu era criança” (Cazuza; Frejat, 1999), cheia de sonhos, ideias, criatividade. Me recordo da empolgação de tocar nos materiais escolares antes das aulas começarem mesmo sendo tão simples: lápis, borracha e um caderno de capa mole. Não era da Moranguinho como eu queria, nem mochila de pneuzinho, mas era bom brincar de escolinha com os materiais escolares.

Durante minha trajetória na educação básica, as aulas de Educação Física eram organizadas em dois momentos: as aulas teóricas, realizadas em sala, e as práticas, que aconteciam no contraturno escolar, em dias

diferentes para meninos e meninas. As atividades práticas se resumiam, em grande parte, à realização de exercícios físicos e ao famoso “jogar bola”. Embora eu não fosse uma aluna muito habilidosa nos esportes, adorava correr atrás da bola, movimentar-me e gastar energia. Também participava das apresentações de dança e das tradicionais festas juninas, momentos dos quais guardo boas lembranças.

Nesse período, tive a oportunidade de participar do Programa Mais Educação, que ampliou minhas experiências para além das aulas regulares, proporcionando meu primeiro contato com atividades como dança, teatro, xadrez e recreação, entre outras. Hoje, ao revisitar essas memórias, percebo que, mesmo diante das limitações das aulas de Educação Física daquela época, essas vivências contribuíram para minha formação e despertaram em mim o interesse por diferentes manifestações da cultura corporal.

Quando concluí a educação básica, tinha duas possibilidades de cidades para cursar o ensino superior: Imperatriz, na UFMA ou na UEMA, e Tocantinópolis, na UFT. Como não tinha condições financeiras de morar sozinha em Imperatriz, optei pela UFT. Utilizei minha nota do ENEM para me inscrever no SISU, escolhendo o curso de Licenciatura em Educação Física, no qual fui aprovada em 1º lugar na ampla concorrência.

Escolhi esse curso entre as quatro opções que tinha disponíveis. Se houvesse o curso de Bacharelado em Direito, provavelmente o teria escolhido, mas ele só chegou ao Câmpus de Tocantinópolis anos depois. Hoje, porém, percebo que a Educação Física era o que eu realmente queria, pelos conhecimentos adquiridos, pelas experiências vivenciadas e, principalmente, pela descoberta de que essa área é muito mais ampla do que aquilo que tive a oportunidade de conhecer durante minhas aulas de Educação Física na educação básica.

Esse registro abaixo (Figura 1), foi no dia em que minha turma de educação física colou grau, eu já estava aprovada no concurso municipal de Porto Franco na minha área e em Araguaína. Minha mãe, pai e irmã foram prestigiar esse momento, que representa algo que eu sempre quis e cobrei de mim mesmo, ser uma mulher, formada, independente, buscar

conquistar minhas coisas de forma honesta, respeitando o tempo, o processo que leva para alcançá-los.



Acervo Pessoal

Trajetória Profissional

Durante a minha graduação, lá pelo 5º período, eu trabalhava durante o dia numa escola de tempo integral chamada Valério Miranda, na Vila Lobão, em Porto Franco, bairro pobre e marginalizado. Meu primeiro emprego foi como cuidadora. Eu cuidava de uma menina com TEA. Ela tinha um irmão e uma irmã; eram trigêmeos. As duas meninas se pareciam fisicamente e ambas tinham autismo, mas o menino não. Nessa experiência, eu percebi o quanto a inclusão se faz necessária, para as crianças desenvolverem o convívio e respeito com as diferentes divergências.

Depois de um tempo, eu pedi à diretora da escola que me desse uma oportunidade como professora rotativa, eu não tinha experiência nenhuma como professora, mas ela concordou em me dar aquela chance, me lembro da frase que ela falou pra vice-diretora “se ninguém estender a mão e dar uma oportunidade, ela nunca vai ter experiência” e foi a partir daí que me tornei uma professora, soube o que era enfrentar uma sala de aula sozinha, como era desafiador ter domínio de turma, lidar com alunos, mediar conflitos, ouvir os fuxicos das crianças tudo isso era novo.

Ao longo da vida, compreendi que nem sempre estaremos preparados para os desafios que surgem em nosso caminho. Muitas vezes, esperamos pelas condições ideais, pelo momento oportuno ou pela segurança de que tudo dará certo. Entretanto, como afirma Estés (2018, p. 235), “Todos os ‘não estou pronto’, todos os ‘preciso de tempo’ são compreensíveis, mas apenas por um curto período. A verdade é que nunca há um ‘completamente pronto’, nunca há realmente um ‘momento certo’”. Assim, percebo que amadurecer também significa encontrar coragem para começar, mesmo diante das incertezas.

Lá tive dois parceiros que fizeram grande diferença na minha experiência profissional, professores Alice e Elias, éramos um trio de professores rotativos, significa que ministrávamos as disciplinas diversificadas, as legais, como educação física, esporte e recreação entre outras, também planejamos muitos projetos juntos como cabelo maluco, asas livres que era uma competição de soltar pipa, projeto da Páscoa.

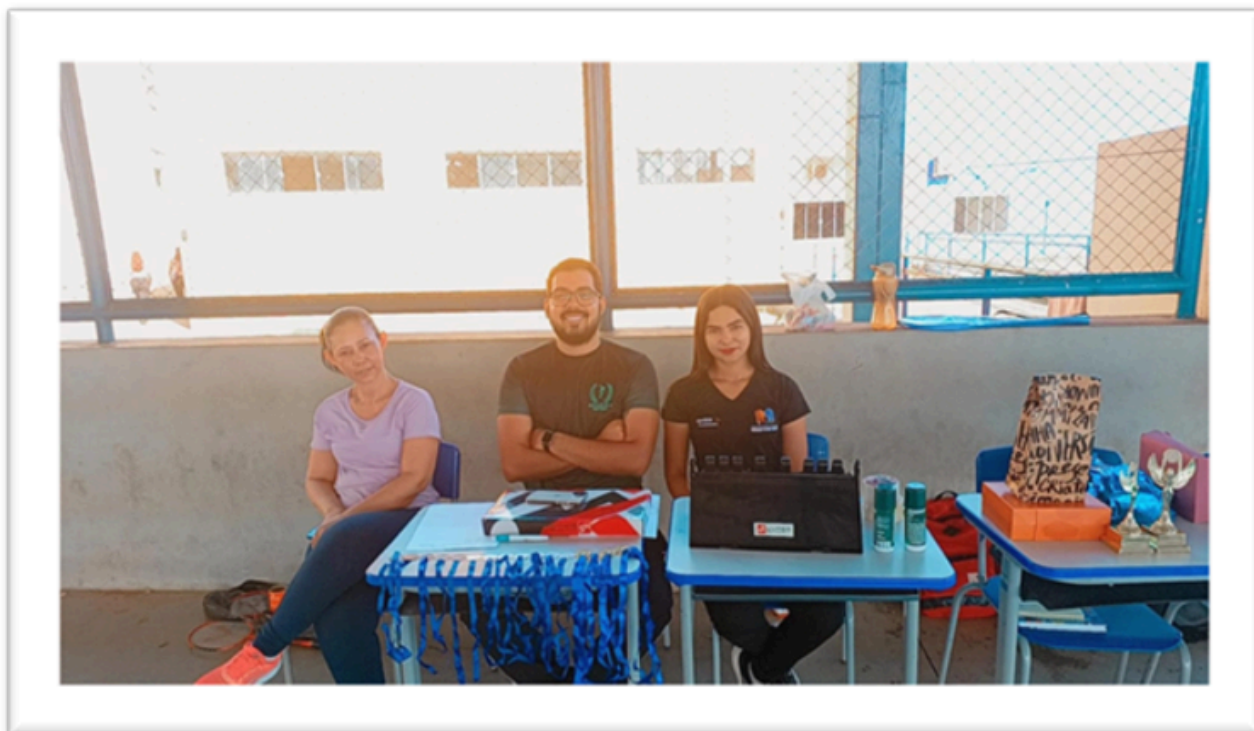
Também nesse mesmo ambiente, teve uma professora muito especial que fez parte da minha história, a professora Fabiana, ela morava na frente da minha casa, ou seja, era minha vizinha, ela me incentivou e ajudou nesse processo, que não é fácil. Ser professora é um desafio, por isso eu busco continuar melhorando e me capacitando através dos estudos. Essa foto (Figura 2) é um dos registros com ela. Foi na última confraternização de que participei nessa escola. O tema da festa era anos 60 e eu usei o mesmo vestido da apresentação de dança que fiz no 3º ano do ensino médio.



Sou grata por cada aprendizado, lição e experiência, em 2024 no final de abril me mudei pra Araguaína por causa do meu concurso, fiquei por uns dias na casa do seu João com a família dele, que é um conhecido da minha família, até conseguir minha lotação na escola que estou e uma casa para alugar, ia trabalhar os primeiros dias ia e voltava de Maxim, até meus pais conseguirem trazer minhas coisas para a cidade, minha moto e móveis.

Conheci meus alunos, eram turmas de 8º, 9º, 1º e 2º ano era bem diversificado o que me proporcionou experiência com faixas etárias diferentes, além disso, tinham as turmas de eletiva esportiva, no início não

entendia muito essa disciplina, mas com o tempo tudo foi se esclarecendo e fiz a culminância das duas eletivas que era Jogos e Brincadeiras e a outra era Badminton, nessas de Badminton eu organizei um pequeno torneio com duplas, feminino, masculino e misto, tive o apoio de dois colegas professor Raphael de educação física e Alessandra coordenadora de esportes da escola. Registro dessa culminância abaixo (Figura 3).



Também tive a oportunidade de atuar no Programa Esporte na Escola, uma iniciativa voltada ao treinamento desportivo, desenvolvida no contraturno escolar, que contempla modalidades como voleibol feminino e masculino, futsal masculino e xadrez.

Nesse programa, os estudantes se matriculam nas modalidades de seu interesse, buscando aprender, desenvolver suas habilidades, aperfeiçoar suas técnicas e participar de competições escolares, tendo também a oportunidade de representar a escola. Essa experiência contribuiu significativamente para minha trajetória docente, permitindo-me acompanhar o desenvolvimento dos estudantes, reconhecer suas

potencialidades e compreender o esporte como um espaço de aprendizagem, convivência e formação.

Atualmente, ministro aulas de Educação Física para as turmas do 7º ano e também atuo com as eletivas esportivas, sendo uma turma do 8º ano, uma do 9º ano e duas do 7º ano. Confesso que, ao longo da minha trajetória, aprendi a gostar e a me identificar cada vez mais com essas turmas, especialmente com os estudantes do 7º ano. São crianças cheias de energia, entusiasmo, curiosidade e disposição para participar das atividades.

A maneira como vibram, interagem e demonstram gostar das aulas de Educação Física torna minha prática docente mais dinâmica e significativa. Com o tempo, fui compreendendo que ensinar também é aprender a conhecer, acolher e valorizar as particularidades de cada turma. Hoje, percebo que essa convivência não apenas fortalece minha relação com os estudantes, mas também contribui para a construção da professora que venho me tornando.

Reflexões finais

Ao revisitar minha trajetória, percebo que cada experiência vivida, cada desafio enfrentado e cada conquista alcançada contribuíram para a construção da pessoa e da professora que sou hoje. A menina que um dia brincava de escolinha, com seus lápis, borracha e caderno, talvez não imaginasse os caminhos que percorreria, mas já carregava dentro de si o desejo de aprender e ensinar.

Hoje, ao ingressar no PROEF, compreendo que essa caminhada está longe de terminar. Ainda tenho muito a aprender, a questionar e a transformar, tanto em minha prática docente quanto em mim mesma.

Encerro este memorial não como quem conclui uma história, mas como quem reconhece a beleza de continuar escrevendo-a. Afinal, ainda sou aquela menina cheia de sonhos, com a diferença de que hoje tenho a oportunidade de realizar muitos deles.

REFERÊNCIAS

CAZUZA; FREJAT, Roberto. Poema. Intérprete: Ney Matogrosso. In: MATOGROSSO, Ney. **Olhos de farol**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1999. 1 CD, faixa 6.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

CAPÍTULO 4

DA BEIRA DO RIO TOCANTINS NO MARANHÃO AO PROEF: MEMÓRIAS DE VIDA, DE RESISTÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ivanilson Ribeiro Mousinho

“A educação sempre encontrou um jeito de me reconquistar.”

Introdução

Relatar minhas memórias escolares exige retornar a uma trajetória familiar profundamente atravessada pela fé, pela pobreza, pela força da minha mãe e pela compreensão de que a educação sempre foi o único caminho possível para transformar nossa condição de vida. Ao revisitar essa história, percebo que minhas vivências escolares não podem ser separadas da realidade social, econômica e emocional que marcou a minha infância e adolescência. Não é fácil escrever sobre nós mesmos. Como analisa Cunha (2023), “ao escrever a vida em um memorial, os ritos de passagem e de consagração transmutam-se em uma trama narrativa que passa por um trabalho de socioanálise e, portanto, de objetivação da nossa posição social no mundo” (CUNHA, 2023, p. 1).

Raízes familiares e a educação como caminho

Minha mãe casou-se aos 18 anos, na cidade de Riachão-MA. Um ano depois, com 19 anos, teve a primeira filha. Eu sou o quinto e último filho, nascido quando ela já tinha 37 anos, no dia 26 de fevereiro de 1982, às 14h,

na cidade de Carolina-MA. Meus pais sempre trabalharam em roças de patrões, como meeiros, diaristas ou trabalhadores temporários. Em 1966, mudaram-se para Carolina e passaram a morar no Bairro da Olaria, uma comunidade às margens do rio Tocantins, onde minha família possuía terras para fabricar tijolos, telhas e outros produtos de barro de forma artesanal. Ali também se plantava a maior parte do alimento que consumíamos: arroz, feijão, maxixe, fava, quiabo, abóbora, banana, melancia, manga, tudo o que fosse possível cultivar nas ribanceiras férteis do rio.

O Rio Tocantins era muito mais que geografia: era a fonte de água potável, banho, lavagem de roupas e sustento diário. Meu pai era oleiro e essa era a principal atividade trabalhista da família. As condições de estudo, contudo, eram quase inexistentes. Minha irmã mais velha só conseguiu entrar no jardim de infância com sete anos, com dois anos de atraso.

A comunidade havia perdido a única professora, retirada pelo prefeito da época. Foi então que minha mãe, analfabeta absoluta ou total, mas consciente da importância da educação, decidiu que não permitiria que os filhos repetissem sua história. Ela ameaçou voltar para Riachão se meu pai não buscasse condições melhores para que os filhos estudassem.

Nesse processo, ela descobriu que meu pai havia comprado um barracão na cidade e o cedido a outra família.

Sem esperar por ele, minha mãe mudou-se sozinha com os filhos para essa casa simples. Ela se desdobrava lavando roupas para fora, fazendo faxinas, aprendeu a costurar, reformava roupas, fazendo pequenos consertos, ajudava alguns idosos da rua, garantindo que permanecêssemos na escola. Meu pai, quase sempre ausente em longas empreitadas de meses fazendo cercas e demarcações para fazendeiros ricos do Tocantins, deixava pouco ou nenhum dinheiro. Ele dizia: “Eu não conheço ninguém rico que tenha estudado tanto. Se quiser filho doutor, não será com dinheiro meu.”

Mesmo analfabeta, minha mãe tinha um único sonho: ver seus filhos estudando. Apesar disso, vivíamos em condições extremamente precárias. A

casa não tinha banheiro; usávamos privadas improvisadas (latrinas). Havia apenas uma torneira, um chuveiro simples, um fogão a gás velho para pouco uso devido às constantes reclamações do meu pai não utilização devido ao consumo do gás e um fogão a lenha dentro de casa. Muitas vezes faltava gás, luz, alimentos e itens básicos de higiene. Meu pai controlava tudo: desligava a televisão logo após o Jornal Nacional, apagava as luzes se não estivesse no ambiente, guardava dinheiro debaixo do colchão e impedia qualquer retirada, mesmo para necessidades básicas.

As transformações reais começaram quando minha irmã, que durante a infância chegou a ser considerada “diferente” e rejeitada pelo meu pai, concluiu o magistério e se tornou a primeira da família a ingressar no ensino superior, formando-se em Letras. Foi ela quem me alfabetizou em casa, quando eu ainda tinha menos de cinco anos, enquanto dava aulas particulares, durante todo esse processo, a forma com ela ensinava, preparava as atividades, me despertava o cuidado, o capricho e de alguma forma me fazia querer ser professor, gostava muito de replicar, criando atividades como ela fazia, até mesmo a letra linda que ela possui, eu por anos no futuro a utilizava, escrevendo muito próximo à sua caligrafia.

Primeiras experiências escolares: entre a exclusão e o pertencimento

Com cinco anos, em 1987, entrei no jardim de infância em um colégio particular de freiras, em Carolina, chamado Colégio Dom Emiliano Lonati. Apesar do esforço enorme da minha mãe, tenho lembranças difíceis desse período. Eu chorava muito para não ficar na escola quando era levado pelos meus irmãos para a aula. Não me sentia pertencente àquele espaço: percebia, mesmo tão pequeno, as diferenças de tratamento entre crianças de classes sociais distintas e sentia humilhação e exclusão. O mais interessante é que, com apenas cinco anos de idade, eu já tinha essa percepção de que não pertencia àquele lugar, pela forma de tratamento, pelos olhares e pelas obrigações para fazer parte de tudo que era exigido ali.

Sofria muito todos os dias para sair de casa e, o mais impressionante, é que tenho essas lembranças muito claras até hoje: a fisionomia da professora, das freiras gestoras e dos castigos aplicados a alguns colegas. Lembro, por exemplo, da irmã diretora do colégio prendendo um colega com fita durex na carteira, bem amordaçado, e de coleguinhas que eram humilhadas. Também me vêm lembranças de ter visto os “riquinhos” jogando colegas no vaso sanitário, e isso virar motivo de risos e chacotas. Eu era uma criança muito observadora, característica que trago comigo até hoje. Era uma escola de ensino bom, com estrutura física de convento e muito respeitada até hoje pela qualidade do ensino, motivo de orgulho para quem fez toda a trajetória estudantil naquele lugar, fato que não é o meu caso. Se não me falha a memória, a escola ofertava até o ensino médio.

Aos seis anos, em 1988, cursei a alfabetização ainda no Colégio Dom Emiliano Lonati. O ensino era muito bom, mas eu continuava sem o sentimento de pertencimento e com muita vontade de ser retirado dali pela minha mãe. Nesse mesmo ano, lembro de uma peça teatral da qual deveria participar. A obra era Branca de Neve. Eu seria um dos caçadores e teria que levar, como prato exigido, uns pastéis. Era outro grande drama, porque lutávamos para pagar aquela escola, mal conseguíamos arcar com tudo de que eu precisava e ainda teria que comprar lanche e me ornamentar como caçador para a encenação.

Todos os colegas que interpretariam também o papel de caçadores deveriam levar uma arma de brinquedo e, como sempre, eu não tinha condições para tal. Nos ensaios ninguém utilizava, então nem tinha despertado para esse detalhe. No momento da apresentação, quando os caçadores deveriam apontar suas armas, todos sacaram as suas. Adivinha quem não tinha? [rsrsrs] Sim, eu mesmo. Naquele momento, fui motivo de risadas e apontamentos dos colegas. Lembro bem de todos gritando para eu apontar os dedos, encenando com a mão como se eu estivesse com a arma. Ali foi meu último suspiro como aluno daquele lugar. Pedi para sair da escola. Finalizou o ano, conclui a alfabetização e no ano seguinte, minha mãe me retirou, pois seria 1ª série e escola particular, livros comprados, uniforme caro e tudo aquilo que me fazia sentir infelicidade em estar ali como aluno.

A escola pública e as marcas do meu aprendizado

Fui matriculado em uma escola municipal, onde cursei a 1ª e a 2ª séries, nos anos de 1989 e 1990, na Escola Operária Rui Barbosa. Eram tempos de muita prática pedagógica tradicional. Hoje vejo que eram práticas pouco diversificadas; não se falava em metodologias ativas, protagonismo estudantil ou proatividade dos alunos. Mesmo assim, de certa forma, foram muito eficientes para o meu aprendizado. Inclusive, há situações daquela época que hoje, como professor, tenho vontade de implementar em alguns momentos nas minhas aulas, porque vejo que fazem falta, embora eu também entenda que muita coisa já não cabe mais na educação atual.

Tínhamos cadernos de cópia, de ditados, de tabuadas, cópias de textos para posterior leitura, exercícios constantes, pois nesta escola as férias escolares de julho passávamos toda com muitas atividades nesses cadernos, por exemplo trazer “tantos” textos no caderno de cópias para agosto, a mesma coisa no caderno de tabuada, no retorno em agosto trazer “tantas” repetições escritas a mão de tais tabuadas, eram repetições que levavam à exaustão e que nos fazia planejar os dias de férias com o tempo para execução dessas atividades para ter “problemas” com as professoras e direção da escola na volta às aulas por não ter cumprido as atividades obrigatórias para fazer nas férias e entregar no retorno.

Aprendíamos por repetição, às vezes castigos, idas ao quadro de giz para responder escrevendo, ditados para de palavras para aprender a escrita correta, muita leitura em sala para aprender a ler. Um detalhe interessante que lembro até hoje, era que líamos o que escrevíamos nos cadernos de cópias, fato que nos obrigava a escrever melhor e que também nos fazia utilizar muito de cadernos de caligrafias, eram utilizados em todos os minutos finais em final de aula, ou como castigo, nas outras disciplinas, na época chamada “matérias” era muito leitura, provas orais, questões às vezes que tínhamos que escrever, não me lembro nessa época de nenhuma atividade, prova (avaliação) com questões de múltipla escolha,

sempre tínhamos que escrever muito para responder, todas as questões dependeriam da nossa escrita sobre o que aprendemos nas aulas e leituras dos conteúdos. Lembro que, já na 2ª série, todos nós líamos e escrevíamos muito bem.

A 3ª e a 4ª séries, nos anos de 1991 e 1992, cursei em uma escola pública estadual, a Unidade Escolar Américo Aires. Ali fiz novas amizades e descobri disciplinas diferentes, com uma complexidade maior de conteúdos e atividades. Havia muitos trabalhos em grupo. Nós nos juntamos para elaborar atividades em cartolina, usando muito aquelas areias brilhantes que chamamos de purpurina. Cobrimos as letras, todas escritas à mão, e apresentamos os trabalhos na frente da turma, como pequenos seminários. O melhor de tudo isso foi uma liberdade que eu ainda não conhecia na vida escolar. Aquelas atividades aguçavam a criatividade e nos levavam a pesquisar fora de casa. Passávamos dias na biblioteca pública da cidade, copiando à mão, em folhas de papel pautado, os textos das antigas enciclopédias Barsa. Lembro dos calos nos dedos de tanto escrever. Era trabalhoso, mas fazia parte da nossa forma de pesquisar antes da internet.

Alguns desses trabalhos eram nas casas de colegas, mas a casa onde todos mais gostavam era a minha, mesmo ela sendo totalmente “estiorada” como falamos lá no meu interior do Maranhão, com significado de muito estragada, muito feia, acabada e sem muitas condições de vida com dignidade, mas era a minha casa e nunca escondi como eu e minha família vivíamos.

Nesta escola, eu me sentia pertencente ao ambiente, na escola pública, onde todos pareciam estar no mesmo contexto social, sentia-me fazer parte. Em Carolina, o ensino primário ia até a 4ª série; a partir daí, seguia-se para o ginásio.

Adolescência, desafios e o encontro com a educação física

Da 5ª a 8ª série do chamado ginásio na época, nos anos compreendidos entre 1993 a 1996, estudei no Colégio do Sertão Maranhense, a principal escola estadual da cidade, que funcionava em três turnos, com salas cheias, pouca ventilação, escassez de livros didáticos e professores

que trabalhavam com giz e apagador. A merenda escolar era, muitas vezes, inexistente ou de má qualidade. Ainda assim, era um espaço onde a aprendizagem acontecia, mesmo diante da precariedade, reflexo da histórica de negligência política com o interior do sul do Maranhão.

Entre a 5ª e a 8ª série, vivi alguns dos melhores e também dos piores anos da minha vida escolar. Não era apenas a chegada de novas disciplinas, cada uma com seus professores. Era também a idade, a puberdade, as descobertas sobre sexualidade e a falta de compreensão, naquela época, sobre diversidade. Passei por momentos muito difíceis de descobertas sobre mim mesmo e, principalmente, por situações em que os outros percebiam e apontavam coisas que eu ainda não compreendia ou aceitava. Muitas vezes fui colocado em situações vexatórias e de humilhação simplesmente por ser quem eu era, mesmo sem entender tudo aquilo naquele momento.

Sempre fui considerado um bom aluno: participativo, dedicado, envolvido em tudo o que a escola propunha. Tive professores que foram fundamentais para minha formação ética e emocional. No entanto, a 7ª e a 8ª séries marcaram o período mais difícil da minha vida: perdi dois irmãos, um por suicídio e a outra, um ano depois, que era a melhor amiga da primogênita. Esse luto devastou nossa família, vivenciar um luto de mãe em depressão profunda, sem dormir o ano inteiro com uivos de choro e sofrimento a noite, sendo a pessoa mais importante da sua vida e nessa fase de transição da pré adolescência para adolescência me transformou: tornei-me agressivo, rebelde, desmotivado e quase reprovei em matemática. O cuidado dos meus professores e a força da minha mãe foram o que me manteve de pé.

Nessa época também, foi onde de fato tive contato com a Educação Física, com aulas que aconteciam nos contra turnos, como eu estudava no período matutino, minhas aulas de educação física aconteciam nos finais do dia do período vespertino, os dias da educação física masculino e feminino eram separados, usávamos uniformes idênticos e não participávamos da aula sem o uniforme completo. Nessa educação física,

quando não se conhecia ou comentava sobre Professor de educação física formado, as aulas eram de muito exercício físico, uma hora e meia a duas horas com corridas pelas ruas da cidade, pista do aeroporto, subir ladeiras imensas da beira rio, exercícios livres e globais de força e resistência na quadra.

Éramos obrigados a executar e resistir exaustivamente toda a série ensinada ali pelo professor, o detalhe era que, se não conseguisse executar tudo da forma correta, da mesma forma não conseguir completar todo o percurso de corrida junto ao grupo, chegando depois, passaria pelo chamado, conhecido e temido “corredor da morte”, que nada mais era que, todos os participantes, da aula faziam um corredor, tiram as camisas e os retardatários ou os que não conseguiam acompanhar o ritmo da maioria da turma dentro do ritmo imposto pelo professor, esse aluno passaria no meio desse corredor enquanto os colegas com suas camisas, batiam em quem passava no meio.

Por mais que pareça absurdo tudo isso, ainda mais nos tempos atuais, eu gostava das aulas de educação física, pois sempre gostei muito dos exercícios físicos e das aulas focadas em condicionamento físico, e resistência... Este mesmo professor que foi meu primeiro professor de educação física, foi quem abriu a primeira academia de musculação da cidade onde eu treinei, depois disso eu me formei em Educação Física antes dele e por vários momentos dei suporte a ele em atividades acadêmicas relacionadas ao curso na sua formação com professor de educação física.

Hoje, olhando para trás e já como professor de Educação Física, consigo separar o que eu gostava naquelas aulas - o exercício, o movimento e o desafio - de práticas de punição e exposição que não considero adequadas para a escola. Essa mudança de olhar também faz parte da minha formação. Darido (2018) chama atenção para uma Educação Física escolar que não fique apenas no fazer por fazer, mas que também ensine sobre esse fazer e dê sentido ao que o aluno aprende.

Sempre tive na veia esse gosto pelos exercícios físicos, muito alimentado pela minha segunda irmã, que me colocava sempre junto a ela

em suas rotinas de exercícios em casa, já que na época era auge de as mulheres se exercitarem com alongamentos, ginásticas aeróbicas e com exercícios localizados... maior detalhe disso tudo era e homens e mulheres não utilizavam os mesmos espaços e horários para suas práticas de exercícios físicos.

Ensino Médio, trabalho e incertezas sobre o futuro

Retomando a vida estudantil, logo após o “ginásio”, para ingressar no ensino médio, na única escola pública da cidade para essa fase, era preciso fazer uma prova e obter média acima de 7,0. Caso contrário, o aluno ficaria sem estudar, a não ser que atravessasse o rio para Filadélfia-TO, onde a média exigida era 5,0. Passei na prova e entrei no Centro de Ensino Médio Luzia Ayres Maranhão, referência regional na época e até hoje. Cursei o ensino médio nessa escola entre os anos de 1997 e 1999.

Era uma escola exigente, de grandes e lendários educadores locais, nenhuma escola particular da cidade alcançava o nível daqueles e daqueles professores e professoras. Era a escola onde todos que buscavam um futuro melhor através da educação tentavam estar, mas, como todas as demais, sem livros didáticos, sem uniforme e com aulas apenas noturnas. Nesse período, minha rotina era trabalhar o dia inteiro com minha mãe na beira do rio, lavando roupas, carregando trouxas na cabeça, estendendo roupas, fazendo “mandados” para ganhar uns trocados e conseguir comprar materiais escolares. Também enfrentei pressões emocionais e psicológicas por não ter condições de adquirir os livros e itens solicitados pelos professores.

Além disso, vivia a angústia de não enxergar perspectivas de futuro, já que não havia universidades próximas e terminar o ensino médio era desesperador, era uma cidade pequena, com condições financeiras precárias, sem oportunidades e pouco se falava em cursar uma graduação em nível superior, até então, na realidade à qual eu pertencia, o ensino médio era o fim, dali por diante conseguir um emprego de carteira assinada ou não, em alguma loja, oficina, trabalhar na Grande Empresa PIPES, com

muitas oficinas, cuja principal atividade era a fabricação de balsas que atravessam veículos de vários portes, é o principal meio de ligação entre os estados na região norte do estado do Tocantins e vários outros rios que ligam várias cidades também do Pará/ Tocantins, Tocantins/Maranhão, maior empresa da região ou como única saída buscar os grandes centros como Goiânia ou Brasília buscando subsistência ou mesmo o que seria o futuro, mas nada em mente de continuar estudos.

Da academia à escolha pela educação física

Terminando o ensino médio tive algumas tentativas de morar em Goiânia, fui para tentar trabalho, com a meta de estudar para concurso e se surgisse oportunidade ingressar numa universidade, Essa tentativa também buscava suprir uma necessidade de um irmão, o terceiro dos cinco que sempre sofreu com alcoolismo e estava passando por algumas situações que precisa de suporte e de apoio de alguém mais próximo, mas nem sei se alguém poderia ser eu mesmo, pois sou o último dos cinco, não próximo de nenhum deles a nível de amizade fraterna mas eu parecia ser a única opção para acalmar o coração de minha mãe.

Não deu certo, retornei para Carolina e passei a frequentar, a treinar uma academia que era conhecida pelas aulas de ginástica que a proprietária ministrava. Eu treinava fazendo meus exercícios como aprendi antes e as mulheres começaram a pedir para fazer aula comigo, daí por diante, as aulas da proprietária começaram a esvaziar e ela me convidou sem formação para deixar as mulheres fazerem aula comigo e não cobraria mais as mensalidades, foi quando iniciei de fato ser reconhecido como um professor de educação física e também como professor da educação básica pela cidade

Nesse intervalo, como sempre gostei e pratiquei muito exercícios físicos, eu já treinava e como tinha esse histórico de fazer aulas com minha irmã, a segunda dos cinco, que me levava onde as mulheres treinavam ginástica aeróbica e localizada, eu já comecei a dar aulas também, por elas gostarem dos exercícios e como eu executava, isso com ginástica localizada fui me encontrando e aparecendo na cidade.

A partir daí recebi convites de bandas para dançar, então além de substituir professores em sala de aula de diversas disciplinas para faturar um pouquinho, isso me deu muita bagagem de sala de aula, também trabalhei por sete anos nessa academia e nesse mesmo tempo fui dançarino de bandas, no auge das bandas de forró e calypso, nessa trajetória, fiz muitos cursos e estudei muito na área do bacharel, das recreações e jogos e dança, tanto escolar como também de salão e tudo de que eu pudesse me apropriar para minha vida profissional, e sempre a escola me puxando de volta, que fosse para as salas de aula com conteúdos teóricos das mais diversas disciplinas ou que fosse relacionado à educação física, à dança ou feiras culturais.

Em 2007, resolvo parar tudo e investir na minha formação em educação física, iniciando neste mesmo ano e finalizando em 2010, formando em 2011. Essa é a primeira graduação em nível superior, Licenciatura em Educação Física pelo ITPAC- Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, hoje - AFYA -Faculdade de Ciências Médicas de Araguaína, da minha turma, eu e mais 19 fomos os selecionados para a avaliação ENADE- Avaliação do MEC para cursos superiores, que deu a nota que o curso precisa para ser aprovado pelo MEC, nesse sentido os diplomas ainda eram emitidos pela UFT e mesmo minha grade sendo de um curso de Licenciatura Plena, os certificados eram emitidos como apenas licenciatura, mas para o CREF - Conselho Regional de Educação Física, quando apresentado o histórico e todos os documentos da formação acadêmica, o registro no conselho entende automaticamente que a habilitação de atuação é tanto bacharel com licenciatura.

Formação Superior: estradas, travessias e permanência

Durante todo o primeiro ano de faculdade eu tentei permanecer na minha cidade, ia e voltava todos os dias de Carolina a Araguaína, numa pequena van que saía de Filadélfia que levava também estudante daquela cidade para as instituições de ensino superior da cidade de Araguaína, um sofrimento, pois tínhamos o desafio de conseguir chegar todos os dias nas

idades com aquela van que quebrava todos os dias na estrada e outro, ainda pior, que era a travessia depois de meia noite para chegarmos em Carolina, pois a travessia só era possível se tivesse caminhões de grande porte para atravessar, se estes não aparecessem o dono da empresa não autorizava que a balsa atravessasse apenas conosco, estudantes, por várias vezes viramos a madrugada na beira rio, com frio, esperando a possibilidade de travessia.

Depois criamos uma comissão da van, realizamos alguns eventos, buscamos parceria com a empresa, negociamos valores, contratamos uma van maior que também nos colocava como pertencentes daquela jornada. Porque passávamos por situações em alguns dias das pessoas da cidade vizinha não nos deixavam entrar na van para viajar. Alegando que era deles, da cidade deles e que nós éramos intrusos aproveitadores, mesmo pagando mensalmente aquela taxa instituída. Depois dessa organização, onde firmamos contratos, instituímos regimento de uso. Pois para mim era uma jornada muito difícil arcar com as despesas do transporte, da mensalidade da faculdade que era particular aulas de segunda a sábado e projetos de extensão e estágios nos domingos, muitos gastos e ainda trabalhando na academia todos os dias até a hora de atravessar o rio para pegar o transporte. Eram mais de 200 km rodados por dia, depois de um dia inteiro de trabalho e dificuldade de travessia nos retornos nas madrugadas.

Ficou insustentável com um salário mínimo, me manter na minha cidade Carolina e indo todos os dias para estudar em Araguaína, foi quando decidi em 2008 mudar de vez para Araguaína, peguei a estrada com uma caixa de papelão e uma compra do mês e um valor em dinheiro para pagar o primeiro aluguel e despesas da casa dividindo com mais dois amigos da faculdade que eram de outras cidades. Cheguei num sábado na terça-feira da semana seguinte fui deixar currículo numa academia, nessa visita fiquei trabalhando e um mês depois ingressei na instituição FIETO, Casa SESI como estagiário e lá fiquei por 16 anos, em 2024.

Durante os 16 anos em que trabalhei no SESI, instituição integrante do Sistema FIETO, minha vida profissional ganhou um novo sentido. Ainda cursava a graduação em Educação Física quando encontrei ali oportunidades de formação que ampliaram muito minha visão sobre a

profissão. Participei de congressos, capacitações e treinamentos em diferentes lugares do país, conheci novos programas e aprendi com profissionais de diversas áreas. Foi nesse ambiente que passei a compreender o lazer também como um campo de atuação profissional, inicialmente vinculado às atividades recreativas e esportivas e, posteriormente, relacionado à qualidade de vida e à promoção da saúde.

Essa experiência me aproximou do lazer ativo, da ginástica laboral, das práticas esportivas e recreativas, da saúde e segurança no trabalho e das relações entre atividade física e saúde. Passei a atuar em uma instituição que desenvolvia programas voltados à qualidade de vida dos trabalhadores da indústria do Tocantins e de seus familiares, com ações que também alcançavam a comunidade. Eram iniciativas de promoção da saúde e prevenção de doenças e acidentes, tanto no ambiente de trabalho quanto na vida cotidiana. Aos poucos, compreendi que os conhecimentos da Educação Física poderiam contribuir para o bem-estar das pessoas em diferentes espaços, muito além das aulas de exercícios.

Ao longo dessa trajetória, assumi funções de gestão e passei por diferentes setores, participando da organização e do aperfeiçoamento dos serviços oferecidos. Uma das experiências mais marcantes foi minha atuação no programa Ginástica na Empresa, no qual contribuí para desenvolver novas formas de atendimento e de realização das atividades. Também trabalhei com aulas de ginástica e outras práticas de condicionamento físico no clube do SESI. Essas experiências fortaleceram minha atuação profissional e me deram a oportunidade de ser reconhecido pelo trabalho desenvolvido na região.

Foi também no SESI que aprendi a planejar e organizar grandes eventos de lazer, atividades sociais, esportivas e recreativas, inclusive ações voltadas à assistência social. Convivi com públicos muito diferentes, desde moradores de bairros periféricos e famílias em situação de vulnerabilidade até grupos com melhores condições econômicas. Esse contato ampliou minha compreensão sobre as desigualdades e reforçou algo que eu já trazia da infância: o desejo de que todas as pessoas tenham acesso a

oportunidades de cuidado, convivência e participação. A experiência profissional me mostrou que um atendimento respeitoso e de qualidade deve alcançar qualquer pessoa, independentemente de sua condição social. Mais tarde, ao retornar à escola pública, especialmente a uma escola situada na periferia, passei a reconhecer ainda mais o valor dessa aprendizagem para o meu trabalho como professor.

Quando penso nessa fase da minha vida, percebo que ela também amadureceu sentimentos que me acompanham desde menino, às margens do rio Tocantins, no interior do Maranhão. Desde cedo, me incomodavam as situações de exclusão vividas por crianças e pessoas com deficiência, muitas vezes sem espaço, visibilidade ou acesso a direitos básicos, como saúde e educação. Ao mesmo tempo, o esporte, a dança e os exercícios físicos sempre fizeram parte da minha história, mesmo antes de eu compreender o quanto essas experiências poderiam contribuir para a saúde física e emocional.

No SESI, essas duas dimensões da minha vida se encontraram: o gosto pelo movimento e a preocupação com as pessoas que têm menos oportunidades. Aprendi a olhar com mais atenção para suas necessidades e a buscar formas de tornar o lazer, a atividade física e a promoção da saúde mais acessíveis. Hoje, vejo uma relação direta entre essa vivência, meu retorno à Educação Física escolar e a escolha de continuar estudando Educação Especial Inclusiva e outras áreas da educação. Tudo isso fortalece meu compromisso de construir práticas em que os estudantes, especialmente aqueles que enfrentam barreiras à participação, sejam acolhidos, respeitados e tenham oportunidades reais de aprender e participar.

Retornando para minha chegada em Araguaína para estudar eu não conseguia mais pagar pelo meu curso, cheguei a praticamente desistir no quinto período por não conseguir arcar com todas as despesas. Nesse mesmo ano fiz o ENEM e como último suspiro, passei e, pelo PROUNI, ganhei bolsa integral e consegui finalizar a minha tão sonhada faculdade, recebi a medalha de acadêmico destaque do curso, da turma, sempre envolvido em todos os projetos grandes na cidade e da universidade, colega de trabalho nas instituições do Sistema S, em que meus professores

eram colegas de trabalho e graças a Deus fui me consolidando na região como figura na minha área com atuação nas aulas de academia, mas também em programas de qualidade de vida, bem estar, promoção da saúde nos mais variados segmentos empresariais de toda a região, também com ergonomia. Em 2011 iniciei uma especialização em treinamento esportivo e outra logo após em Docência em Educação Física.

O retorno à escola pública e as novas formações

Em 2023, depois de uma cirurgia no joelho surgiu a oportunidade de fazer especializações em Psicopedagogia com Ênfase no Ensino Especial e Educação Inclusiva e outra em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar, ambas pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba - FATAP - Patrocínio, MG, uma oportunidade que surgiu através de um amigo professor da cidade de Darcinópolis onde conseguiram uma vaga para mim junto aos professores da rede municipal.

Em 2023 a SEDUC Tocantins abriu edital para concurso público, nesse mesmo ano, fui aprovado e ingressei no serviço do público como professor, na cidade de Filadélfia, onde fiquei nove meses na Escola Adeuvaldo de Oliveira Moraes, nesse meio tempo, fui procurado por uma professora de educação física, também aprovada no mesmo concurso, com a proposta de fazermos uma permuta, ela indo para minha escola e eu vindo para a dela em Araguaína onde já tinha residência havia 16 anos. Pasmem que essa proposta era justamente para uma escola onde eu era parceiro como supervisor de promoção da saúde do SESI, na parceria com materiais esportivos e ações voltadas aos estudantes dessa escola que se localiza em um bairro periférico, hoje uma escola cívico-militar com gestão compartilhada com o Corpo de Bombeiros e fica localizada a menos de cinco minutos da minha residência.

Ainda em 2024, fizemos a permuta e antes de mudar de volta para Araguaína, na mesa da sala dos professores observei um edital de seleção para um novo curso da UFNT, pelo PARFOR, seria a primeira turma de uma segunda graduação em Educação Especial Inclusiva, um curso de dois

anos onde aconteceria nos meses de julho e janeiro com aulas durante o dia todo. Exatamente agora, escrevendo este memorial, estou em fase final de pesquisa e escrita do trabalho de conclusão desta graduação. Hoje, em 2026, quase finalizando essa segunda, Educação Especial Inclusiva na UFNT pelo PARFOR, reconheço o quanto minhas vivências despertam em mim uma sensibilidade profunda para compreender desigualdades, exclusões e barreiras educacionais.

Nesse tempo que fiquei morando em Carolina - MA, ministrando aula em Filadélfia TO, tive a oportunidade de ingressar em uma complementação em Pedagogia em uma turma com início em 19/05/2023 hoje em 2026 estou finalizando, apenas esperando a certificação e formatura, pois a turma finaliza em dezembro deste ano, sendo teoricamente a minha segunda formação, Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade São Marcos - FASAMAR que possui um polo em Carolina.

Ainda em 2024, surgiu também um edital para uma primeira turma EAD do curso de Letras Libras Português pela UFMA, também consegui ingressar, iniciando em 2025 e de forma remota, com aulas ao vivo praticamente todos os dias nessa graduação, hoje em setembro de 2026 já estou cursando o quarto período. Confesso que não é nada fácil mas é um universo que vem se conectando, de maneira natural, com tudo que tem surgido na minha trajetória de volta a educação como professor da educação física escolar, abrindo uma nova maneira de enxergar a educação, como para todos, pensando nela de forma equitativa, inclusiva, empática e me tornando o que sempre almejo, um ser humano melhor todos os dias, evoluindo espiritualmente, como cidadão também consciente que busca o melhor para sua comunidade e grupos sociais os quais permeio e faço parte e contribuindo para uma educação mais diversa que vai além de conteúdos, mas que também forme boas pessoas, bons seres humanos para impactar positivamente a realidade em que vivemos hoje.

Estágios e Aprendizagens da Prática

Quero também registrar, nesta narrativa, a importância dos estágios em todas essas formações e processos de ensino pelos quais passei e ainda venho passando. A teoria, de fato, nos dá uma base, mas os estágios sempre me mostraram caminhos, experiências válidas, choques de realidade e uma visão mais ampla dos campos pelos quais trânsito. Pimenta e Lima (2006) ajudam a entender exatamente isso quando afirmam que o estágio não deve ser visto apenas como uma atividade prática ou como simples aplicação do que se aprende na universidade. Para mim, o estágio sempre foi esse espaço de observar, viver, comparar, errar, acertar e voltar para a teoria entendendo melhor a realidade da escola.

O ENCONTRO COM O PROEF E UM NOVO OLHAR PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Nesse retorno a Araguaína e à nova escola, tive algumas dificuldades com modulações e acabei perdendo um concurso em que havia passado em primeiro lugar, na cidade de Darcinópolis. Mas, como sempre fiz, entreguei tudo a Deus e fui encarando as possibilidades de mudança que apareciam. Foi então que conheci melhor minha nova equipe de trabalho. Éramos pelo menos seis colegas da mesma área e eles me apresentaram o Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF.

Falavam de um combinado da equipe: todos da nossa área seriam mestres. Pouco tempo depois surgiram as inscrições. Nesse mesmo período, depois de mais de 13 anos cuidando do meu pai, que era acamado, recebi a notícia do falecimento dele em minha cidade natal, onde poucos dias antes eu havia estado com meus pais. Eu sempre fui quem correu e ainda corre para resolver as situações de saúde deles. Voltei imediatamente para Carolina e, em meio ao velório, recebi uma ligação de colegas que me indicaram uma plataforma de preparação para a prova. Assisti à primeira aula ainda em meio a tudo aquilo. Mesmo diante da dor, surgiu ali uma

perspectiva de futuro com a possibilidade de fazer um mestrado, algo que estava muito longe do que eu vinha planejando para a minha vida naquele momento.

Depois vieram vários imprevistos que me fizeram pensar que eu não conseguiria fazer aquela prova. Mas, como sou teimoso e não costumo desistir fácil, fui fazer. Fui aprovado e hoje estou vivendo uma experiência muito importante para a minha formação. O PROEF tem me feito olhar novamente para minha prática, para a Educação Física escolar e para as possibilidades de ser um professor melhor. Tenho aprendido com os colegas, com os professores, com as leituras e, principalmente, com a reflexão sobre aquilo que já faço na escola. Para mim, o mestrado vai muito além de um título. Ele tem me ajudado a reorganizar ideias, rever práticas e acreditar que podemos produzir mudanças reais na Educação Física escolar. Também faço questão de registrar a importância do PROEF no Tocantins e da UFT. Vejo o esforço dos professores, da gestão e de toda a equipe para fazer esse programa acontecer no nosso estado. Isso fortalece não só quem está cursando o mestrado, mas também a educação pública do Tocantins. Como lembra Tardif (2014), os saberes do professor são construídos em diferentes lugares e momentos da vida; hoje percebo que o PROEF está me ajudando justamente a juntar muitos desses saberes que fui construindo ao longo da minha trajetória.

Considerações finais

Em conclusão, minha vida escolar foi inteiramente construída em escolas públicas, sempre marcadas pela escassez de recursos, mas também pelo compromisso de educadores que, mesmo sem estrutura, ensinavam com dedicação. Fui forjado na dificuldade, nas ausências, nas dores familiares e nas incertezas, mas também na esperança e na força de uma mulher analfabeta que acreditava na educação como o único caminho possível.

Minha busca é constante, mas sempre com alicerces fortes na humildade e na simplicidade. Sempre aprendi a viver um passo de cada vez.

Busco estar perto de pessoas leves, verdadeiras e que tenham pensamentos parecidos sobre a vida e sobre a forma como devemos conviver em uma sociedade justa, com empatia, respeito, caridade e amor ao próximo. Sonho com espaços que sejam para todos e com uma educação que vá além dos conhecimentos teóricos. Sonho que esses espaços sejam “casa”, sejam “mãe”, sejam lugares seguros para todos.

Quando iniciei minha primeira formação e passei a ter acesso a mais informações, à internet e à pesquisa, eu também buscava uma maneira mais leve e feliz de olhar para a vida, em que o pensamento positivo pudesse falar mais alto do que muitos dos sufocos que já tínhamos passado. Em uma busca no Google, encontrei uma frase que me deu um norte para acreditar ainda mais em tudo aquilo em que acredito. Ela está na minha monografia da graduação em Educação Física e anda comigo até hoje. Em alguns momentos, quando sinto o peso da existência, lembro da frase de Charles Chaplin: “A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos”.

Minha mãe, hoje com 81 anos, ainda não lê nem escreve, mas entende o mundo, debate qualquer assunto, e sempre repetiu que a única herança que poderia deixar era o esforço para que estudássemos. Ela é minha fortaleza, meu ponto de apoio, minha referência de luta.

A educação me salvou. Ela sempre dá um jeito de me “reconquistar” e de me fazer retornar ao seu “seio” para um alimento que considero genuíno e que sempre me faz crescer. Continua abrindo portas e novos caminhos. É por meio dela que hoje construo novas possibilidades para mim e para outros, acreditando que ninguém deve ter negado o direito de aprender, sonhar e transformar sua história. Quando olho para tudo isso e me vejo hoje professor de Educação Física escolar e mestrando do PROEF, percebo que muita coisa que vivi como aluno também está presente no professor que procuro ser. Freire (1996) sempre nos lembra que ensinar exige respeito, compromisso e consciência de que a educação pode transformar. É assim que quero continuar minha caminhada: aprendendo, ensinando e tentando

fazer da escola um espaço em que mais pessoas possam se sentir pertencentes.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Amália de Almeida. **A escrita do memorial acadêmico: ritual de passagem ou rito de consagração?** Linhas Críticas, v. 29, 2023.

DARIDO, Suraya Cristina. **Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na Educação Física escolar.** Rio Claro-SP, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Poíesis Pedagógica, v. 3, n. 3/4, p. 5-24, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2014.

CAPÍTULO 5

ENTRE SONHOS, DESAFIOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

João Victor Rodrigues Torres

Das primeiras experiências com o esporte à escolha pela Educação Física

Nascido em 10/04/2000, natural do município de Gurupi-TO, no estado do Tocantins. Sou filho de Rosânia de Aquino Torres e cresci em uma família marcada pela separação dos meus pais. Durante parte significativa da minha infância, convivi com meu pai e minha madrasta (uma criação falha diga-se de passagem) em uma casa simples, no bairro onde morava. Apesar da simplicidade, minha mãe é empregada doméstica e meu pai carpinteiro. Foi nesse contexto que vivi minhas primeiras experiências e comecei a construir os sonhos que, de diferentes maneiras, continuariam a orientar minha trajetória.

Desde muito cedo, o esporte ocupou um lugar especial em minha vida. Entre tantas possibilidades, o futebol despertava em mim um sentimento difícil de explicar, mas fácil de reconhecer: eu me sentia pertencente àquele universo. Assim como acontece com milhares de crianças brasileiras, sonhava em me tornar jogador de futebol. Mais do que uma atividade de lazer, o futebol representava uma possibilidade de futuro, um projeto de vida que eu alimentava com entusiasmo e esperança de mudar de vida.

Aos sete anos de idade, ingressei em uma escolinha de futebol e passei a dedicar boa parte da minha infância e adolescência à prática esportiva. Durante o ensino fundamental e o ensino médio, o futebol e o futsal estavam presentes em praticamente todos os espaços da minha vida

escolar. Jogava nos intervalos, participava das aulas de Educação Física, disputava campeonatos escolares e integrava competições promovidas pelas escolinhas de futebol. Sempre que havia uma oportunidade de jogar, eu estava disposto a participar.

Na adolescência, esse sonho começou a ultrapassar os limites da minha cidade. Passei a viajar pelo país para jogar futebol e vivenciar experiências que me aproximavam da carreira que tanto desejava. Durante o ensino médio, ainda carregava comigo a esperança de me tornar um jogador profissional. Foi nesse período que me mudei de cidade e passei a morar no alojamento de um clube, experiência que representou uma mudança significativa em minha vida.

Entretanto, foi também nesse ambiente que comecei a compreender que a realidade do futebol profissional era muito diferente daquela que eu conhecia por meio da internet e das mídias. Por trás do sonho que tantas vezes alimentou minha imaginação, existiam dificuldades, renúncias e situações para as quais eu ainda não estava preparado. A experiência de viver longe de casa e conhecer os bastidores desse universo fez com que eu passasse a olhar para o futebol de outra maneira.

Aos 17 anos, decidi abandonar o sonho de seguir carreira como jogador. Essa decisão não representou o fim da minha relação com o esporte, mas o encerramento de um projeto que havia acompanhado grande parte da minha infância. Naquele momento, talvez eu ainda não compreendesse o significado daquela mudança. Sabia apenas que precisava encontrar outro caminho, embora ainda não tivesse clareza sobre qual direção seguir.

Na terceira série do ensino médio, eu ainda não havia decidido qual curso superior escolheria. Sempre fui um aluno dedicado, com facilidade para aprender e uma boa relação com meus professores. Foi durante uma aula de Educação Física, disciplina com a qual eu já mantinha uma ligação afetiva muito forte, que comecei a enxergar uma nova possibilidade para o meu futuro.

Naquela ocasião, conversei com meu professor e disse que estava decidido a cursar Educação Física, pois gostava muito de esportes. A

resposta que recebi permaneceu comigo: “Faça Educação Física. Nós precisamos de profissionais como você. Tenho certeza de que você será um ótimo professor.”

Aquelas palavras tiveram um significado especial. Em um período no qual eu ainda buscava compreender o que faria da minha vida, alguém que ocupava justamente o lugar profissional que eu poderia vir a assumir demonstrou acreditar na minha capacidade. O incentivo daquele professor contribuiu para que uma afinidade antiga se transformasse em uma escolha concreta.

Prestei vestibular e fui aprovado em primeiro lugar para o curso de Educação Física em minha cidade. Iniciei a graduação levando comigo a paixão pelo esporte, mas sem imaginar todas as transformações que aquela formação provocaria em minha maneira de compreender a docência e a própria função social da Educação Física.

A graduação e o encontro com a docência

Minha entrada no curso de Educação Física foi acompanhada de entusiasmo. Desde o início, identifiquei-me com a formação, especialmente com as atividades esportivas e as aulas práticas, que dialogavam diretamente com minhas experiências anteriores. No entanto, ao longo da graduação, comecei a perceber que a Educação Física era muito mais ampla do que o universo esportivo que eu conhecia até então.

Ainda no primeiro período, comecei a estagiar em uma escolinha de futebol. Aquele espaço me proporcionava familiaridade e satisfação, pois o campo continuava sendo um dos ambientes nos quais eu mais gostava de estar. Permaneci nessa instituição durante os cinco anos da graduação, experiência que contribuiu para minha aproximação com o trabalho desenvolvido junto a crianças e jovens.

Apesar dessa identificação com o esporte e com o ensino, durante a faculdade ainda existiam dúvidas sobre o caminho profissional que eu seguiria. Considerava tanto a possibilidade de atuar no campo do

bacharelado, especialmente na área do treinamento personalizado, quanto a de me tornar professor de Educação Física na educação básica. Eram possibilidades distintas, e eu precisava compreender em qual delas encontraria maior sentido para minha atuação profissional. Foi por meio das experiências proporcionadas pela graduação que essa decisão começou a ganhar forma.

Nesse percurso, escolhi desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a partir de uma temática que se relacionava diretamente com minha própria história: o futebol. Intitulado O abandono de um sonho: a realidade dos jovens futebolistas de Gurupi, o trabalho investigou os motivos que levavam jovens da minha cidade a desistirem precocemente do sonho de se tornarem jogadores profissionais. Por meio de uma pesquisa de campo, entrevistei jovens de 18 a 23 anos que haviam passado por categorias de base de clubes do país e/ou atuado profissionalmente pelo Gurupi Esporte Clube, equipe de futebol da minha cidade, mas que, por diferentes razões, havia interrompido suas trajetórias no esporte.

A escolha desse tema tinha um significado pessoal. Eu também havia alimentado o sonho de me tornar jogador profissional e vivenciado experiências que me permitiram conhecer, para além do imaginário construído em torno do futebol, algumas das dificuldades presentes nesse caminho. Vieira (2016) discute que a trajetória de jovens que buscam seguir carreira no futebol é atravessada por pressões e desafios, incluindo as condições de alojamento, a rotina intensa de treinamentos e o afastamento da família e das amizades, fatores que podem afetar o bem-estar e contribuir para o abandono desse projeto profissional.

Essa reflexão dialogava diretamente com minha trajetória. Ao vivenciar o afastamento de casa e conhecer uma realidade diferente daquela que imaginava para o futebol, comecei a compreender que a busca pelo sonho de ser jogador profissional envolvia desafios que iam muito além do desempenho dentro de campo. A distância da família, as mudanças na rotina e o contato com as exigências desse meio faziam parte de uma experiência que também exigia preparo emocional. Embora cada trajetória seja singular, reconhecer essas dificuldades me permitiu olhar para minha própria história com maior compreensão e, posteriormente,

investigar as experiências de outros jovens que, assim como eu, precisaram lidar com a interrupção desse sonho.

Ao ouvir as histórias dos participantes da pesquisa, pude transformar parte das minhas próprias vivências em uma questão de investigação acadêmica, buscando compreender os fatores que atravessavam suas trajetórias e contribuíam para o abandono do sonho. Essa experiência ampliou minha compreensão sobre o futebol, mostrando-me que, por trás de cada trajetória interrompida, existiam histórias, expectativas e desafios que mereciam ser ouvidos e compreendidos. Dessa forma, o TCC representou não apenas a conclusão de uma etapa da graduação, mas também uma oportunidade de revisitar minha própria história e atribuir novos significados às experiências que vivi.

Entre as vivências mais significativas da graduação, destaco o estágio supervisionado no ensino médio, realizado no Centro de Ensino Médio Bom Jesus, em Gurupi. Durante um semestre, ministrei aulas naquela escola e tive a oportunidade de experimentar mais de perto a realidade da docência. A experiência foi tão significativa que, ao final do estágio, manifestei à professora responsável o desejo de retornar àquela instituição, futuramente, como professor. Naquele momento, eu ainda era um acadêmico em formação, mas já conseguia imaginar parte do meu futuro profissional naquele espaço.

O desejo de retornar à escola tornou-se uma referência importante em minha trajetória. Mais tarde, eu compreenderia que algumas experiências aparentemente comuns podem adquirir novos significados com o passar do tempo. Aquele estágio não foi apenas uma etapa obrigatória da graduação; representou o início de uma relação com uma instituição na qual, anos depois, eu construiria parte importante da minha identidade docente.

Próximo à conclusão da graduação, prestei o concurso público da Secretaria da Educação do Estado do Tocantins (Seduc-TO) e fui aprovado em primeiro lugar para o cargo de professor de Educação Física. A aprovação representou uma conquista importante, resultado de uma

trajetória de estudos e dedicação, e abriu as portas para meu ingresso na educação básica como professor efetivo.

Entretanto, a entrada na escola pública trouxe desafios que eu ainda não conhecia. Até então, minha formação havia sido construída por meio de estudos, experiências acadêmicas e estágios supervisionados. Ao assumir a responsabilidade por minhas próprias turmas, passei a lidar diretamente com as condições concretas de funcionamento da escola, com as diferentes realidades dos estudantes e com os limites e as possibilidades do trabalho pedagógico. Foi nesse encontro entre a formação inicial e a realidade escolar que comecei a compreender, de maneira mais profunda, a complexidade da docência.

A escola pública e a ressignificação da Educação Física

Meu primeiro contato como professor efetivo ocorreu em um município vizinho a Gurupi, uma cidade de pequeno porte. A chegada àquela escola representou uma mudança significativa na minha maneira de enxergar a Educação Física e o próprio trabalho docente. Encontrei uma realidade diferente daquela que havia imaginado durante a graduação. A escassez de materiais pedagógicos e as dificuldades de participação de alguns estudantes exigiam que eu revisse minhas expectativas e repensasse minhas práticas. Percebi que nem todos os alunos se sentiam capazes de participar das atividades esportivas e que alguns se afastaram das aulas por se considerarem menos habilidosos do que os colegas.

Essa constatação provocou inquietações importantes. Eu, que havia construído grande parte da minha trajetória por meio da paixão e da prática esportiva, precisei reconhecer que a relação dos estudantes com o esporte não era necessariamente a mesma que eu havia desenvolvido ao longo da vida. Para alguns, aquilo que representava prazer e pertencimento poderia significar insegurança, exposição ou sentimento de incapacidade.

Comecei, então, a questionar minhas próprias concepções sobre o ensino da Educação Física. Se a disciplina deveria contribuir para a formação dos estudantes, como poderia cumprir esse papel quando parte deles não se sentia incluída nas atividades? Como desenvolver práticas

pedagógicas que não privilegiassem apenas aqueles que apresentavam maior habilidade esportiva? De que maneira eu poderia criar oportunidades para que todos participassem, respeitando suas diferenças e possibilidades?

Essas questões passaram a fazer parte da minha reflexão profissional. Gradualmente, compreendi que ensinar Educação Física não poderia significar apenas organizar jogos, ensinar fundamentos esportivos ou reproduzir as experiências que eu próprio havia vivenciado como estudante e praticante de futebol. Era necessário reconhecer os sujeitos que estavam diante de mim, compreender suas dificuldades e construir estratégias pedagógicas que favorecessem uma participação mais ampla e significativa.

Foi nesse processo de reflexão que a pedagogia do esporte começou a ganhar um significado especial em minha formação. Ganhei o livro *Pedagogia do futebol*, de João Batista Freire, e iniciei uma aproximação mais aprofundada com suas ideias, buscando compreender como poderia aplicar aqueles conhecimentos no cotidiano das minhas aulas. Embora a obra tivesse o futebol como foco, os aprendizados que construí a partir dela ultrapassaram os limites desse esporte e contribuíram para transformar minha maneira de compreender as crianças e suas relações com as práticas corporais.

Uma das passagens que mais me marcou foi a afirmação de Freire (2011, p. 22): “A dificuldade em compreender o mundo infantil torna os adultos, boa parte das vezes, adversários bastante cruéis das crianças.” Essa reflexão me levou a pensar sobre a responsabilidade do professor na construção de experiências escolares que respeitem as características e as necessidades dos estudantes. Passei a questionar práticas que, mesmo sem essa intenção, poderiam constranger aqueles que apresentavam dificuldades ou reforçar a ideia de que somente os mais habilidosos eram capazes de participar das aulas.

Outra passagem que contribuiu para ampliar meu olhar foi a reflexão de Freire (2011, p. 24) sobre as diferentes formas de expressão das crianças:

“o comportamento será constituído por uma gama muito variada de expressões corporais. Considerando que o poder da criança é tanto mais motor que verbal.” Essa ideia me ajudou a reconhecer a importância do corpo como forma de expressão e comunicação, especialmente na infância. Nem sempre a criança consegue traduzir em palavras o que sente, pensa ou vivencia, mas pode expressar muito por meio dos movimentos, das brincadeiras, das interações e de suas atitudes durante as aulas.

A partir dessas leituras, comecei a compreender com maior profundidade o princípio da individualidade, reconhecendo que cada aluno chega à escola com uma história própria, marcada pelas vivências familiares, pelas oportunidades que teve, pelas dificuldades que enfrenta e pelas diferentes maneiras de aprender. Essa percepção influenciou minha prática pedagógica e me incentivou a utilizar brincadeiras e atividades lúdicas como estratégias de ensino, favorecendo o desenvolvimento das habilidades motoras e ampliando as possibilidades de participação dos estudantes. Em vez de considerar apenas o resultado de uma atividade ou a execução correta de determinado movimento, passei a valorizar também o processo de aprendizagem, as tentativas, as descobertas e as experiências construídas por cada criança.

Essa mudança de perspectiva me aproximou ainda mais dos alunos. Compreendi que, para ensinar, também precisava estar disposto a conhecê-los, reconhecer suas vivências e compreender aspectos de suas realidades que ultrapassam os limites da escola. A pedagogia do esporte, nesse sentido, não representou apenas uma forma diferente de organizar as aulas, mas contribuiu para que eu desenvolvesse um olhar mais atento às necessidades dos estudantes e à dimensão humana da docência.

A experiência naquela escola foi fundamental para que eu começasse a ressignificar a Educação Física. Passei a compreender que a qualidade de uma aula não deveria ser avaliada somente pelo desempenho técnico dos estudantes ou pelo envolvimento daqueles que já gostavam de esportes, mas também pelas oportunidades de aprendizagem, participação e pertencimento oferecidas a cada aluno.

Permaneci aproximadamente um ano e meio naquele município. Contudo, esse período também foi marcado por experiências dolorosas no ambiente de trabalho. Vivenciei situações de perseguição e assédio moral que afetaram significativamente minha saúde emocional e minha relação com a profissão. O espaço que deveria possibilitar o exercício da docência e o desenvolvimento profissional tornou-se, naquele momento, fonte de sofrimento.

A situação chegou a um ponto em que precisei me afastar das atividades escolares por quatro meses, mediante licença médica. Foi um período difícil, no qual precisei lidar não apenas com as consequências daquilo que havia vivenciado, mas também com dúvidas sobre minha permanência na educação. A possibilidade de abandonar a sala de aula, que até então representava uma conquista e uma escolha profissional, passou a fazer parte das minhas reflexões.

Nesse período, uma leitura em particular me ajudou a encontrar forças para permanecer firme diante das dificuldades: O pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry. Entre as passagens da obra, uma frase ganhou um significado especial para mim: “É preciso que suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 23).

Naquele momento, encontrei nessas palavras uma forma de refletir sobre a travessia que estava enfrentando. Não se tratava de considerar o sofrimento necessário ou de aceitar as injustiças como parte natural da profissão, mas de compreender que aquela fase difícil não precisava determinar o desfecho da minha história. A leitura me ajudou a sustentar a esperança de que ainda existiam outras possibilidades para minha vida e minha carreira.

Foi uma situação dolorosa, cujas consequências não desapareceram imediatamente com o afastamento. Ainda assim, ela passou a integrar minha história e influenciou a maneira como compreendo a importância das relações profissionais, do respeito e da responsabilidade institucional na construção de ambientes de trabalho saudáveis.

Diante daquele cenário, decidi buscar meus direitos e enfrentar a situação. Não foi uma decisão tomada sem receio, tampouco uma atitude que apagou o sofrimento vivido. Foi, sobretudo, uma escolha de não permanecer em silêncio diante de algo que eu compreendia como injusto.

Posteriormente, o Estado do Tocantins decidiu pela minha remoção para Gurupi, minha cidade natal. A mudança representou a possibilidade de recomeçar profissionalmente, embora eu ainda carregasse inseguranças e marcas emocionais decorrentes das experiências anteriores. Voltar para casa não significou retornar exatamente ao ponto de partida. Eu já não era o mesmo professor que havia ingressado na escola pública: levava comigo novos questionamentos sobre a profissão, sobre as relações de trabalho e sobre as condições necessárias para exercer a docência com dignidade.

Nesse período, a música Acordei Bem Cedo, interpretada por MC Kadu, MC Kanhoto e MC Murilo MT, tornou-se parte da minha rotina e uma fonte diária de motivação. Eu a ouvia todos os dias, buscando forças para não desistir de mim mesmo. Um trecho que me marcava especialmente dizia:

“E eu hoje mesmo acordei bem cedo, dobrei meu joelho agradei ao pai

Eu prometi que eu não vou desistir, não paro mais

Eu prometi que eu não vou desistir”

Aquelas palavras se conectavam diretamente ao momento que eu estava vivendo. A oração, a gratidão a Deus e a promessa de não desistir representavam a luta diária para recuperar a confiança em mim mesmo e seguir em frente, apesar das experiências dolorosas que havia enfrentado. A música me lembrava de que, mesmo quando eu me sentia fragilizado, ainda poderia escolher continuar.

O retorno a Gurupi, o mestrado e a reafirmação da escolha profissional

O retorno a Gurupi marcou o início de uma nova etapa da minha trajetória. Depois de tudo o que havia vivenciado, eu precisava encontrar maneiras de recuperar a confiança na profissão e compreender se ainda desejava permanecer na educação básica.

Em meio às incertezas, recorri à minha fé. Pedi a Deus que me orientasse e me ajudasse a compreender qual caminho deveria seguir. Não buscava apenas uma resposta sobre meu futuro profissional, mas também forças para lidar com as experiências que haviam abalado minha segurança e minha perspectiva de continuar exercendo a docência.

Foi nesse período que decidi prestar o processo seletivo do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Minha intenção era aprofundar meus conhecimentos, aperfeiçoar minha formação e encontrar subsídios teóricos e metodológicos que me permitissem compreender melhor os desafios da Educação Física escolar.

A decisão de buscar o mestrado estava relacionada tanto ao desejo de crescimento acadêmico quanto às inquietações que eu havia desenvolvido no cotidiano da escola pública. As dificuldades encontradas na prática pedagógica, especialmente a exclusão de estudantes que não se consideravam habilidosos, continuavam despertando meu interesse por uma Educação Física mais inclusiva e comprometida com a participação de todos.

Quando recebi a notícia da aprovação, experimentei uma alegria que ultrapassava a conquista acadêmica. Para mim, aquele resultado adquiriu um significado pessoal e espiritual. Depois de um período em que cheguei a questionar minha permanência na educação, a aprovação representou uma oportunidade de continuar aprendendo, reconstruir perspectivas e reafirmar meu compromisso com a profissão.

Interpretei aquele momento, à luz da minha fé, como a resposta à oração que havia feito. Não porque a aprovação apagasse o que eu havia

vivido, mas porque me oferecia uma nova possibilidade de futuro. O mestrado tornou-se, assim, parte de um processo de retomada da minha trajetória profissional.

Atualmente, sou professor efetivo do Centro de Ensino Médio Bom Jesus, a mesma instituição na qual, durante o estágio supervisionado da graduação, manifestei o desejo de um dia trabalhar como professor. Retornar àquela escola em outra condição, agora responsável por minhas próprias turmas e integrante de seu corpo docente, representa uma das experiências mais significativas da minha caminhada.

Aquilo que, durante a graduação, era apenas uma expectativa tornou-se realidade. Esse reencontro com a instituição tem um significado especial porque me permite reconhecer a continuidade entre o estudante que fui, o acadêmico que se preparava para a docência e o professor que hoje procura aperfeiçoar sua prática.

Além dessa atuação, trabalho em outra escola para complementar minha carga horária, experiência pela qual também sou muito grato. Nos dois espaços escolares, tenho encontrado relações profissionais e afetivas que valorizo profundamente. O carinho dos estudantes, o apoio dos colegas, a convivência com os demais professores e a relação com as equipes gestoras contribuem para que eu reconheça o valor das experiências que construo no cotidiano da profissão.

Essas vivências não eliminam os desafios que ainda existem, mas me ajudam a compreender que a escola também pode ser um espaço de acolhimento, aprendizagem e realização profissional. Depois de ter vivenciado relações de trabalho que me fizeram questionar minha escolha, poder exercer a docência em ambientes nos quais me sinto respeitado e valorizado possui um significado particular.

No mestrado, tenho encontrado oportunidades para aprofundar conhecimentos, rever concepções e refletir criticamente sobre minha prática. Mais do que acumular conhecimentos acadêmicos, desejo que essa formação contribua para transformar minhas ações pedagógicas e ampliar minha capacidade de compreender as diferentes realidades presentes na escola pública.

Entendo, cada vez mais, que a formação docente não se encerra com a conclusão da graduação ou com a aprovação em um concurso público. Ela exige estudo contínuo, reflexão sobre a prática, disposição para reconhecer limites e abertura para construir novas possibilidades de ensino. É nesse movimento que situo minha experiência no ProEF: como uma etapa de amadurecimento profissional e de aprofundamento das questões que emergiram ao longo da minha trajetória.

Considerações provisórias: continuar, aprender e florescer

Ao olhar para minha trajetória, reconheço que meu percurso profissional não foi construído de maneira linear. Entre a infância marcada pelo sonho de ser jogador de futebol e o momento atual, como professor efetivo e mestrando, existiram escolhas, mudanças de direção, conquistas e experiências que colocaram em dúvida o futuro que eu imaginava para mim.

A decisão de abandonar o futebol aos 17 anos não encerrou minha relação com o esporte. De outra maneira, essa paixão continuou presente e acabou contribuindo para minha escolha profissional. O campo, que durante a infância representava a possibilidade de me tornar jogador, passou a representar também um espaço de ensino, aprendizagem e formação humana.

Da mesma forma, o ingresso na educação básica me mostrou que gostar de esporte não era suficiente para ensinar Educação Física. Era necessário aprender a reconhecer as diferenças entre os estudantes, compreender as barreiras à participação e questionar práticas que, mesmo sem essa intenção, poderiam deixar alguns alunos à margem das experiências escolares.

As dificuldades que enfrentei no início da carreira também fazem parte dessa trajetória, embora não definam toda a minha identidade profissional. As experiências de sofrimento no ambiente de trabalho foram reais e tiveram consequências importantes. Não preciso romantizá-las para

reconhecer que, depois delas, precisei rever escolhas, buscar apoio e reconstruir minha relação com a profissão.

Hoje, compreendo que continuar na educação não significa ignorar o que aconteceu, mas reconhecer que minha história não precisa terminar nas experiências que me fizeram duvidar de mim mesmo. Posso aprender com meu percurso sem justificar as injustiças que vivenciei. Posso reconhecer minhas fragilidades sem desconsiderar a coragem necessária para seguir adiante.

Minha fé em Deus ocupa um lugar importante nesse processo. Ela me ajudou a atravessar períodos de incerteza e continua sendo uma referência para compreender minhas conquistas e renovar minhas esperanças. A aprovação no mestrado e o retorno à escola na qual desejei trabalhar durante a graduação representam, para mim, sinais de que ainda existem caminhos a construir.

Sigo aprendendo, revendo concepções e buscando maneiras de contribuir para uma Educação Física escolar mais inclusiva e significativa. Quero que os estudantes encontrem nas aulas oportunidades para participar, desenvolver suas capacidades e reconhecer que pertencem àquele espaço, independentemente de suas habilidades esportivas.

Se, no passado, eu sonhava em construir uma trajetória dentro do futebol, hoje desejo construir uma trajetória na qual o esporte e a educação possam contribuir para a formação de outras pessoas. Meu compromisso é continuar estudando, aperfeiçoando minha prática e buscando respostas para as questões que encontro no cotidiano escolar.

Aprendi que nem todos os caminhos se desenvolvem conforme planejamos e que algumas mudanças exigem a coragem de abandonar expectativas antigas para construir outras possibilidades. Minha história é marcada por essas transformações: do sonho de ser jogador à escolha pela docência; da insegurança diante da realidade escolar à busca por uma prática pedagógica mais consciente; da vontade de desistir à decisão de continuar aprendendo.

Ainda tenho muito a construir, tanto como professor quanto como pesquisador em formação. O mestrado representa uma oportunidade de

aprofundar esse compromisso e transformar inquietações profissionais em reflexão, conhecimento e possibilidades concretas de intervenção pedagógica.

Hoje, reconheço que consigo crescer, aprender e florescer nos espaços que me permitem desenvolver minhas potencialidades. Não porque a caminhada tenha sido fácil, mas porque continuo encontrando razões para seguir, estudar e acreditar na possibilidade de construir um futuro melhor por meio da educação.

REFERÊNCIAS

ATITUDE 67. Sonho. **Composição:** Pedro Serrano Pimenta. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6DuJzDbnQxVLbOv1Y1lx9N>. Acesso em: 26 out. 2026.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

MC MURILO MT; MC KANHOTO; PALMIRO, Carlos Eduardo Hernandez. Acordei bem cedo. 2023. Spotify. Compositores: MC Murilo MT, MC Kanhoto e Carlos Eduardo Hernandez Palmiro. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0kXMyDlaPHsMJPLug6LZpl>. Acesso em: 26 out. 2026.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

VIEIRA, Larissa Mariano. **Futebol: do sonho do jogo ao jogo do mercado**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) — Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Orientador: Ricardo Lara.

CAPÍTULO 6

O TEMPO CERTO DE CADA PASSO: MEMÓRIAS, DESAFIOS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Katiane Chaves Paiva Braga

Introdução: raízes, desafios e a construção do desejo formativo

Meu nome é Katiane, tenho 39 anos e atuo como professora de Educação Física na rede municipal de ensino de Araguaína (TO) desde 2011. Sou fruto de uma família humilde, criada como a segunda filha de uma mãe solo, resultado de um breve relacionamento de meus pais. Nasci em Ananás (TO), município onde vivi até os oito anos sob os cuidados amorosos de meus avós maternos. Aos nove, mudei-me para Araguaína, cidade onde construí minhas raízes e resido até hoje, para viver com minha mãe e seu companheiro de então.

Toda a minha formação na Educação Básica foi construída nos bancos da escola pública. Foi nesse espaço que dei meus primeiros passos formativos, em meio a uma realidade desafiadora: minha mãe, Antonia, como policial militar do Estado do Tocantins, arcava solitariamente com as despesas da casa e o sustento de dois filhos e do cônjuge, que não participava das responsabilidades domésticas. Sem suporte financeiro paterno e em meio à escassez material, o ambiente familiar era marcado pela hostilidade, atravessado por situações de maus-tratos direcionadas à minha mãe, a meu irmão (Gerson Junior) e a mim.

Esse contexto de vulnerabilidade forjou precocemente em mim a necessidade de trabalhar, alcançar a autonomia financeira e suprir demandas que estavam além das possibilidades de minha mãe. Aos quinze anos, iniciei minhas primeiras atividades laborais informais por meio de

diárias. Aos dezessete, conquistei meu primeiro vínculo formal com carteira assinada na função de Auxiliar de Cirurgião Dentista (ACD) — ocupação profissional que sustentou toda a minha trajetória na graduação.

Sempre tracei metas bem definidas para a minha vida, buscando vivenciar cada etapa com rigor e serenidade no tempo oportuno: estudar, trabalhar, diplomar-me, atingir a estabilidade financeira, constituir família, vivenciar a maternidade e, com o crescimento das minhas filhas, ingressar na pós-graduação *stricto sensu*. Sob o amparo da fé e das bênçãos de Deus, esses caminhos foram se consolidando.

Apresento neste memorial o percurso formativo e profissional que me constitui: desde as primeiras decisões profissionais até a inserção no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF). Estar matriculada em um programa público de excelência pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) transcende uma conquista curricular; personifica a superação de barreiras históricas e uma vitória incontestada de ordem pessoal e profissional.

O ingresso no ensino superior e os desafios da formação inicial

Minha aproximação com a Educação Física delineou-se em 2005. Recém-concluinte do Ensino Médio e trabalhando no consultório odontológico, mantinha a meta de ingressar no ensino superior. Certo dia, uma colega de trabalho — acadêmica da área — provocou-me: "Por que você não faz Educação Física? Você sempre gostou de esporte". De fato, a corporeidade sempre foi um traço marcante da minha infância e juventude, em especial no voleibol, modalidade que pratiquei assiduamente da 5ª série do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio. Essa memória corporal e afetiva funcionou como o primeiro catalisador da vocação docente.

Embora o interesse inicial gravitasse em torno da Odontologia por influência da rotina do trabalho, os fatores socioeconômicos — a indisponibilidade de oferta pública local e os altos custos do curso privado — exigiram uma ponderação realista. A Educação Física configurou-se como um horizonte concreto e promissor. Ao final daquele ano, prestei

vestibular no Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC), em Araguaína, sendo aprovada na modalidade que ingressava como Licenciatura Plena, posteriormente reconfigurada curricularmente apenas como Licenciatura.

Em 2006, iniciou-se uma rotina extenuante: cumpria jornada semanal de 44 horas no consultório durante o dia e assistia às aulas no período noturno, estendendo-se aos sábados à tarde nos períodos iniciais. Para viabilizar a mobilidade urbana, adquiri, em esforço conjunto com minha mãe e meu irmão, uma motocicleta simples, veículo que garantiu assiduidade durante os quatro anos de graduação. As horas de estudo eram subtraídas de intervalos laborais e madrugadas. A dedicação no consultório assegurou a tolerância e o suporte do meu empregador para o cumprimento das demandas acadêmicas, somando-se à colaboração de meu pai, que passou a custear metade da mensalidade universitária, unindo esforços à luta diuturna da minha mãe.

Sob o olhar retrospectivo e crítico que hoje construo no PROEF, reconheço que a formação inicial vivenciada esteve ancorada em matrizes predominantemente tecnicistas e biologicistas. Como elucida Darido (2012), os currículos de formação em Educação Física historicamente priorizaram o "saber fazer" instrumentalizado e o viés desportivo, subordinando os saberes pedagógicos à reprodução mecânica de gestos técnicos. Por transitar no período de extinção da licenciatura plena, a grade apresentava dispersão temática entre conteúdos da docência e do bacharelado, promovendo amplitude, mas carecendo de adensamento pedagógico-reflexivo — cenário que, à época, despertava minha atração pelas atribuições não escolares.

Os Estágios Curriculares Supervisionados constituíram o primeiro tensionamento prático. Guardo na memória o desafio de transpor o "esqui na neve", conteúdo sorteado em um seminário sobre modalidades não convencionais para uma escola pública periférica, destituída de cobertura e com a quadra degradada. A tentativa de adaptar pranchas de madeira sobre rodízios encomendadas em marcenaria resultou em correria

desordenada da turma. Essa experiência inicial evidenciou o distanciamento brutal entre as prescrições metodológicas abstratas e as condições objetivas do chão da escola pública.

Na reta final do curso, após enfrentar o desligamento imprevisto de meu orientador inicial, reestruturei o percurso investigativo e defendi com êxito o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) voltado ao voleibol.

Transição profissional e o ingresso na educação básica

Às vésperas da formatura, foram divulgados os editais de concursos públicos para a Secretaria de Estado da Educação (SEDUC-TO) e para a Secretaria Municipal de Educação de Araguaína (SEMED). Visando à estabilidade da carreira pública, submeti-me a uma intensa rotina de estudos conciliada a propósitos espirituais. No certame da SEMED, conquistei o 20º lugar em um concurso com 15 vagas imediatas. Essa classificação em cadastro de reserva foi estratégica: garantiu o intervalo temporal exato para a colação de grau no final de 2009, a expedição da documentação necessária e a convocação no momento devido.

Entre a colação e a posse, explorei o campo não escolar: realizei estágio voluntário em musculação e fui contratada via processo seletivo pelo SESI/CAT, atuando com ginástica laboral, natação e musculação. A experiência qualificou minhas vivências práticas e instituiu uma cultura pessoal de autocuidado físico que preservo até hoje.

Em agosto de 2011, fui nomeada na SEMED de Araguaína. O início na docência pública revelou-se árduo. Minha primeira lotação deu-se em uma unidade periférica sem quadra coberta — as atividades transcorriam em um pátio de areia sob intempéries —, com turmas da Educação Infantil ao 5º ano marcadas por vulnerabilidade social crônica e conflitos interpessoais. Logo nos primeiros dias, ao finalizar uma aula com o 5º ano, fui hostilizada verbalmente de maneira severa. O choque emocional e a sensação de despreparo quase me levaram à desistência do cargo público, sendo sustentada pela firmeza e amparo materno.

Após um mês, consegui remoção para uma escola central dotada de boa infraestrutura (quadra poliesportiva coberta) e menor incidência de

conflitos extremos. O contraste material entre as duas unidades revelou-me de imediato as contradições da rede pública. Conforme destacam González e Fraga (2012), as disparidades estruturais nas redes escolares impõem ao professor de Educação Física desafios permanentes de adaptação curricular para assegurar o direito de aprender frente à diversidade e às desigualdades institucionais.

Da reprodução tecnicista à inquietação epistêmica

Durante anos, reproduzi na sala de aula as referências tecnicistas herdadas da graduação. Havia pontualidade e dedicação formal às matrizes curriculares, mas operava em uma cisão artificial: momentos de sala de aula baseados em cópias exaustivas de conteúdos teóricos e momentos de quadra com pouca problematização e reflexão, enquanto a avaliação repousava quase unicamente no controle do comportamento e na participação.

Gradualmente, dois elementos impulsionaram a resignificação da minha prática: as ações de formação continuada da rede e o acolhimento de estagiários de licenciatura em minhas turmas. O diálogo pedagógico com os acadêmicos provocou abalos saudáveis em minhas rotinas, instigando o enriquecimento dos planos de ensino, a diversificação dos instrumentos avaliativos e a abertura de momentos dialógicos ao término de cada aula. Conforme Darido (2003), a aproximação entre a universidade e a escola básica permite arejar a prática docente, superando a mera reprodução tradicional e fornecendo instrumentos reflexivos para responder aos desafios reais da cultura escolar.

Ainda assim, reconheço que mantive posturas de resistência: relutava em aderir aos recursos digitais, adotava uma posição defensiva frente às supervisões pedagógicas e desgastava-me com a pressão por resultados competitivos nos jogos escolares locais.

O redirecionamento definitivo de minha postura ocorreu após meu retorno de uma licença por interesse particular, período em que residi

temporariamente em Palmas (TO) por compromissos profissionais de meu esposo, Ricardo. Ao reassumir minhas atividades em Araguaína, fui lotada em uma nova escola. A convivência diária com uma equipe docente altamente qualificada, constituída por mestres e doutores pesquisadores, reconfigurou meu horizonte formativo. O ambiente de estímulo mútuo despertou a consciência de que minha trajetória comportava e exigia o ingresso em um programa de pós-graduação *stricto sensu* de excelência.

Essa transformação pelo coletivo encontra eco na concepção de Nóvoa (2009), ao argumentar que a identidade e o desenvolvimento profissional do educador se consolidam no espaço de trabalho compartilhado. A reflexão colaborativa entre pares rompe com a solidão pedagógica e transforma a própria escola em um ambiente de investigação, produção de saberes e formação continuada.

Anos antes, vivenciei uma frustração profunda ao concluir dois anos de um mestrado particular em Ciências da Educação, descobrindo tardiamente que o programa não possuía o reconhecimento da CAPES/MEC, invalidando a titulação. Superado o desgaste financeiro e emocional desse episódio e amparada pelo novo grupo de colegas, concentrei meus esforços exclusivamente nos programas públicos credenciados. Foi no perfil do PROEF que localizei minha identidade docente: uma formação rigorosa voltada aos problemas substantivos do cotidiano da Educação Básica.

Na primeira tentativa no certame do PROEF, realizada de modo remoto, enfrentei problemas de conectividade e fragilidades na preparação, não alcançando a vaga. Em vez de recuar, dediquei o ano seguinte a uma agenda disciplinada de leitura, revisão de referenciais contemporâneos e cursos preparatórios. O esforço materializou-se na aprovação em 5º lugar no processo seletivo presencial pelo polo da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

A experiência formativa no PROEF: reconfiguração da práxis

O ingresso no mestrado representou um impacto formativo profundo. Se inicialmente a perspectiva de progressão na carreira constituía um

atrativo imediato, a imersão nos debates acadêmicos despertou um genuíno compromisso com a transformação pedagógica. A Educação Física escolar ainda convive com as sequelas da transição paradigmática da década de 1980, oscilando frequentemente entre o esporte de rendimento excludente e o abandono docente ("rola a bola"). A legitimidade da nossa disciplina exige rigor teórico e intervenção qualificada.

Não hesito em reconhecer o sentimento de estranhamento inicial: as abordagens dos docentes, as discussões conceituais dos colegas e, sobretudo, as exigências no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) geraram sentimentos passageiros de insegurança. O confronto com as ferramentas digitais escancarou as lacunas acumuladas ao longo dos anos de resistência tecnológica. Contudo, cada disciplina concluída, cada atividade realizada e cada encontro presencial em polo consolidaram um aprendizado contínuo, repercutindo imediatamente na qualidade do meu planejamento na escola municipal.

Essa travessia só se tornou viável pela solidariedade encontrada no coletivo: registro minha profunda gratidão aos colegas de turma que compartilham as dúvidas e o suporte no uso das ferramentas, bem como aos egressos do PROEF, sempre generosos na troca de experiências e no encorajamento formativo.

Considerações finais: horizontes e projeções

Hoje me projeto na escola pública como uma educadora em permanente estado de reflexão, que recusa a reprodução mecânica de conteúdos descolados da vida dos estudantes. Almejo construir um currículo que encare a cultura corporal de movimento como linguagem, conhecimento e espaço de emancipação crítica, possibilitando às crianças das camadas populares ampliarem seus horizontes culturais — a exemplo do que a própria educação pública oportunizou à minha história de vida.

No campo profissional ampliado, pretendo constituir canais sólidos de diálogo entre a produção acadêmica da universidade e as necessidades

concretas das escolas municipais, atuando futuramente na formação continuada de pares e estimulando outros docentes a investigarem suas próprias realidades educativas.

Ser a primeira Mestre da minha linhagem familiar carrega um valor simbólico incomensurável. Concluo este memorial reafirmando meu compromisso ético e pedagógico com o ensino público e expressando minha imensa gratidão à minha rede de sustentação: à minha mãe, Antonia, pilar incondicional nos cuidados de minhas filhas em minhas ausências de estudo; ao meu esposo, Ricardo, pelo companheirismo e apoio logístico nos deslocamentos; e às minhas filhas, Alyce e Lívy, cuja compreensão generosa diante dos momentos de ausência me inspira a ser diariamente um exemplo de dedicação, integridade e afeto. A Deus, fonte da minha vida e guia dos meus passos, minha reverência e gratidão por tudo o que foi e pelo que virá.

REFERÊNCIAS

DARIDO, Suraya Cristina. A universidade e a prática do professor de Educação Física na escola: aproximações e tensões. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 289-299, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: DARIDO, Suraya Cristina et al. **Educação Física escolar: compartilhando saberes**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

NÓVOA, António. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

CAPÍTULO 7

ENTRE RAÍZES E CAMINHOS: A CONSTITUIÇÃO DE UMA IDENTIDADE DOCENTE NO INTERIOR DO TOCANTINS

Mateus Fílipe Maciel da Silva Barbosa

Escrever sobre a própria vida não é tarefa simples. Ao olhar para trás e tentar organizar em palavras aquilo que fomos vivendo aos poucos, corremos o risco de esquecer detalhes importantes ou de dar peso demais a episódios que, no momento em que aconteceram, pareciam pequenos.

Sempre fui leitor, e talvez por isso seja natural que, ao tentar entender a própria vida, eu recorra primeiro aos livros que a atravessaram. Bento Santiago, o narrador de *Dom Casmurro*, escreve suas memórias já velho, tentando reconstruir com palavras algo que só existe em fragmentos soltos, e, ao relembrar um beijo de Capitu, comenta que "a saudade é isto mesmo; é o passar e repassar das memórias antigas" (MACHADO DE ASSIS, 2012, p. 89). Não estou velho como Bentinho, mas entendo bem esse movimento de ir e voltar, de pegar um fio da lembrança e puxá-lo devagar até ele render um pedaço inteiro de história.

É com essa consciência, e com o mesmo gosto antigo pela literatura, que assumo o desafio de olhar para a própria trajetória e tentar compreender, num único texto, como um menino criado no interior do Tocantins se tornou professor e hoje escreve este memorial como parte de um mestrado profissional. Há algo de curioso nesse exercício, porque, quando ensinamos, contamos histórias o tempo todo, das regras de um jogo, de por que o corpo se move de certo jeito, de como o coração funciona depois de uma corrida, mas raramente dedicamos à nossa própria história o cuidado que damos a um conteúdo de aula. Este memorial é essa exceção.

Raízes e quintais

Nasci em Colméia, pequena cidade do interior do Tocantins, e desde muito cedo morei com meus avós maternos, numa casa que também abrigava minha mãe e meus tios. Com o tempo, minha mãe se mudou e meus irmãos passaram a viver com ela, enquanto eu permaneci com os avós. Foram eles e, sobretudo, uma tia que também morava conosco que mais marcaram minha infância.

Era uma criança agitada e curiosa, do tipo que não parava quieta, mas também sonhadora. Não estava entre os alunos mais brilhantes da turma, embora aprendesse rápido quando algo me interessava. Passava as tardes caçando passarinho de baladeira no pasto atrás da casa dos meus avós, com o capim alto batendo nas pernas e o sol quase sempre a pino. Em agosto, quando o vento seco do Tocantins finalmente decidia soprar com força, a rua onde eu morava se enchia de crianças soltando pipa numa ladeira grande que havia por ali, cada uma gritando o nome da própria pipa como se torcesse por um time. Na época não víamos nada de especial naquilo, mas hoje entendo que ali se formava boa parte de quem eu sou.

Mario Sergio Cortella escreveu certa vez que "raiz alimenta, âncora imobiliza" (Cortella, 2009), lembrando que ter raízes é diferente de ficar preso ao passado. Penso nisso sempre que visito meus avós, que continuam morando no mesmo lugar, e as lembranças voltam com força, quase como se o tempo não tivesse passado por aquele quintal, sem que isso me impeça de seguir em frente.

Vidas Secas, de Graciliano Ramos, é um dos livros que mais me marcaram. Li ainda no colégio e, de tempos em tempos, volto a ele. Há uma passagem em que Fabiano, depois de chegar com a família a um lugar novo, sem nada, se vê enfim fixado ali como vaqueiro, e Graciliano escreve que ele "aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado" (Ramos, 1938, p. 17). É uma imagem seca, quase dura, mas é também a mais honesta que encontro para o que meus avós construíram, um chão pobre em posses e rico em presença, onde não

sobrava luxo, mas também não faltava raiz. Até os meus doze ou treze anos, vivemos numa casa de paredes de tábuas e teto de palha, simples, mas onde nunca me faltou o essencial. Foi ali, entre o quintal e o pasto, que aprendi sem perceber valores como o respeito pelo trabalho, a paciência e a importância de estar perto de quem se ama, que levo comigo até hoje. Minha tia tinha um jeito de cuidar que supria boa parte da ausência da minha mãe, e talvez por isso, quando penso na infância, penso primeiro nela e nos meus avós, e não numa casa cheia de irmãos.

Minha trajetória escolar começou na Escola Saul Noletto, que já não existe e em cujo terreno hoje está sendo construída uma escola nova. Passei depois pela Escola Pedro Ludovico Teixeira, onde estudei até a quinta série, e pelo Colégio Estadual Serra das Cordilheiras, onde fiquei da sexta série ao terceiro ano do ensino médio e concluí os estudos em 2013.

Nesse percurso, duas professoras me marcaram de modo especial. A professora Devilsa, de português, exigia leitura e apresentação de livros, e foi por incentivo dela que li *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ainda no colégio, meu primeiro encontro de verdade com um narrador que olha para trás e ri um pouco de si mesmo, coisa que hoje, escrevendo este memorial, entendo melhor do que entendia aos dezesseis anos. A professora Desterro, de história, nos colocava com frequência para apresentar seminários em grupo. Sem que eu percebesse, as duas me ensinavam a ler com atenção e a falar em público sem medo, algo que se tornaria essencial na vida acadêmica. Naquela época eu não fazia ideia de que essas ferramentas seriam tão necessárias num mestrado que eu sequer sonhava cursar, nem de que o gosto pela leitura plantado ali se tornaria um hábito que agora empresto a este memorial.

Foi também no ensino médio que a Educação Física entrou de verdade na minha vida, embora de um jeito que eu não esperava. Quando surgiram vagas para os Jogos Escolares do Tocantins, os JETS, tentei o futsal, esporte mais praticado entre os colegas, mas não me saí bem e acabei indo para o vôlei. Foi ali que conheci o professor Waldicley, professor de Educação Física que treinava os alunos porque a escola não tinha um

profissional da área disponível para essa função. Ele não apenas me ensinou a jogar vôlei como me aproximou da profissão e, mais tarde, me levou para trabalhar em sua academia na cidade, o que estreitou ainda mais nossa relação. Olhando para trás, entendo que aquele encontro foi um dos pontos de virada da minha vida, do tipo que só reconhecemos como decisivo depois que o tempo passa e as coisas se encaixam. Se eu tivesse sido bom no futsal, talvez nunca o tivesse conhecido, e a Educação Física talvez nunca tivesse cruzado o meu caminho.

Hoje entendo que professores como ele fazem um trabalho que quase nunca aparece nas estatísticas da educação, o de abrir uma porta que o aluno nem sabia que existia. Ele não era obrigado a treinar o time de vôlei, fazia isso porque gostava, e foi esse gesto, feito sem cobrança, que mudou o rumo de uma vida inteira, a minha. Como aluno, eu não era destaque em notas, mas também nunca dei trabalho. Comunicativo e curioso, gostava de conversar e de brincar, mas cumpria minhas obrigações e fazia o que precisava ser feito. Ao terminar o ensino médio, mesmo já gostando da área por causa dele, ainda não tinha decidido seguir a Educação Física como profissão, tanto que, no fim de 2013, prestei vestibular para Agronomia e passei, embora não tenha chegado a ingressar no curso.

O vencimento do cansaço

No início de 2014, a faculdade onde eu estudaria, na época chamada Instituto Educacional de Santa Catarina - Faculdade Guaraí (IESC/FAG), abriu vagas apenas para Direito e Educação Física. Escolhi Educação Física pensando em pedir transferência mais adiante, mas fui gostando cada vez mais do curso e acabei ficando. Sou o primeiro da minha família a ter formação superior, conquista que ninguém em casa imaginava possível. Fernando Pessoa escreveu que "tudo vale a pena se a alma não é pequena" (PESSOA, 1934), e hoje entendo que aquela escolha meio acidental, quase por eliminação, carregava um tamanho que eu ainda não conseguia enxergar.

A graduação não foi um período fácil. Durante todos os anos de curso, trabalhei como auxiliar de escritório em um laticínio, das sete da

manhã às cinco da tarde. Às seis pegava o ônibus para Guaraí, chegava por volta das sete da noite, saía da faculdade às dez e voltava para casa perto das onze. Como no trabalho não era possível abrir um livro, só me restava estudar fora do expediente, e o próprio trajeto virou tempo de estudo. Na ida, ainda com a luz do dia, eu lia sentado no ônibus, enquanto na volta, já de noite, vinha de olhos fechados, descansando.

Os professores Robson Vila Nova, de legislação, Lucas Xavier, de currículo, e Hugo Leonardo, de fisiologia humana, mudaram de modo especial minha forma de enxergar a profissão. Conciliar trabalho e estudo foi o maior desafio daqueles anos, mas foi também ali que aprendi que cansaço e disciplina podem, sim, caminhar juntos. Colei grau numa cerimônia de gabinete, simples e individual, ao lado da minha esposa, que conheci ainda na graduação e que se tornaria, com o tempo, o alicerce da minha vida. Lembro-me de olhar para ela naquele dia, pensar em tudo o que tínhamos atravessado até ali, os horários apertados, o cansaço acumulado, as poucas horas de sono, e perceber que tinha valido cada minuto. Saí daquela cerimônia com o diploma debaixo do braço e uma certeza incompleta, pois sabia que queria dar aula, mas ainda não sabia em que escola, para que alunos, em que tipo de estrutura. A resposta não demoraria a chegar.

A pandemia e o pátio

Dante Alighieri abre *A Divina Comédia* dizendo que "no meio do caminho desta vida, me vi perdido numa selva escura" (ALIGHIERI, 1321). Guardadas as devidas proporções, foi essa a sensação que tive ao começar a lecionar, em 18 de março de 2020, exatamente no dia em que as escolas do estado pararam por causa da pandemia. Dificilmente eu teria imaginado uma cena mais precisa para resumir os anos seguintes do que essa, a de entrar na profissão justamente quando tudo parou. Ficamos sem aula até setembro daquele ano, quando voltamos com roteiros de estudo; em março de 2021 passamos ao formato online, e só em agosto retomamos as aulas híbridas, voltando aos poucos ao presencial.

Entrei como professor contratado em 2020, condição em que permaneci até 2023, e em 2024 tomei posse como efetivo na mesma escola em que já trabalhava. A estabilidade fez muita diferença na forma de planejar minha vida profissional e abriu a porta para o mestrado, que exige vínculo efetivo. A posse não mudou o pátio de cimento nem trouxe uma quadra coberta da noite para o dia, mas mudou alguma coisa dentro de mim, e passei a olhar para aquela escola pequena, de duzentos e catorze alunos, em média, menos como lugar de passagem e mais como um lugar meu, onde poderia construir algo que durasse. Escrevendo agora, percebo algo de simbólico no fato de o Colégio Militar do Estado do Tocantins Unidade XXII – Ary Ribeiro Valadão Filho, onde leciono, ficar na própria Colméia. Saí menino daquele pasto atrás de casa e voltei professor, para ensinar Educação Física a adolescentes que hoje crescem nas mesmas ruas onde eu soltava pipa.

O maior desafio desses primeiros anos foi adaptar o que aprendi na faculdade à realidade de uma escola sem quadra nem pátio coberto. As aulas de Educação Física acontecem num pátio de cimento descoberto, que fica escaldante sob o sol do Tocantins, a ponto de eu sentir o calor subindo pelas solas do tênis, e que a chuva, em outros dias, transforma em poças escorregadias, obrigando a improvisar de um instante para o outro. Valter Bracht, um dos principais autores da Educação Física escolar brasileira, já apontava que a realidade concreta das escolas públicas muitas vezes está distante do que a formação inicial dos professores prevê, e que cabe ao professor construir, no dia a dia, respostas pedagógicas para essa distância (BRACHT, 1992). Foi exatamente isso que precisei fazer, aula após aula, ano após ano. Manoel de Barros, poeta que soube como poucos encontrar beleza no que parece pobre e sem importância, escreveu que "a força de um artista vem das suas derrotas" (BARROS, 1996, p. 75), e talvez seja isso mesmo o que um professor também é, um artista que aprende a transformar a escassez em aula, a derrota em método, o cimento em possibilidade.

Não é incomum, na Educação Física escolar brasileira, encontrar relatos parecidos com o meu. Suraya Cristina Darido, ao discutir os desafios da disciplina nas escolas públicas, chama atenção para o abismo

que existe entre o que se aprende na formação inicial e o que se encontra na prática cotidiana, especialmente em municípios pequenos e com poucos recursos (DARIDO, 2003). Reconhecer essa distância não é motivo para desânimo, mas um ponto de partida para pensar outras formas de ensinar, adaptadas à realidade que se tem, e não à realidade que se gostaria de ter.

Rumo ao PROEF

Houve um período em que pensei seriamente em desistir da profissão. Com o cansaço físico e mental acumulado, cheguei a estudar para concursos da Polícia Militar e da Polícia Civil, dividido entre dois futuros bem diferentes, um em que eu continuava no giz e no apito, outro em que vestiria uma farda. Depois da posse como efetivo, passei a me preparar para a seleção do PROEF e apostei comigo mesmo que, se fosse aprovado, seria sinal de que deveria continuar na educação. Fui aprovado, larguei os outros concursos e segui firme no caminho que hoje ocupa boa parte da minha vida. Dessa aposta ficou uma intensidade nova, a de quem quase desistiu e escolheu ficar.

Escolhi o PROEF pela relevância do programa, que reúne universidades de todo o país, e porque estudar na UFT, a Universidade Federal do Tocantins, era um sonho antigo. Preparei-me bem para a seleção e hoje, no primeiro ano, curso as disciplinas enquanto a pesquisa da dissertação ainda está em fase de projeto. Conciliar a rotina de professor com o mestrado tem sido a parte mais difícil dessa fase, a ponto de, em alguns momentos, eu pensar em desistir também do mestrado, sobretudo quando trabalho, estudo e família pareciam não caber no mesmo dia, mas sigo em frente. Voltar a produzir textos, a ler com profundidade e a pensar de forma crítica exige um esforço grande, porque a rotina escolar, com sua carga burocrática, tende a nos afastar desse exercício intelectual. Paulo Freire escreveu que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção" (FREIRE, 1996). Estar no mestrado tem sido reencontrar essa unidade entre ensinar e pesquisar que a rotina

escolar vai desfazendo pedaço por pedaço, quase sem que a gente perceba.

A relação com meu orientador, o professor doutor Odélio Joaquim da Costa, tem sido boa desde os primeiros encontros, ainda que tenhamos nos reunido poucas vezes até aqui. O projeto ainda está em construção e já mudou bastante desde a primeira versão, e cada ajuste, embora trabalhoso, tem me ensinado que uma dissertação se redesenha enquanto se caminha. Chegamos a uma pesquisa sobre saúde e qualidade de vida no ensino médio, tema relevante para a Educação Física escolar e que, na prática, muitos professores da área têm dificuldade de trabalhar de forma consistente. A proposta parte de um diagnóstico do nível de atividade física e dos hábitos alimentares dos estudantes, segue com uma intervenção pedagógica nas minhas próprias aulas e termina ouvindo o que os alunos têm a dizer sobre essa experiência. Essa escuta é proposital. Durante muito tempo a Educação Física tratou o aluno como receptor de instruções, quase nunca como alguém que também tem algo a dizer sobre o próprio corpo e o próprio bem-estar, e ouvi-lo é, de certa forma, devolver a palavra a quem sempre esteve do outro lado do apito.

A coordenação do programa, hoje a cargo do professor Ruhena Kelber Abrão, reforça o compromisso de formar professores pesquisadores capazes de transformar a própria prática, e não apenas de reproduzir conteúdos prontos. Mesmo no primeiro ano, o mestrado já tem mudado a maneira como observo, planejo e avalio minhas aulas. Tenho me perguntado com mais frequência o que exatamente meus alunos estão aprendendo e para que serve esse aprendizado na vida deles, e essa pergunta chega também à avaliação, que hoje combina observação registrada em checklist, trabalhos e produções dos alunos e provas escritas ou orais, buscando equilibrar as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, com nota formal em todas as aulas.

Entre quem sou e quem ainda quero ser

Homero escreveu, na Odisseia, que "nada é mais doce do que a pátria e os pais" (HOMERO, 2003), e entendo bem esse verso hoje, casado e pai de

um menino de um ano e onze meses. Minha esposa tem sido essencial em cada etapa dessa caminhada, sempre presente, um lugar para onde volto quando as coisas ficam difíceis. Meu filho ainda não entende nada do que escrevo aqui, mas um dia vai ler, e espero que reconheça no pai alguém que tentou, com os recursos que tinha, dar-lhe algo melhor do que recebeu. Gosto de treinar musculação, correr e jogar vôlei, e tenho um carinho especial por fazenda, talvez resquício daquela infância entre o pasto e a pipa. São atividades que me ajudam a equilibrar a rotina entre escola, mestrado e família, momentos em que a cabeça descansa um pouco de tanta cobrança.

Os valores que mais guiam minha vida são a família e a persistência, além de uma espécie de inconformismo saudável com o lugar onde estou, que me faz buscar sempre um pouco mais. Em casa, ninguém acreditava que alguém da família chegaria aonde cheguei, e talvez venha daí esse impulso de continuar avançando. Não digo isso com orgulho ferido nem como acerto de contas, mas como quem reconhece que parte da força que uso hoje vem justamente daquela descrença antiga, que funcionou, sem querer, como um combustível silencioso. Clóvis de Barros Filho lembra que "para desejar, basta não ter" (BARROS FILHO, 2019), e penso muito nisso quando observo meus alunos. Posso ensinar conteúdo, técnica, regras, tudo o que sei sobre Educação Física, mas o querer aprender é algo que só o próprio aluno pode construir.

Se pudesse dizer uma frase ao Mateus criança, ao menino que caçava passarinho no pasto nos fundos da casa dos avós, diria que ele chegaria a lugares que sequer imaginava que fossem possíveis.

A Educação Física, que entrou na minha vida quase por acaso, por meio de um esporte em que eu nem era bom, hoje é parte de quem sou, e não apenas uma profissão que exerço. O maior aprendizado que a vida me trouxe até aqui é que quem não sabe que caminho quer seguir acaba aceitando qualquer um que apareça, e que, quando tudo parece dar errado, é a família que nos levanta de novo. Nelson Mandela dizia que "a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o

mundo" (MANDELA, 2003), e é um pouco dessa arma que tento colocar nas mãos dos meus alunos, mesmo com tão pouca estrutura ao redor. Quero ser lembrado como aquele professor legal, que ensinou algo que realmente fez diferença na vida de quem quis aprender.

Daqui a cinco ou dez anos, imagino-me talvez como professor universitário, quem sabe num Instituto Federal, seguindo uma trajetória que começou num pátio de cimento e que, aos poucos, vai me levando a lugares que o menino de Colméia não tinha como prever. O caminho pela frente ainda é longo, mas, se há algo que aprendi até aqui, é que persistência, família e vontade de aprender bastam para seguir avançando, mesmo quando o ponto de partida é modesto.

Quando este memorial estiver pronto e arquivado, sei que vou reabri-lo um dia, talvez daqui a dez ou vinte anos, e sentir de novo aquele movimento que Bentinho descrevia, o passar e repassar das memórias antigas. Espero, nesse dia, olhar para o professor que fui em 2026 com a mesma mistura de ternura e orgulho com que hoje olho para o menino que soltava pipa em Colméia.

Talvez esse seja o maior valor de escrever um memorial, não o de encerrar uma história, mas o de perceber que ela continua em aberto. O menino da ladeira de Colméia não imaginava que um dia estaria escrevendo sobre a própria trajetória para uma universidade federal. Guimarães Rosa dizia que "as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas" (GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 24-25), e é assim que me sinto ao terminar este texto, como alguém inacabado, em construção e feliz por ainda ter tanto caminho pela frente. O professor que hoje dá aula num pátio de cimento, sob o sol que castiga e a poeira que sobe a cada corrida, também não sabe exatamente aonde vai chegar, mas segue, porque aprendeu que o caminho se faz de pequenas decisões tomadas com constância, e que cada uma delas, por menor que pareça, pode mudar tudo o que vem depois.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. 1321.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre Nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS FILHO, Clóvis de. *A felicidade é inútil*. São Paulo: Editora Planeta, 2019.

BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?* Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2009.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. In: GUIMARÃES ROSA, João. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2. (Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira). Edição digital.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2003.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. Transcrição de Jorge Stolfi. Campinas: Unicamp, 2012. Versão preliminar. Publicado originalmente em 1899. Disponível em: <https://ic.unicamp.br/~stolfi/projects/dom-casmurro/1999/book-1999.pdf>. Acesso em: 25 out. 2026.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.

MANDELA, Nelson. *Discurso no lançamento da Mindset Network*. Joanesburgo, 16 jul. 2003.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. Edição digital, distribuição gratuita.

CAPÍTULO 8

MEMORIAL ACADÊMICO-PROFISSIONAL

Nayhara Almeida Inácio

“Eu sou assim. Processo constante de vir a ser.”

—Fábio de Melo (2013)

De onde vim

Revisitar minha trajetória significa reconhecer que a formação pessoal e profissional não se constrói apenas em instituições formais, mas também nas experiências, nas relações, nas práticas corporais e nos saberes produzidos ao longo da vida.

Nasci em 2 de maio de 1987, no município de Balsas, Maranhão, filha de Sebastião Laudelino Inácio e Maria Fonseca de Almeida, dois mineiros que vieram para o Maranhão em busca de novas oportunidades. Sou a caçula de três filhos: minha irmã mais velha, Vivianne; meu irmão do meio, Thiago; e eu, Nayhara. Cresci em uma família que, desde muito cedo, me ensinou o valor do trabalho, da educação, da coragem e da perseverança.

Desde a infância, minha irmã mais velha, Vivianne, teve um papel muito especial em minha vida. Além do vínculo de irmandade, sempre foi uma grande incentivadora dos meus sonhos e das minhas escolhas. Em cada nova ideia, aventura ou desafio que eu decidia enfrentar, encontrava nela apoio, confiança e palavras de encorajamento. Mesmo quando meus planos pareciam difíceis ou incertos, ela acreditava em mim e me incentivava a seguir em frente. Hoje, ao revisitar essas memórias, reconheço que muitas das escolhas que tive coragem de fazer também foram fortalecidas por esse apoio. Vivi faz parte não apenas das minhas lembranças de infância, mas da mulher e da professora que me tornei.

Minha infância foi marcada pela alegria, pela curiosidade e por um espírito aventureiro que, olhando hoje para minha trajetória, percebo que nunca me abandonou. Eu falava muito, gostava de brincar, inventar coisas e estar em movimento. A rua onde cresci e onde, por incrível que pareça, meus pais ainda moram até hoje era um dos principais espaços de convivência e aprendizagem. Brincávamos de correr, esconde-esconde, pique-bandeira, salve-latinha e pega-ladrão, pião, pipa, elástico, carrinho de rolimã e tantas outras brincadeiras de rua. Havia também as festas de São João, o carnaval das crianças e o amigo-secreto de final de ano, além das festas religiosas. Ao revisitar essas lembranças, reconheço o brincar como uma importante prática social e cultural da infância, conforme discutido por Kishimoto (2017).

Talvez eu não pudesse compreender isso naquela época, mas muitas das experiências que hoje valorizo como professora de Educação Física já estavam presentes na infância. Antes mesmo de conhecer academicamente a cultura corporal, eu já a experimentava diariamente por meio das brincadeiras, dos jogos, das festas e das relações construídas com outras crianças. Aquela rua, portanto, não foi apenas o lugar onde cresci; foi também um dos primeiros espaços onde aprendi a conviver, compartilhar, criar e participar.

Minha trajetória escolar começou no jardim de infância, na Escola Estadual Luiz Rego, onde também cursei a 1ª e a 2ª série. Na 3ª série, estudei no Colégio Estadual Didácio Santos. Guardo poucas lembranças desse primeiro período escolar. Recordo-me principalmente das gincanas e das apresentações teatrais realizadas na escola, mas, até aquele momento, ainda não havia tido um contato significativo com o esporte no ambiente escolar. Em 1996, minha mãe, que trabalhava como costureira e dona de casa, decidiu retornar aos estudos e cursar o Magistério. Sua decisão tornou-se uma referência muito forte para mim: ela me mostrou, pela própria vida, que sempre é possível recomeçar por meio da educação.

Durante o estágio de minha mãe no Colégio Marista, ela se encantou com a estrutura da escola, com o ensino oferecido e, principalmente, com as possibilidades que eu poderia ter ao estudar ali. Foi a partir dessa experiência que surgiu uma oportunidade que mudaria minha história.

Antes mesmo da prova de ingresso, participei de um torneio de patinação realizado na escola e conquistei o primeiro lugar. Posteriormente, fui aprovada no processo seletivo e ingressei na 4ª série, no turno vespertino. No final do mesmo ano, minha mãe se formou professora e foi aprovada em seu primeiro concurso, o que possibilitou melhores condições de vida para nossa família.

Foi no Marista que o esporte passou a ocupar um lugar central em minha vida. Da dança às diferentes modalidades esportivas, fui conhecendo voleibol, futsal, futebol, basquetebol, handebol, vôlei de praia, atletismo e outras práticas, além da participação na banda marcial nos desfiles cívicos de 7 de setembro. Os professores de Educação Física, vindos da Paraíba em um período em que havia pouca formação específica na região, tiveram papel importante nessa experiência. Hoje reconheço que esse conjunto de vivências ampliou meu contato com as diversas linguagens e práticas da cultura corporal de movimento, sob a perspectiva analítica defendida por Bracht (1999).

Entre a 4ª série do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, destaquei-me nas atividades esportivas e consegui uma bolsa de estudos de 50% na escola. Participei das Olimpíadas Maristas em Belém, em 2001, e em Recife, em 2003. Entre todas as modalidades que fizeram parte dessa trajetória, o handebol e o futsal ocuparam lugares especiais em minha história. O esporte já não representava apenas competição: tornou-se também possibilidade de permanência na escola, de viajar, conhecer outros lugares e pessoas, construir amizades, pertencer a grupos e ampliar meus horizontes.

Depois do Ensino Médio, ainda não tinha certeza sobre qual profissão seguir. Pensei em Enfermagem e Direito e cheguei a ser aprovada em Direito. Também participei de processos seletivos para Enfermagem e tive a possibilidade de estudar em Gurupi. Minha mãe, mais uma vez, teve papel importante nesse momento, aconselhando-me a estudar um pouco mais e buscar uma escolha que realmente fizesse sentido para mim.

Nesse período, meus antigos professores de Educação Física começaram a me convidar para ajudá-los em competições escolares, colônias de férias e interclasses. Aos poucos, aquela estudante e atleta começou a experimentar o outro lado do esporte: a organização, o cuidado, o ensino e a responsabilidade por outras pessoas. Sem que eu percebesse naquele momento, essas experiências já me aproximavam da docência.

Quando surgiu, por meio do ENEM, a oportunidade de cursar Educação Física no Centro Universitário do Maranhão – UNICEUMA, em São Luís, aceitei o desafio. Deixar Balsas significava afastar-me da família e dos lugares que até então constituíam minha história, mas também representava a possibilidade de descobrir novos caminhos. O esporte, que havia entrado em minha vida ainda na escola, começava agora a me conduzir para a profissão que se tornaria parte fundamental de quem eu sou.

Por onde passei

Mudar de Balsas para São Luís representou uma grande transformação em minha vida. Passei a morar com minha prima Rosemary, seu esposo Rudakoff e suas filhas, Alexandra e Raíssa, pessoas que foram essenciais durante minha formação e que contribuíram para que a distância de casa e da minha família se tornasse mais leve. Na universidade, meu olhar sobre a Educação Física começou a se ampliar e fui compreendendo que minha futura profissão não se limitava ao esporte competitivo que havia marcado tão fortemente minha trajetória escolar.

Participei de atividades comunitárias, da República dos Esportes, de eventos de recreação e lazer e de projetos sociais com crianças e pessoas idosas. Continuei ligada ao handebol e encontrei, na graduação, uma turma muito unida, com a qual compartilhei aprendizagens e experiências que ultrapassaram a sala de aula. Essas vivências também ampliaram minha compreensão sobre o lazer, entendido por Marcellino (2006) como uma dimensão da cultura e da vida social.

A própria experiência de viver em São Luís contribuiu para ampliar minha formação. O São João, o Bumba Meu Boi, o Tambor de Crioula, o

carnaval, o reggae e tantas outras manifestações presentes na cidade me aproximaram ainda mais da riqueza da cultura maranhense. Aos poucos, fui percebendo que jogos, esportes, danças e outras práticas corporais carregam histórias, identidades e modos de viver. À luz de Vieira Filho (1977), compreendo essas manifestações como expressões do folclore maranhense, constituídas pelo encontro de contribuições portuguesas, indígenas e negras, pelos ritmos, rituais e festas que dão identidade própria à cultura do Maranhão.

Após concluir a graduação, retornei a Balsas, em 2011, imaginando que encontraria rapidamente meu espaço profissional. A realidade, entretanto, foi diferente. Em uma academia, mesmo já graduada, queriam que eu atuasse como estagiária. Em outra, surgiu uma possibilidade de trabalhar com natação, mas meu desejo estava cada vez mais direcionado à educação. Fiz pós-graduação em Metodologia do Ensino da Educação Física, participei de concursos e processos seletivos e vivi um período de incertezas. Ainda naquele ano, fui aprovada em um processo seletivo do Serviço Social da Indústria (SESI), mas a convocação só aconteceria posteriormente.

Em maio de 2011, surgiu meu primeiro contrato pela Prefeitura Municipal de Nova Colinas, município localizado a aproximadamente 110 quilômetros de Balsas. Passei a atuar no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e em uma escola da zona rural, com turmas do 6º ao 9º ano. Trabalhei até dezembro daquele ano e retornei em janeiro de 2012, permanecendo até maio.

O trabalho no CRAS representou uma verdadeira virada de chave. Desenvolvi atividades de recreação, lazer, dança, festas e projetos e, sobretudo, tive contato com diferentes realidades sociais. Na escola rural, encontrei um dos maiores desafios do início da carreira. Durante os primeiros meses, não havia transporte regular e eu dependia de caronas para chegar ao local. A estrutura também era muito simples: havia apenas um pequeno espaço de areia e pedras, com uma trave de madeira para a realização das atividades.

Foi naquele cotidiano que comecei a compreender concretamente que ser professora exigia muito mais do que aplicar aquilo que havia aprendido durante a graduação. Era preciso criar, adaptar, observar e encontrar possibilidades a partir das condições existentes. Tardif (2014) destaca que os saberes docentes não se originam exclusivamente da formação acadêmica, mas também são construídos nas experiências e relações que atravessam o exercício da profissão. Hoje reconheço que aquela pequena escola rural foi um dos primeiros lugares em que comecei, verdadeiramente, a aprender a ser professora.

Nova Colinas me acolheu e deixou amizades que permaneceram para além daquele período. Foi também ali que tive uma das primeiras certezas profissionais da minha trajetória: a educação era o caminho que eu queria seguir.

Em maio de 2012, quando retornava da escola rural, recebi uma ligação do SESI referente ao processo seletivo realizado no ano anterior. A oportunidade que eu aguardava havia chegado, embora de forma diferente da que imaginava. A vaga era em Bacabal, e não em São Luís, como eu desejava. Mesmo assim, aceitei o desafio.

Meu pai foi fundamental naquele momento. Ajudou-me com documentos, exames, deslocamentos e com tudo o que era necessário para que eu pudesse assumir a vaga. No dia 29 de maio de 2012, levou-me, juntamente com minhas coisas, para Bacabal, a aproximadamente 650 quilômetros de Balsas. Mais uma vez, eu estava deixando minha cidade para começar uma nova etapa.

Cheguei a Bacabal sem ter onde morar. Ruth, bibliotecária do SESI, acolheu-me durante os primeiros dias e abriu as portas de sua casa para mim. Também reencontrei Érica, que eu conhecia da época da República dos Esportes, em São Luís. Aos poucos, Bacabal deixou de representar apenas um novo local de trabalho e passou a se tornar um espaço de vínculos, aprendizagens e experiências importantes.

No SESI, fui convidada a atuar na coordenação de Qualidade de Vida e Esporte. Trabalhei com ginástica laboral, palestras e ações voltadas aos trabalhadores da indústria, Oficinas de Qualidade de Vida com estudantes

do 6º ao 9º ano, além de aulas de natação para estudantes, membros da comunidade e trabalhadores, bem como aulas de hidroginástica. Entre as atividades de que mais gostava estava justamente a hidroginástica com pessoas idosas. Eu ensinava movimentos dentro da piscina, enquanto eles me ensinavam sobre a vida.

Também participei dos Jogos dos Trabalhadores do SESI, de colônias de férias, semanas de qualidade de vida, cursos e congressos, entre eles o Congresso Brasileiro de Qualidade de Vida, em São Paulo. Essas experiências ampliaram meu campo de atuação e me ensinaram também sobre planejamento, gestão, responsabilidade e trabalho em equipe.

Nesse percurso, construí relações profissionais e amizades que marcaram profundamente minha passagem pela instituição. Entre essas pessoas estava Gezebel, do SESI de Imperatriz, de quem guardo lembranças muito carinhosas. Ela foi uma grande parceira, especialmente nos momentos em que eu precisava de conselhos, de auxílio com as planilhas e metas institucionais ou de novas ideias para desenvolver o trabalho. Sua disponibilidade para compartilhar conhecimentos tornou muitos desafios mais leves.

No cotidiano de Bacabal, pessoas como Eran, o professor Tenhor, Osvaldo, o Laranja, e Ruth também marcaram minha trajetória. Em 2014, acompanhei uma equipe de tênis de mesa que conquistou vaga para os Jogos Escolares da Juventude e tive a oportunidade de atuar como técnica da equipe do Maranhão, em Londrina. Havia algo muito simbólico naquela experiência: a estudante que um dia viajava para competir agora era a professora que acompanhava outros estudantes em suas próprias experiências esportivas.

Bacabal também me presenteou com vínculos que ultrapassaram o ambiente de trabalho. Em janeiro de 2015, nasceu João Neto, meu afilhado, fortalecendo ainda mais minha ligação afetiva com aquele lugar. Entre as amizades, Anderson Trigueiro ocupa um espaço muito especial em minha memória. Foi amigo, confidente e presença constante nos momentos de alegria e de frustração. Sua morte durante a pandemia deixou uma

ausência profunda. Ao recordar nossa amizade, compreendo que só sentimos profundamente a ausência de quem esteve profundamente presente.

Em dezembro de 2015, em meio a um cenário de reorganizações e incertezas institucionais, encerrei minha trajetória no SESI. Apesar de todas as oportunidades que havia recebido, existia dentro de mim a sensação de que ainda faltava alguma coisa. Eu desejava maior estabilidade profissional e queria me aproximar novamente da educação pública. Ao mesmo tempo, não havia conseguido a classificação que esperava no concurso do Estado do Maranhão, o que trouxe novas frustrações e incertezas sobre os caminhos que seguiria.

Depois do SESI, permaneci alguns meses em Bacabal e, por intermédio de Eran e Iracilda, tive minha primeira experiência no Ensino Superior, em Dom Pedro. Ministrei as disciplinas de Fisiologia do Exercício, Recreação e Lazer e Lutas para estudantes do curso de Educação Física. Foi uma experiência desafiadora e gratificante: pela primeira vez, eu era professora de futuros professores. Essa responsabilidade reforçou algo que continuaria presente em minha trajetória: para ensinar, eu também precisava continuar aprendendo.

Em maio de 2016, retornei definitivamente para Balsas. Não queria deixar as pessoas que havia conhecido em Bacabal, mas compreendia que precisava deixar o lugar. Voltei carregando experiências, amizades, aprendizagens e algumas frustrações profissionais.

Entre maio e novembro de 2016, vivi uma pausa. Estava decepcionada com alguns acontecimentos da profissão, com a saída do SESI e com resultados profissionais diferentes daqueles que eu esperava. Pela primeira vez, permiti-me não ter todas as respostas. Parei, descansei, aproveitei aquele período e cheguei a questionar se continuaria na Educação Física.

Em novembro de 2016, surgiu um processo seletivo para professor temporário da rede estadual do Maranhão. Embora Balsas fosse minha cidade natal, não era ali que eu desejava permanecer profissionalmente. Meu espírito aventureiro falou mais alto e escolhi São Pedro dos Crentes,

município que eu sequer conhecia, localizado a aproximadamente 155 quilômetros de Balsas.

Hoje, ao olhar para aquela decisão, percebo que escolher São Pedro significou mais do que aceitar outro contrato de trabalho. Depois de meses questionando minha própria profissão, escolher ensinar novamente também foi uma forma de responder a mim mesma que eu ainda queria ser professora.

Em dezembro de 2016, cheguei a São Pedro dos Crentes para trabalhar com Educação Física no Ensino Médio, da 1ª à 3ª série. Mais uma vez, fui acolhida por pessoas que se tornariam fundamentais em minha história. Eronita, secretária da escola, abriu as portas de sua casa e permitiu que eu morasse com ela durante aproximadamente seis meses. Cleide Helena, também de Balsas, tornou-se uma grande parceira na educação e, posteriormente, uma grande amiga. Sua atuação na gestão escolar, entre 2016 e 2023, marcou profundamente esse período da minha trajetória.

A própria Educação Física naquele contexto precisou ser construída. A participação nas práticas esportivas ainda era limitada, especialmente entre as meninas, e, ao longo dos anos, buscamos ampliar as oportunidades e diversificar as experiências oferecidas aos estudantes. Darido e Rangel (2005) defendem uma Educação Física escolar comprometida com a ampliação das possibilidades de participação e com a diversificação das práticas pedagógicas.

Como reflete a filósofa Hannah Arendt (2007), a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumir a responsabilidade por ele e pelos novos seres que nele chegam. Assumir esse compromisso na docência deu um novo sentido à minha caminhada.

Essa perspectiva traduz algo que eu aprendia no cotidiano: eu já não era apenas a menina para quem o esporte havia aberto portas; começava a me tornar a professora que buscava abrir essas portas para outros jovens.

São Pedro dos Crentes deixou de ser apenas uma escolha profissional e se tornou minha casa. Em 2017, depois do retorno das férias escolares, conheci Marcelo Henrique em uma festa. Começamos nosso relacionamento e, em maio de 2018, descobri que estava grávida. A gravidez trouxe uma nova organização para minha vida e comecei a construir minha família com Marcelo. Em 9 de dezembro de 2018, nasceu José Inácio, o amor da minha vida. Com ele, nasceu também uma nova versão de mim.

Com a implantação do Novo Ensino Médio, em 2022, vieram novos componentes curriculares, novas exigências e a necessidade de estudar e planejar ainda mais. Em 2023, Cleide me convidou para assumir a Coordenação Pedagógica. Esse convite representou outra virada de chave para mim.

Percebi que, depois de anos trabalhando por contrato, havia alcançado certo conforto profissional. Sem perceber, tinha deixado de estudar com a mesma intensidade e, de alguma maneira, também havia deixado de sonhar mais alto. Pensar no futuro de José Inácio me fez refletir sobre as oportunidades que eu desejava construir não apenas para mim, mas para nossa família.

Foi então que decidi me dedicar intensamente ao concurso da Secretaria de Estado da Educação do Tocantins. Foram meses de preparação, renúncias, cansaço e até conflitos dentro de casa. Quando terminei a prova, saí confiante de que havia conseguido. Em dezembro de 2023, veio a convocação. Eu havia escolhido Araguaína, a aproximadamente 250 quilômetros de São Pedro dos Crentes.

Depois de muitas conversas com meus pais, com minha irmã mais velha, Vivianne, e com meu esposo, Marcelo, decidimos que eu assumiria o cargo. Fui a Balsas realizar os exames necessários e organizar a documentação para aquela nova etapa. “Antes mesmo de compreender a dimensão dos meus sonhos, eu já tinha ao meu lado pessoas que acreditavam neles. Minha mãe foi uma das primeiras pessoas a me ensinar que a coragem de seguir em frente também nasce do apoio de quem nos ama.”

Em 2023, eu voltei a estudar. Mas, sobretudo, voltei a sonhar.

No dia 19 de janeiro de 2024, apresentei-me à regional de ensino de Araguaína para entregar a documentação e escolher a escola. Inicialmente, queria trabalhar em um colégio militar onde havia realizado a prova do concurso, mas a organização da carga horária não permitiria conciliar minha nova rotina profissional com minha vida em São Pedro dos Crentes.

Acabei seguindo para o Colégio Estadual Jardenir Jorge Frederico, onde foi possível organizar meus horários de maneira mais adequada. Ainda assim, a rotina que se estabeleceu foi extremamente cansativa. Toda semana, eu percorria cerca de 500 quilômetros, considerando a ida de São Pedro dos Crentes a Araguaína e o retorno, muitas vezes a bordo de uma D20, enfrentando trechos de estrada de terra até Estreito. Permanecia parte da semana em Araguaína e depois retornava para casa. Foi um ano de muito cansaço e muitas exigências. Eu fazia tudo aquilo pensando também em minha família, embora, paradoxalmente, precisasse permanecer longe dela durante parte da semana.

No Jardenir Jorge Frederico, reencontrei intensamente o esporte escolar por meio das eletivas esportivas e dos treinamentos voltados às competições. Depois de anos, senti novamente a energia dos jogos escolares e do acompanhamento dos estudantes em competições. Mas aquele reencontro trouxe também algo novo.

Foi nessa realidade que meu olhar para o esporte e para a inclusão ganhou outra dimensão. Havia estudantes com deficiência participando dos treinamentos e das competições. Aprofundei meu contato com o badminton e com o atletismo adaptado e comecei a perceber com mais clareza que a participação esportiva poderia significar muito mais do que desempenho: poderia representar autonomia, pertencimento, reconhecimento e oportunidade. Sem que eu soubesse naquele momento, o paradesporto começava a entrar na minha trajetória antes mesmo de se transformar em objeto de estudo e pesquisa.

Nesse período, conheci colegas de Educação Física que também estavam iniciando novas etapas profissionais. Eles, me apresentaram o PROEF — Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Ele

já estava concluindo o programa, e começamos a alimentar a ideia de que também tentaríamos ingressar no mestrado. Entretanto, os acontecimentos de 2024 fizeram com que eu não realizasse a seleção naquele ano. O sonho precisou ser adiado. Meus antigos companheiros de jornada, fizeram a prova e foram aprovados. A conquista deles me mostrou que aquele caminho continuava possível para mim.

No final do ano, a escola passou por uma mudança de direção e a organização dos horários tornou-se mais rígida para os professores que conciliavam outras cargas de trabalho. Ao mesmo tempo, Marcelo decidiu que não se mudaria para Araguaína, como havíamos planejado. As possibilidades começaram a se afunilar.

Foi então que retomei uma alternativa que havia surgido durante uma das minhas viagens. Em uma travessia de balsa entre Filadélfia, no Tocantins, e Carolina, no Maranhão, ouvi uma conversa que acabou me levando até Ivan, professor de Educação Física que havia sido aprovado para Filadélfia, mas tinha sua vida ligada a Araguaína. Nossas situações eram praticamente inversas. Começamos a conversar sobre uma possível permuta: ele retornaria para Araguaína e eu seguiria para Filadélfia. Curiosamente, algum tempo depois nossos caminhos voltariam a se encontrar, dessa vez como colegas no mestrado.

Em dezembro de 2024, depois de muitas conversas, iniciamos os trâmites. No final de janeiro de 2025, enquanto eu já estava em Araguaína participando da formação para o novo ano letivo, saiu o resultado autorizando a permuta. Era hora de organizar as malas novamente. Dessa vez, Marcelo esteve ao meu lado e me ajudou em toda a mudança para Filadélfia. Anos antes, meu pai havia me acompanhado quando parti para Bacabal. Agora, era meu esposo quem dividia comigo mais uma mudança e mais um recomeço.

Quem me tornei

“Deixe o coração falar / E o coração vai te mostrar / O caminho que é teu...”

— Almir Sater (Coração Coração).

Eu já havia superado muitos desafios até chegar ali. No entanto, talvez o maior deles ainda estivesse por vir. Cheguei à Escola de Tempo Integral Adeuvaldo de Oliveira Moraes em 2025, acreditando que a mudança para Filadélfia facilitaria minha vida familiar e profissional. Meu primeiro grande desafio, entretanto, surgiu imediatamente: adaptar-me ao modelo de funcionamento da escola em tempo integral. Embora eu já viesse de uma escola de tempo integral, a realidade que encontrei em Filadélfia era diferente. A transição para esse modelo ainda encontrava resistências, e eu também fiz parte delas. Minha reação inicial foi de rejeição àquela organização. As conversas com a direção eram difíceis, eu enxergava poucas possibilidades de chegarmos a um entendimento e cheguei a considerar seriamente retornar para Araguaína ou simplesmente desistir de tudo.

Resolvi ficar.

Hoje percebo a importância dessa decisão. Permanecer significou começar a olhar menos para aquilo que eu esperava encontrar e mais para aquilo que poderia construir. A carga horária regular de Educação Física era de apenas uma aula semanal, mas havia também duas aulas de eletivas esportivas e as atividades do componente Esporte na Escola. Foi justamente por meio do Esporte na Escola que comecei a construir uma nova relação com aquele espaço. Passei a olhar com mais atenção para os estudantes com deficiência e a pensar minha prática considerando suas possibilidades de participação. Decidi trazer para aquela realidade uma modalidade com a qual havia aprofundado meu contato em Araguaína: o badminton. Aos poucos, aquilo que começou como a introdução de uma modalidade esportiva passou a representar algo muito maior.

Comecei a compreender que incluir não poderia significar apenas colocar o estudante com deficiência em uma prática previamente organizada e esperar que ele se adaptasse a ela. Era necessário pensar a própria prática pedagógica de maneira que diferentes estudantes tivessem condições reais de participar. Essa compreensão dialoga com Mantoan

(2015), ao defender uma perspectiva de inclusão que exige transformações nas práticas escolares, e com Sasaki (2010), quando enfatiza a necessidade de superação de barreiras para possibilitar participação e inclusão social.

Essa reflexão também me fazia retornar à minha própria história. Durante a infância e a adolescência, o esporte havia aberto portas para mim: contribuiu para minha permanência na escola, permitiu que eu viajasse, conhecesse outros lugares e pessoas e construísse novas possibilidades. Agora, como professora, começava a compreender que poderia contribuir para que essas portas também se abrissem para meus estudantes.

Em meio aos desafios profissionais de 2025, retomei meus estudos e voltei a direcionar minha atenção para a seleção do PROEF. Meus ex-colegas de trabalho, já aprovados no programa, continuavam me incentivando, mesmo à distância. Também adquiri um curso preparatório e voltei a estabelecer uma rotina de estudos. Enquanto eu me preparava para tentar realizar um sonho que havia sido adiado no ano anterior, o trabalho com o paradesporto começava a produzir frutos dentro da escola. Passei a treinar Eloá e Pedro, dois estudantes com deficiência física. Vieram os treinamentos, as adaptações, as dificuldades, os aprendizados e, gradativamente, as conquistas. Os dois se classificaram para o ParaJETS e, posteriormente, foram classificados e convocados para as Paralimpíadas Escolares, em São Paulo.

A convocação para a competição nacional representou um marco para a Escola de Tempo Integral Adeuvaldo de Oliveira Moraes. Mais do que chegar a uma competição nacional, significava perceber que aqueles estudantes poderiam ocupar espaços que, até então, pareciam distantes. Aquilo que eu vinha compreendendo sobre participação e inclusão começava a ganhar materialidade na trajetória dos próprios estudantes. Entre os dias 22 e 29 de novembro de 2025, estive em São Paulo acompanhando-os nas Paralimpíadas Escolares. O encerramento daquela experiência reservou uma conquista histórica: Eloá conquistou a medalha de terceiro lugar no parabadminton, resultado inédito para a escola.

Ao vê-la no pódio, tive a certeza de que todo o trabalho, a dedicação, os treinamentos e os esforços compartilhados haviam valido a pena. Não apenas pela medalha, embora ela tivesse um significado especial, mas principalmente pelo que representava em termos de oportunidade, participação, reconhecimento e pertencimento. Aquele pódio não era apenas o resultado de uma competição; simbolizava possibilidades que começavam a ser construídas por meio do paradesporto, mas 2025 ainda me reservava outro momento decisivo.

No dia seguinte ao encerramento das Paralimpíadas, em 30 de novembro de 2025, eu precisava estar em Palmas para realizar a prova de seleção do PROEF. Em um intervalo mínimo, deixava uma experiência nacional como professora e técnica e seguia para um momento decisivo da minha própria trajetória acadêmica. A proximidade entre esses dois acontecimentos tornou aquele período ainda mais significativo. De um lado estavam meus estudantes, os treinamentos, as adaptações, o parabadminton e as experiências concretas vivenciadas na escola. Do outro estavam os livros, os textos, os estudos e o desejo de compreender melhor aquilo que eu mesma vinha construindo como professora. Teoria e prática começavam a se encontrar de uma maneira muito particular em minha trajetória.

O ano de 2025 terminou marcado pela conquista de Eloá e 2026 começou com uma conquista que eu aguardava ansiosamente. No dia 7 de janeiro de 2026, foi divulgado o resultado da seleção para o PROEF.

Procurei meu nome.

E ele estava lá.

Eu havia sido aprovada para ingressar no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF.

Naquele momento, muitas partes da minha história pareciam se encontrar. A menina que havia descoberto o esporte ainda na escola; a atleta que viajava para competir; a jovem que escolheu a Educação Física; a professora que iniciou sua carreira entre o CRAS e uma pequena escola

rural; a profissional que viveu experiências no SESI; a professora que havia se decepcionado com a profissão e chegou a questionar seus caminhos; a contratada que percebeu que precisava voltar a estudar; a mãe que desejava construir novas oportunidades para sua família; a mulher que enfrentou quilômetros de estrada entre São Pedro dos Crentes e Araguaína; e a professora que quase desistiu de permanecer em Filadélfia. Todas essas versões de mim estavam presentes naquela conquista.

A chegada ao mestrado, entretanto, não representou um ponto final. Pelo contrário, significou iniciar outra etapa de formação e aprender a olhar para minha própria prática também como objeto de reflexão e investigação. As experiências com o esporte, a inclusão, o badminton, o parabadminton e os estudantes com deficiência suscitaram perguntas que agora posso aprofundar academicamente.

Desse encontro entre experiência e estudo nasce minha inquietação investigativa: compreender como o esporte escolar, especialmente o badminton e o parabadminton, pode favorecer a participação, a autonomia e o pertencimento de estudantes com deficiência na escola pública. Assim, minha trajetória deixa de ser apenas memória pessoal e passa a orientar perguntas que desejo aprofundar no mestrado.

O PROEF oferece a oportunidade de analisar sistematicamente os saberes que construí ao longo da experiência profissional. Como discute Tardif (2014), os saberes docentes são plurais e se constituem também no exercício da profissão. No meu caso, muitas das perguntas que hoje me mobilizam como pesquisadora nasceram justamente das situações concretas vivenciadas como professora.

Existe algo especialmente significativo na passagem de 2025 para 2026. Eloá encerrou aquele ano conquistando uma medalha por meio do parabadminton, e eu iniciei o ano seguinte conquistando uma vaga no mestrado. Enquanto eu contribuía para que meus estudantes encontrassem novas oportunidades por meio do esporte, eles também me ensinavam, me desafiavam e transformavam minha maneira de ser professora.

Considerações finais — Vir a ser

Chegar a 2026 e olhar para toda essa trajetória é perceber o quanto minha história foi construída por caminhos que nem sempre planejei, mas que contribuíram para me tornar quem sou hoje.

Quando olho para trás, encontro a menina alegre, falante, curiosa e aventureira que cresceu em Balsas; a estudante do Colégio Marista; a atleta de handebol e futsal; a jovem que escolheu a Educação Física; a professora que iniciou sua carreira entre o CRAS e uma escola rural; a profissional do SESI; a professora que construiu raízes em São Pedro dos Crentes; a esposa, a mãe, a técnica, a professora efetiva e, agora, a mestrande e pesquisadora em formação.

Também reconheço as dificuldades, as frustrações e os momentos em que pensei em desistir. Minha trajetória não foi construída por caminhos retos. Foi feita de partidas e retornos, conquistas e incertezas, estradas conhecidas e desconhecidas, momentos de certeza e outros em que precisei simplesmente seguir. Hoje compreendo que até mesmo os caminhos que pareciam desvios contribuíram, de alguma maneira, para me trazer até aqui.

“E eu ponho a fé na minha fé e vou na fé que eu sou... Saber que se estaria com a força da esperança, indo na fé, indo na vida, adiante e a cantar.” — Gonzaguinha (Caminhos do Coração)

Ao longo dessa caminhada, o esporte sempre esteve presente. Primeiro, abriu oportunidades para mim. Depois, tornou-se profissão. Hoje, compreendo que uma das maiores responsabilidades da minha atuação é contribuir para que ele também possa ampliar as possibilidades de meus estudantes, especialmente daqueles que encontram mais barreiras para participar. Talvez essa seja uma das transformações mais significativas da minha trajetória: de alguém que encontrou oportunidades por meio do esporte para uma professora que busca criar oportunidades por meio dele.

Entre as pessoas fundamentais para que eu pudesse continuar seguindo meus sonhos está meu esposo, Marcelo Henrique.

Construir uma família e, ao mesmo tempo, buscar a realização profissional e acadêmica nem sempre foi fácil. Nossa história também foi marcada por distâncias, saudades, ausências e desafios. Sei que não é simples compartilhar a vida com alguém que precisa trabalhar em outra cidade, enfrentar estradas, passar dias longe de casa e, muitas vezes, dividir seu tempo entre a profissão, os estudos e a família. Houve momentos difíceis, escolhas que exigiram compreensão e situações em que precisamos aprender a lidar com a distância.

Marcelo, entretanto, tem sido um dos alicerces mais importantes dessa caminhada. Enquanto estou trabalhando, viajando ou estudando, é ele quem assume grande parte dos cuidados com nosso filho, José Inácio, garantindo que eu possa continuar buscando meus objetivos. Seu apoio está presente nas pequenas atitudes do cotidiano, nas responsabilidades que compartilhamos e nos momentos em que preciso me ausentar para cumprir meus compromissos profissionais e acadêmicos.

Reconheço que muitas das conquistas que hoje celebro não seriam possíveis sem sua parceria. A aprovação no concurso, os desafios de trabalhar longe de casa e, agora, a realização do sonho de cursar o mestrado também carregam um pouco de sua dedicação, de sua paciência e de seu amor.

Se hoje posso olhar para minha trajetória e reconhecer a mulher, a professora e a pesquisadora que estou me tornando, é também porque tenho ao meu lado alguém que me ajuda a continuar, mesmo quando o caminho se torna difícil.

Marcelo, talvez nem sempre eu consiga expressar o quanto sua presença significa para mim, mas sei que não teria chegado até aqui da mesma maneira sem você. Obrigada por cuidar da nossa família, por compreender minhas ausências e por fazer dos meus sonhos também parte da nossa caminhada.

Ao finalizar este memorial, minha palavra é gratidão. Gratidão pelas pessoas que me acolheram quando cheguei a lugares desconhecidos, pelas que acreditaram em mim quando precisei recomeçar, pelas que dividiram estradas, conhecimentos e sonhos e, especialmente, pelos estudantes que

diariamente me fazem compreender que ser professora também significa estar permanentemente aprendendo.

De onde vim, por onde passei e quem me tornei são dimensões que não consigo separar. Carrego comigo cada lugar onde vivi, cada pessoa que me ensinou, cada estudante que passou pela minha trajetória, cada dificuldade que enfrentei e cada oportunidade que recebi. Tudo isso constitui a professora, a mulher, a mãe e a pesquisadora que sou hoje. Ao concluir este memorial, compreendo também que reconhecer quem me tornei não significa considerar minha história concluída.

A própria ideia de “vir a ser”, que escolhi para abrir estas páginas, ganha agora um sentido ainda maior. O mestrado é uma conquista, mas também um novo começo. O ano de 2026 já trouxe novos desafios e certamente ainda guarda muitos outros caminhos.

Sei de onde vim. Reconheço os caminhos por onde passei. Tenho orgulho de quem me tornei. E continuo curiosa para descobrir quem ainda posso vir a ser.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRACHT, Valter. Cultura corporal de movimento (esporte, ginástica, jogo e dança). In: DARIDO, Suraya Cristina et al. **Educação Física escolar: saberes e práticas**. Campinas: Autores Associados, 1999.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (org.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GONZAGUINHA. Caminhos do Coração. In: GONZAGUINHA. **Caminhos do Coração**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1982. 1 disco sonoro.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MELO, Fábio de. **É de hora em hora que a hora vem**. São Paulo: Planeta, 2013.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 8. ed. São Paulo: WVA, 2010.

SATER, Almir. **Coração Coração**. In: SATER, Almir. **Caminhos Meus**. São Paulo: Eldorado, 1982. 1 disco sonoro.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Folclore brasileiro: Maranhão**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

CAPÍTULO 9

ENTRE A SAUDADE, A RESISTÊNCIA E OS SONHOS: A TRAJETÓRIA DE UMA MENINA QUE APRENDEU A CONSTRUIR O PRÓPRIO CAMINHO

Patrícia Moreira de Oliveira

Meu nome é Patrícia Moreira de Oliveira, mas prefiro que me chamem de Pat. Tenho 33 anos e, segundo o Google Maps, estou a exatos 1072 quilômetros de casa. Entretanto, aprendi que a saudade não se mede em quilômetros. Ela não é maior quando estamos a mil quilômetros de distância, nem diminui quando estamos a apenas um. A saudade existe, sobretudo, quando gostaríamos de estar perto e não podemos. É sentir falta dos lugares que nos constituíram, das pessoas que nos conhecem desde antes de sabermos quem somos e até mesmo de versões de nós mesmas que ficaram guardadas em algum lugar do passado.

Minhas raízes: a infância em Concórdia do Pará

Nasci em Concórdia do Pará, uma cidadezinha pacata, cercada por igarapés, árvores e muito verde. Foi ali que vivi uma infância que guardo com muito carinho, apesar de reconhecer, hoje, as contradições que atravessaram minha história. Quando penso na menina que fui, lembro-me das ruas por onde andava livremente, das árvores que subia, dos muros que pulava e dos quintais alheios que pareciam extensões da minha própria casa.

Andava de shortão largo, conhecia os vizinhos, conversava com todo mundo e tinha uma bicicleta azul que fazia parte das minhas aventuras. Quando visitava a fazenda do meu falecido avô, minha preferência era

andar a cavalo. Desde pequena, eu parecia encontrar no movimento, na brincadeira e na liberdade uma maneira muito particular de existir.

Grande parte das minhas brincadeiras acontecia na companhia de dois vizinhos, dois rapazes que cresceram ao meu lado. É curioso perceber como, desde muito cedo, meus interesses nem sempre correspondiam às expectativas das pessoas ao meu redor. Minha mãe e outras pessoas que observavam nossa convivência nem sempre viam com bons olhos uma menina que preferia brincar com dois meninos. Naquela época, talvez eu ainda não compreendesse as razões daquele incômodo, mas já experimentava, mesmo sem saber nomeá-lo, o peso das expectativas sociais sobre o que uma menina deveria ser, gostar ou fazer.

Minha infância também foi marcada pelas primeiras experiências escolares. Como minha mãe é professora, comecei a frequentar a creche aos dois anos de idade. Aos cinco, ainda na Educação Infantil, já lia minhas primeiras palavras com a professora Lidnéia. Depois, mudei de escola e ingressei no Ensino Fundamental, onde estudei com a professora Tia Dedé e, nesse caso, o título de tia era literal, porque ela é da família. Foi também nessa fase que conheci Letícia, minha melhor amiga de infância, uma baixinha que jogava muita bola e que me incentivou a jogar e a gostar ainda mais de futebol.

Na quarta série, mudamos de escola novamente. Minha mãe continuava fazendo o que sempre fez: pensando no meu futuro, procurando oportunidades e investindo em mim, mesmo quando isso exigia esforços que, naquela idade, eu ainda não conseguia dimensionar. Letícia acompanhou a mudança. Quando chegamos à nova escola, éramos apenas nove alunos na sala da professora Alília. Foi uma das fases da infância que mais me recordo. Ali conheci Arthur, meu melhor amigo de infância, e nós três passamos a ser os inseparáveis três mosqueteiros.

Hoje, olhando para trás, reconheço que minha infância foi atravessada por uma mistura de liberdade, afeto, descobertas e responsabilidades. Enquanto eu brincava na rua, também precisava aprender a cuidar da casa e da minha irmã. Aos dez anos, eu já cuidava da minha irmã mais nova, preparava comida, ajudava nas tarefas escolares e

realizava outras atividades domésticas. Aprendi a cozinhar feijão porque minha mãe passava grande parte do tempo trabalhando na escola. Também ia ao supermercado e pagava contas para ela.

Essa responsabilidade precoce, entretanto, não apagou meu lado brincalhão e traquina. Meu quintal tinha aproximadamente cem metros quadrados e, embora hoje já não seja tão cheio de árvores quanto antigamente, foi durante muito tempo o cenário das minhas aventuras. Eu subia nas árvores, pulava os muros dos vizinhos e passava horas conversando nas casas alheias, sempre com uma opinião para dar. Minha mãe não gostava muito dessa liberdade. Para ela, eu deveria permanecer dentro de casa, protegida dos perigos do mundo. Costumo dizer que ela sempre foi um tanto superprotetora, mas hoje consigo enxergar que, por trás daquele cuidado, também existia uma mãe tentando proteger as filhas com os recursos e as experiências que tinha.

Minhas brincadeiras eram diversas, embora muitas fossem classificadas como “brincadeiras de menino”. Eu gostava de empinar pipa, jogar bola na rua, brincar de taco e participar de todos os tipos de pique. Também construía armas de brinquedo e carros de corrida. Como minha mãe não apoiava muito aqueles gostos que considerava peculiares, aprendi a construir meus próprios brinquedos. Inventava possibilidades com aquilo que tinha e transformava a imaginação em materialidade. Além de cuidar da casa e da minha irmã, eu ainda ganhava meu próprio dinheiro fazendo pipas para as crianças da vizinhança. Foi assim que aprendi, de maneira muito concreta, sobre trabalho, responsabilidade e autonomia.

Minha família, as responsabilidades precoces e as marcas da ausência

Sou filha de uma mulher negra, professora, pobre e mãe solo, que precisou criar duas filhas sozinha. Minha mãe carregou responsabilidades que talvez nunca tenham sido inteiramente reconhecidas e enfrentou dificuldades que, durante muito tempo, eu só consegui compreender parcialmente. Ela precisava trabalhar, garantir nosso sustento, cuidar da casa e encontrar maneiras de nos proporcionar um futuro melhor, mesmo

quando as condições materiais pareciam insuficientes para tudo aquilo que desejava nos oferecer.

Posso dizer, com propriedade, que fui uma segunda mãe para minha irmã. Essa não é uma responsabilidade que ficou restrita à minha infância. Até hoje, cuido dela. O vínculo que construímos foi formado por afeto, convivência, responsabilidade e por uma história compartilhada que começou muito antes de eu compreender o significado de tudo aquilo que fazia.

Hoje, consigo olhar para essa experiência com sentimentos que coexistem. Existe orgulho por ter aprendido tão cedo a cuidar, a resolver problemas e a assumir responsabilidades, mas também existe o reconhecimento de que eu era uma criança e de que algumas tarefas chegaram antes do tempo. Não quero romantizar as dificuldades que enfrentamos, porque o amor não elimina o peso das circunstâncias. Ao mesmo tempo, não consigo ignorar que foi naquele cotidiano, entre as obrigações de casa e as brincadeiras na rua, que comecei a desenvolver características que me acompanham até hoje.

Minha mãe nunca nos deixou passar fome. Nunca faltou o essencial para que continuássemos vivendo, e isso sempre será motivo de reconhecimento. Entretanto, também guardo lembranças dolorosas das dificuldades que enfrentamos. Uma delas permanece viva em minha memória. Certa noite, durante uma tempestade, minha mãe acordou minha irmã e a mim e colocou um guarda-chuva sobre nós, dentro de casa, para que não nos molhássemos por causa das goteiras. O telhado estava em péssimo estado, na casa que ela conseguiu nos oferecer depois da separação.

Essa lembrança me atravessa de uma maneira difícil de explicar. Há dor em recordar que nossa casa não conseguia nos proteger da chuva, mas também há orgulho em lembrar da mulher que, mesmo diante das próprias dificuldades, fazia o possível para proteger as filhas. Quando penso naquela cena, não me lembro apenas da precariedade da casa. Lembro-me de uma mãe que não desistiu. Lembro-me de que, mesmo sem

ter todas as condições necessárias, ela continuou trabalhando, procurando oportunidades e construindo caminhos para nós.

Talvez eu tenha aprendido ali, sem perceber, que amor nem sempre se manifesta em grandes gestos ou em condições perfeitas. Às vezes, ele aparece na tentativa de impedir que a chuva alcance os filhos, mesmo quando já não existe um teto capaz de contê-la.

Minha história familiar também foi marcada pela ausência de uma relação próxima com meu pai biológico. Por isso, meu avô ocupou um lugar muito especial na minha vida. Minha relação com ele foi de pai e filha. Mais do que um avô, ele foi uma referência paterna, alguém com quem construí um vínculo que ultrapassava os laços de parentesco.

Quando eu tinha apenas 12 anos, precisei lidar com sua partida. Era muito nova para compreender todas as dimensões daquela ausência, mas velha o suficiente para sentir a falta de alguém que ocupava um lugar tão importante na minha vida. Perder meu avô foi também perder uma referência afetiva que não poderia ser substituída simplesmente pela passagem do tempo.

Ao recordar minha infância, lembro-me das visitas à fazenda, das cavalgadas e de tantos momentos que ficaram guardados na memória. Hoje, essas lembranças carregam um significado ainda mais profundo, porque são também uma forma de continuar perto dele. Às vezes, penso em quantas coisas gostaria que ele pudesse ter acompanhado. Gostaria que tivesse visto minhas conquistas acadêmicas, minhas aprovações nos concursos e a professora que me tornei.

Não sei como seria minha trajetória se ele ainda estivesse aqui, mas sei que sua presença permanece naquilo que vivi e nas lembranças que continuo carregando. Sua partida aconteceu cedo demais, mas o lugar que ocupou em minha vida não desapareceu com ela.

Adolescência, identidade e as primeiras experiências de exclusão

A adolescência foi um período de muitas incertezas. Eu não me reconhecia plenamente enquanto mulher, questionava minha relação com a religião e me sentia deslocada em diversos espaços que frequentava. Na igreja, usava saias compridas, que começavam na altura do umbigo e iam até os joelhos ou abaixo deles.

Na escola, entre as meninas, era aquela que tinha o cabelo considerado mais “ruim”. Hoje, compreendo o quanto essas expressões carregavam marcas de padrões estéticos e sociais que me atravessavam, mesmo quando eu ainda não tinha ferramentas para questioná-los.

Eu frequentava os mesmos espaços que pessoas com condições financeiras melhores do que as da minha família, mas sabia que nossa realidade dentro de casa era diferente. As dificuldades econômicas, as expectativas sociais e as dúvidas sobre minha própria identidade fizeram parte de um período em que eu procurava compreender quem era e onde poderia me sentir pertencente.

Foi também durante a educação básica que comecei a perceber, ainda sem a consciência crítica que desenvolveria anos depois, as desigualdades presentes nas aulas de Educação Física. Minha trajetória escolar foi marcada pela separação evidente entre meninos e meninas nas atividades práticas e pela exclusão de grande parte das meninas das práticas corporais. Enquanto os meninos jogavam, muitas de nós ficávamos sentadas, observando.

Até que, em determinado momento, Letícia e eu pedimos para jogar com os meninos. Queríamos participar porque gostávamos de futebol. Não havia sentido, para nós, em permanecer sentadas apenas porque éramos meninas. O professor, entretanto, parecia compreender a aula de outra maneira: os meninos jogavam, e as meninas assistiam.

Naquele momento, eu não tinha os conceitos de gênero, desigualdade, participação ou exclusão que tenho hoje. Sabia apenas que gostava de jogar e que não queria ficar de fora. Não imaginava que, anos depois, aquelas experiências voltariam à minha memória com outro significado, tornando-se parte das inquietações que orientariam minha

formação profissional e acadêmica. A menina que queria jogar não sabia que, no futuro, se dedicaria a compreender por que tantas outras meninas continuavam enfrentando barreiras semelhantes.

Belém, as escolhas profissionais e a busca por um caminho próprio

Quando ingressei no Ensino Médio, minha mãe me proporcionou uma oportunidade que mudaria profundamente minha vida: estudar em Belém – capital do estado do Pará. Ela conseguiu uma bolsa de descontos em um colégio particular, o Colégio Impacto, que estava dentro das nossas possibilidades financeiras. Mudei-me para a capital e, inicialmente, fui morar com meu pai, experiência que não durou muito tempo.

Viver em Belém foi transformador. Pela primeira vez, consegui me perceber para além dos olhares e julgamentos que pareciam acompanhar minha existência na pequena cidade. Conheci outros lugares, outras pessoas e outras formas de compreender o mundo. Passei a experimentar uma liberdade diferente daquela que conhecia em Concórdia do Pará. Pude me enxergar como pessoa, com possibilidades que iam além das expectativas construídas ao meu redor.

Naquele colégio, entretanto, encontrei uma realidade educacional distinta. A Educação Física era optativa, pois a prioridade estava na preparação para o vestibular. O objetivo era a aprovação, não necessariamente a vivência das práticas corporais. Essa experiência também contribuiu para ampliar minhas percepções sobre a educação e sobre os sentidos atribuídos às diferentes áreas do conhecimento.

Apesar das oportunidades que minha mãe sempre procurou me oferecer, minhas escolhas eram frequentemente atravessadas por suas expectativas. Ela desejava que eu tivesse um futuro melhor e me apoiava de muitas maneiras, mas suas próprias experiências também influenciavam a forma como imaginava meu futuro. Talvez fosse difícil para ela conceber que eu pudesse construir uma vida muito distante da sua. Eu compreendo isso hoje, embora, naquela época, precisasse lidar com o conflito entre

corresponder às expectativas maternas e descobrir aquilo que realmente desejava para mim.

Durante muito tempo, tentei conciliar essas duas coisas. Ingressei no curso de Pedagogia, uma escolha que, de certa forma, dialogava com a história que eu conhecia desde a infância. Minhas professoras da creche ao Ensino Fundamental eram mulheres. Na turma de aproximadamente quarenta estudantes do curso de Pedagogia, apenas três eram homens. Hoje, faço uma leitura crítica dessa realidade e reconheço como a docência ainda é frequentemente associada ao feminino, como se cuidar, educar e ensinar fossem atribuições naturalmente destinadas às mulheres.

Na época, porém, eu ainda não conseguia organizar todas essas percepções em uma análise mais ampla. Passei anos infelizes em um curso que não me representava. A cada semestre, seguia adiante com dificuldade, tentando sustentar uma escolha que parecia atender muito mais ao sonho da minha mãe do que ao meu. Durante anos, procurei agradá-la, talvez acreditando que corresponder às suas expectativas fosse uma maneira de retribuir tudo o que ela havia feito por mim.

Até que chegou o momento em que precisei escolher a mim mesma. Decidi abandonar aquele caminho, fazer o Enem e buscar o curso que realmente desejava: Educação Física. Fui aprovada na Universidade Federal do Tocantins, no campus de Miracema. Confesso que, naquele momento, eu sequer sabia exatamente onde ficava Miracema. Sabia apenas que havia conquistado uma oportunidade de estudar aquilo que fazia sentido para mim.

Passei em primeiro lugar, e essa conquista teve um significado especial. Não era apenas uma colocação em um processo seletivo. Era uma maneira de demonstrar, para mim e para minha mãe, que aquela escolha não era um capricho. Eu sabia o que queria, mesmo que ainda não soubesse exatamente como seria o caminho para chegar lá.

Minha mãe, que durante tanto tempo havia tentado me conduzir por aquilo que considerava mais seguro, rapidamente passou a me apoiar nessa nova jornada. Providenciou o que foi necessário para que eu pudesse seguir adiante, mesmo a tantos quilômetros de distância. Esse é um dos

aspectos mais bonitos da nossa história: apesar dos conflitos, das divergências e das dificuldades, ela nunca deixou de investir em mim. Aos poucos, também foi aprendendo a me deixar partir.

A universidade como espaço de transformação, pertencimento e resistência

Mudar para o Tocantins significou muito mais do que trocar de endereço ou ingressar em uma universidade. Significou sair de uma realidade que eu conhecia profundamente e entrar em contato com outras possibilidades de existência. Na UFT, encontrei pessoas, experiências e discussões que me fizeram questionar aquilo que, até então, eu considerava natural.

Conheci o movimento estudantil, participei de espaços de militância, acompanhei ocupações e passei a compreender cenários políticos muito diferentes daqueles que conhecia em Concórdia do Pará. Na minha cidade, as discussões políticas pareciam se resumir à oposição entre PT e PSDB; tudo o que escapava dessa polarização frequentemente não encontrava espaço no debate cotidiano. Na universidade, encontrei outras perspectivas, ouvi novas vozes e passei a questionar certezas que antes nem imaginava que poderiam ser questionadas.

Foi uma experiência de ampliação de horizontes. Passei a compreender que o mundo era muito maior do que os limites geográficos e simbólicos nos quais eu havia crescido. Nesse processo, uma das transformações mais significativas foi assumir meu cabelo cacheado. Para algumas pessoas, isso poderia parecer uma mudança simples, apenas estética. Para mim, foi muito mais do que isso. Foi uma maneira de me reconhecer, de enfrentar padrões que me acompanharam durante anos e de ocupar os espaços sem precisar esconder uma parte de quem eu era.

Comecei também a me identificar com as pessoas negras que circulavam pelos corredores da universidade usando seus cabelos crespos e blacks com orgulho. Naquele ambiente, encontrei referências que me

ajudaram a compreender que não precisava me adequar a todos os padrões para ser aceita. Pude reconhecer outras formas de beleza, de identidade e de pertencimento.

Antes de ingressar na UFT, eu havia estudado na Universidade Federal do Pará durante aproximadamente três anos. Ao recordar aquele período, percebo que frequentava a faculdade muito mais por obrigação do que por desejo. As aulas pareciam intermináveis, as leituras não despertavam meu interesse e os assuntos se tornavam monótonos. Cheguei a trancar o curso duas vezes e atravessei duas greves, acontecimentos que, naquele momento, recebia com certo alívio. Eu estava presente, mas não me sentia parte daquele lugar. Era como se apenas cumprisse uma obrigação, sem conseguir encontrar sentido no que fazia.

Hoje, consigo distinguir melhor a diferença entre existir e viver. Naqueles anos, eu apenas existia dentro de uma trajetória que não parecia minha. Na UFT, comecei a viver a universidade de verdade. Passei a frequentar as aulas com interesse, a participar das discussões, a me envolver com as pessoas e a compreender que a formação acadêmica também poderia ser uma experiência de descoberta pessoal e coletiva.

Não quero dizer que tudo tenha sido fácil ou que encontrei respostas para todas as minhas inquietações. Pelo contrário. Encontrei novas perguntas, conflitos e desafios. Mas, pela primeira vez, sentia que estava no lugar certo para enfrentá-los.

Costumo dizer que tive muita sorte por fazer parte daquela turma. Quando falo em sorte, não estou me referindo à possibilidade de conviver com futuros gênios ou pessoas destinadas a grandes fortunas. Refiro-me à riqueza das relações que construí e às pessoas que tornaram minha trajetória mais significativa. Sou grata ao camarada que poderia ter conhecido em uma festa de aparelhagem no Pará; à minha mana dos olhos azuis, capaz de conseguir quase tudo com um olhar; à minha mana preta, que me ensinou a resistir a tantas situações; aos meus três mosqueteiros; ao carioca malandro; aos manas que viviam se alfinetando, mas que, no fundo, eram puro amor; às meninas superpoderosas do lado esquerdo da sala e àquelas que ocupavam o lado direito; aos companheiros de

Miranorte e, por último, mas não menos importante, ao primeiro bailarino do Bolshoi, que passava os dias e as noites quebrando o gelo e nos fazendo rir até das situações mais complicadas.

Cada uma dessas pessoas ocupa um lugar particular na minha memória. Juntas, ajudaram a transformar uma experiência acadêmica em uma experiência de vida. Com elas, aprendi que a universidade não é feita apenas de salas de aula, textos, avaliações e diplomas. Ela também é feita de encontros, afetos, divergências, lutas compartilhadas e pequenas cenas cotidianas que, anos depois, continuam nos fazendo sorrir.

Foi graças a essas pessoas que deixei de me sentir apenas mais uma. Aprendi a reconhecer meu lugar, a valorizar minha história e a compreender que pertencer não significa ser igual a todos, mas encontrar espaço para existir sem precisar negar quem se é.

A descoberta de mim mesma e o nascimento de uma inquietação acadêmica

Foi também na universidade que comecei a me aproximar do movimento LGBTQ+ e a frequentar o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos, no campus de Miracema da UFT. Aquele espaço foi fundamental para que eu pudesse compreender melhor minha identidade e minha existência enquanto mulher lésbica.

Até então, muitas das minhas inquietações permaneciam restritas ao campo das experiências pessoais, das perguntas que eu não conseguia responder e dos sentimentos que nem sempre sabia nomear. Ao participar das discussões e ouvir outras pessoas compartilhando experiências e perspectivas, passei a reconhecer aspectos de mim mesma que, durante muito tempo, estiveram escondidos ou foram difíceis de compreender.

Lembro-me da sensação de ouvir alguém expressar uma ideia que eu também carregava, mas que nunca havia conseguido organizar em palavras. Era como pensar: “Nossa, alguém pensa como eu penso. Eu não estou louca”.

Essa identificação foi libertadora. Percebi que muitas das minhas dúvidas não eram problemas individuais, nem sinais de inadequação. Estavam relacionadas a experiências sociais, expectativas de gênero, padrões de comportamento e formas de exclusão que precisavam ser discutidas coletivamente.

Foi nesse contexto que meu interesse pelas relações de gênero começou a ganhar consistência acadêmica. Passei a olhar para minha própria trajetória com outras lentes e a revisitar experiências que, durante a infância e a adolescência, pareciam acontecimentos isolados.

As aulas de Educação Física voltaram à minha memória de maneira especial. A separação entre meninos e meninas, a exclusão das meninas das atividades práticas e a necessidade de pedir permissão para jogar futebol deixaram de ser apenas lembranças desagradáveis. Passei a compreendê-las como expressões de desigualdades que atravessam a cultura corporal e que podem ser reproduzidas, inclusive, dentro da escola.

A menina que queria jogar passou a fazer perguntas que a estudante e, posteriormente, a professora de Educação Física precisariam enfrentar: por que determinadas práticas corporais são associadas aos meninos? Por que tantas meninas são afastadas de experiências que também lhes pertencem? Qual é o papel do professor nesse processo? Como construir aulas que ampliem a participação e garantam a todos e todas o direito de aprender?

Compreendi que minha história não explicava, sozinha, todas as desigualdades que eu observava, mas me oferecia um ponto de partida para investigá-las. Minha experiência pessoal não substituía o rigor da pesquisa; ao contrário, ajudava a revelar questões que mereciam ser estudadas com profundidade.

A partir daí, passei a compreender a Educação Física para além do esporte pelo esporte ou da simples ocupação do tempo escolar. As práticas corporais são atravessadas por relações sociais, culturais, políticas e históricas. O que acontece na quadra também comunica valores, estabelece possibilidades e limites e pode tanto reproduzir exclusões quanto contribuir para enfrentá-las.

Essa compreensão passou a acompanhar minha formação e minhas escolhas profissionais. Queria contribuir para uma Educação Física que reconhecesse os estudantes em suas diferenças, que não naturalizasse a exclusão e que garantisse a participação de todos e todas. Queria que outras meninas pudessem experimentar o prazer de jogar sem precisar provar que eram boas o suficiente para ocupar um espaço que também lhes pertencia.

A construção profissional e as experiências na Educação Física

Ao longo dos anos, a Educação Física foi se tornando, para mim, não apenas uma área de formação, mas um campo de possibilidades. Ao trabalhar com o movimento humano, percebi a amplitude de experiências que essa profissão pode proporcionar: a educação escolar, o esporte, o lazer, a aprendizagem de habilidades, a promoção de oportunidades e o desenvolvimento das pessoas em diferentes contextos.

Durante dois anos, também tive a experiência de estar à frente de uma escola de natação. Essa etapa representou outra dimensão da minha trajetória, pois me permitiu vivenciar a Educação Física em um contexto diferente daquele da formação universitária. Estar envolvida com uma escola de natação significava assumir responsabilidades profissionais e transformar conhecimentos da área em oportunidades de aprendizagem.

Essa experiência ampliou minha compreensão sobre a profissão que escolhi e sobre as diferentes possibilidades de atuação que ela oferece. A Educação Física não se restringia à quadra onde, na infância, eu tentava conquistar o direito de jogar futebol. Ela também estava na água, nos processos de aprendizagem, nas relações estabelecidas com os alunos e na possibilidade de criar espaços em que outras pessoas pudessem descobrir suas próprias capacidades.

Ao longo desse percurso, precisei lidar com as responsabilidades da vida adulta, com as exigências do trabalho e com a necessidade de construir estabilidade para continuar avançando. Os sonhos, embora

fundamentais, não se sustentam apenas de vontade. Muitas vezes, exigem planejamento, renúncias, persistência e a disposição de continuar mesmo quando os resultados demoram a aparecer.

Os concursos públicos e a escolha pelo Tocantins

Foi assim que os concursos públicos passaram a ocupar uma parte importante da minha trajetória. Dediquei anos à preparação, conciliando os estudos com as responsabilidades profissionais e com os demais projetos que desejava desenvolver. Estudar para concursos exige uma disciplina que nem sempre é visível para quem acompanha apenas o resultado final. Há horas de leitura, revisões, questões, incertezas e a necessidade de reorganizar a rotina para continuar perseguindo um objetivo.

Ao longo de 2023, fui aprovada em concursos nos estados do Amapá, Tocantins e Maranhão. Cada aprovação representou uma conquista importante, fruto de um período de dedicação que nem sempre aparece para quem observa apenas o resultado final. Entretanto, diante das oportunidades que se apresentaram, eu precisava tomar uma decisão coerente com o projeto de vida que havia traçado.

Minha escolha pelo Tocantins não aconteceu por acaso, nem foi resultado de uma oportunidade que surgiu inesperadamente. Ela começou a ser construída ainda durante a graduação, quando passei a pensar com mais clareza sobre o futuro que desejava para mim.

Eu sabia que queria ingressar no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, o PROEF. Esse desejo não surgiu de uma decisão repentina, mas de um projeto que fui amadurecendo ao longo da formação. Sabia também que a Universidade Federal do Tocantins participava do programa e que permanecer no estado, especialmente em Palmas, ampliaria minhas possibilidades de conciliar a formação acadêmica com a carreira profissional.

Por isso, enquanto estudava e me preparava para os desafios da vida adulta, comecei a organizar minhas escolhas a partir dessa meta. Não queria apenas conquistar um cargo público. Queria construir uma

trajetória em que pudesse trabalhar, ter estabilidade e continuar estudando. Queria que o ingresso no serviço público fosse uma base para outros projetos, e não o ponto final das minhas aspirações.

Em 6 de fevereiro de 2024, tomei posse no estado do Tocantins. Em 5 de fevereiro de 2025, tomei posse no município de Palmas. Essas duas datas representam etapas concretas de um planejamento iniciado ainda na graduação. A aprovação nos concursos foi importante, mas o significado maior estava na possibilidade de estabelecer minha vida profissional em um lugar que também me permitisse perseguir o sonho do PROEF.

Palmas tornou-se, assim, mais do que uma cidade onde eu poderia trabalhar. Era o lugar em que conseguia aproximar diferentes dimensões da vida que desejava construir. Ali, eu poderia atuar profissionalmente, buscar estabilidade e frequentar o mestrado na UFT. Não precisei escolher entre ser professora e continuar minha formação acadêmica; organizei minhas decisões para que uma possibilidade fortalecesse a outra.

A escolha por Palmas foi consciente. Eu havia traçado essa meta desde a graduação porque sabia que, estando mais perto da UFT, teria melhores condições de conciliar o trabalho com o mestrado. Não estava apenas escolhendo onde morar ou qual concurso assumir. Estava organizando minha vida em torno de um projeto que exigia conciliar trabalho, formação e futuro.

Quando penso nessa decisão, reconheço a presença de todas as versões de mim mesma que me trouxeram até aqui: a menina que aprendeu a assumir responsabilidades cedo, a adolescente que se sentia deslocada, a jovem que precisou abandonar um curso para buscar o próprio caminho, a estudante que encontrou na universidade um lugar de pertencimento e a profissional que passou anos estudando para conquistar novas oportunidades.

Nenhuma dessas versões desapareceu. Todas continuam presentes na maneira como trabalho, estudo e tomo decisões. A diferença é que, hoje, consigo compreender melhor o caminho que percorri e as razões pelas quais algumas escolhas se tornaram tão importantes para mim.

Eva Louíse: o amor que transformou minha vida

Se existe uma data que ocupa um lugar absolutamente especial na minha história, é 24 de outubro de 2022, o dia em que nasceu minha sobrinha, Eva Louíse.

Durante muito tempo, antes de sua chegada, eu não imaginava que o nascimento de alguém pudesse transformar tão profundamente a maneira como uma pessoa enxerga a própria vida. Eu já conhecia o amor, a saudade, a responsabilidade de cuidar e o vínculo intenso que tinha com minha família. Mas a chegada de Eva me apresentou uma dimensão de afeto que ainda não sabia explicar.

Às vezes, tenho a sensação de que tudo o que vivi até aquele momento foi uma longa preparação para encontrá-la. Quando digo que minha vida parece ter existido para esperar a chegada de Eva, não estou dizendo que nada antes dela teve valor. Estou tentando expressar algo que as palavras dificilmente conseguem alcançar: a sensação de que, a partir daquele dia, alguma coisa dentro de mim encontrou um sentido novo, como se uma parte da vida que eu ainda não conhecia finalmente tivesse chegado.

Eva nasceu e, de repente, o mundo passou a ter outra dimensão. As preocupações continuaram existindo, os desafios não desapareceram e a vida seguiu exigindo de mim escolhas e responsabilidades. Mas alguma coisa mudou na maneira como eu sentia tudo isso. É como se, depois de sua chegada, eu tivesse encontrado uma fonte de amor capaz de reorganizar meus sentimentos e iluminar até os dias mais difíceis.

Digo que, depois que Eva chegou, tudo parece perfeito. Sei que a vida real está longe de ser perfeita, mas é assim que o amor me faz sentir quando penso nela. Sua existência me trouxe uma alegria difícil de comparar e uma vontade ainda maior de acompanhar o crescimento de alguém que passou a ocupar um espaço tão grande no meu coração.

Penso na menina que fui, na irmã que ajudei a cuidar desde os dez anos, nas responsabilidades que assumi tão cedo e na mulher que me tornei. Existe algo muito particular em perceber que a vida continua, que os

vínculos se transformam e que, de repente, você se vê diante de uma criança que desperta sentimentos novos, mesmo depois de já ter vivido tantas experiências de cuidado.

Eva me conecta à minha família, às minhas lembranças e àquilo que considero essencial. Em meio aos quilômetros que me separam de casa, aos compromissos profissionais, aos estudos e à busca por uma vida que concilie meus sonhos, ela representa um dos motivos pelos quais a distância dói tanto. Estar longe significa também perder pequenos momentos, acompanhar algumas descobertas de longe e desejar estar presente em cada etapa de seu crescimento.

Talvez seja por isso que a saudade tenha adquirido outro significado depois de sua chegada. Já não sinto falta apenas dos lugares onde cresci ou das pessoas que fizeram parte da minha infância. Sinto falta também da possibilidade de estar perto de Eva, de acompanhar sua vida de perto e de participar das lembranças que ela ainda está construindo.

Não sei se algum dia conseguirei explicar a ela o tamanho do lugar que ocupa na minha história. Talvez ela cresça sem imaginar que, para mim, sua chegada representa uma espécie de divisor de águas: existe a vida antes de Eva e existe a vida depois dela. Não porque o passado tenha perdido seu valor, mas porque, a partir de 24 de outubro de 2022, passei a compreender que o amor ainda poderia me surpreender de maneiras que eu não imaginava.

Se a minha história é feita de partidas, mudanças, perdas e conquistas, ela também é feita de chegadas. E a chegada de Eva Louíse foi, sem dúvida, uma das mais importantes de todas.

Quem sou hoje: entre minhas raízes, minha profissão e meus sonhos

Hoje, como professora de Educação Física, reconheço que minha trajetória pessoal não está separada da profissional. Minha história atravessa minhas escolhas pedagógicas, minhas inquietações e a maneira como compreendo o papel da educação. Não acredito em uma Educação

Física reduzida à distribuição de bolas ou à simples ocupação da quadra. Acredito em uma área de conhecimento que precisa garantir experiências corporais significativas, ampliar oportunidades de participação e reconhecer os sujeitos em suas múltiplas dimensões.

Quando penso nas meninas que permanecem sentadas enquanto os meninos jogam, lembro-me de Letícia e de mim. Quando discuto gênero, participação e inclusão, lembro-me das experiências que vivi antes mesmo de conhecer esses conceitos. Quando defendo uma educação comprometida com o direito de todos e todas às práticas corporais, também estou dialogando com a criança que precisou reivindicar espaço para fazer aquilo de que gostava.

É nesse encontro entre a experiência pessoal, a formação acadêmica e a atuação profissional que reconheço parte da minha identidade como professora e pesquisadora. Não pretendo transformar minhas lembranças em verdades universais, mas também não quero ignorar aquilo que elas me permitiram enxergar. Minha história me sensibiliza para determinadas questões, enquanto o estudo, a pesquisa e o diálogo me oferecem instrumentos para compreendê-las de maneira crítica.

O ingresso no PROEF representa, nesse sentido, muito mais do que a continuidade de uma formação acadêmica. Representa a realização de uma meta construída ao longo de anos e a possibilidade de aprofundar questões que me acompanham desde a infância. É a oportunidade de transformar inquietações em investigação, experiências em perguntas de pesquisa e conhecimentos em possibilidades de intervenção na realidade escolar.

Olhar para trás e reconhecer esse percurso me faz perceber que nenhuma conquista aconteceu de maneira isolada. A aprovação na universidade, a mudança para o Tocantins, as experiências de militância, a construção da minha identidade, a atuação profissional, os anos de preparação para concursos e a decisão de permanecer em Palmas fazem parte de uma mesma história: a de alguém que precisou aprender a escolher o próprio caminho sem deixar de reconhecer aqueles que contribuíram para que ele existisse.

Não romantizo as dificuldades que enfrentei. A pobreza, as responsabilidades precoces, as perdas, os conflitos familiares e as experiências de exclusão tiveram seus pesos. Não acredito que o sofrimento seja necessário para que alguém alcance seus objetivos, nem que todas as pessoas precisem enfrentar as mesmas dificuldades para merecer suas conquistas. Entretanto, reconheço que as experiências que vivi influenciaram a maneira como compreendo o mundo e a profissional que me tornei.

Se hoje consigo olhar para minha trajetória com orgulho, é porque aprendi a reconhecer não apenas os resultados, mas também o caminho. Orgulho-me da menina que inventava os próprios brinquedos, da adolescente que não conseguia se reconhecer nos espaços que frequentava, da jovem que teve coragem de abandonar uma escolha que não fazia sentido e da mulher que continuou estudando até encontrar uma maneira de conciliar seus sonhos.

Orgulho-me também da minha mãe, uma mulher negra, professora e mãe solo que, apesar das dificuldades e dos conflitos que atravessamos, fez o possível para que eu tivesse oportunidades que talvez ela própria não tenha tido. Orgulho-me das pessoas que encontrei pelo caminho, dos amigos que se tornaram família e de todas as experiências que me ensinaram que a vida acadêmica pode ser também um espaço de afeto, transformação e resistência.

Continuo sendo a menina de Concórdia do Pará que gostava de jogar bola, andar de bicicleta e inventar brincadeiras. Continuo carregando a saudade da minha família, as lembranças do meu avô, a história da minha infância e os vínculos que me constituíram. Mas também sou a mulher que aprendeu a ocupar outros espaços, a questionar padrões, a estudar para conquistar oportunidades e a planejar o futuro de acordo com aquilo em que acredita.

Ainda tenho muito a aprender e muitos caminhos a percorrer. Não considero minha trajetória uma história concluída, porque continuo me transformando a cada experiência, a cada encontro e a cada desafio. O

que sei é que, hoje, minhas escolhas são atravessadas por uma consciência maior de quem sou, de onde vim e do que desejo construir.

Se pudesse conversar com aquela menina que subia nas árvores, pulava os muros dos vizinhos e pedia para jogar futebol com os meninos, talvez dissesse a ela que nem sempre seria fácil encontrar seu lugar no mundo. Diria que haveria momentos de dúvida, de saudade e de vontade de desistir. Mas também diria que ela encontraria pessoas que a ajudariam a compreender a si mesma, que descobriria novos mundos e que, aos poucos, aprenderia a transformar suas inquietações em força para continuar. Diria, sobretudo, que ela não precisaria deixar de ser quem era para chegar aonde desejava.

Hoje, quando olho para os quilômetros que me separam de casa, compreendo que a distância não é apenas uma medida geográfica. Ela também representa as escolhas que precisei fazer, as versões de mim mesma que deixei para trás e aquelas que ainda estou construindo. Cada quilômetro carrega um pouco da minha história, dos meus afetos e dos meus sonhos.

Talvez seja por isso que a saudade continue tão presente. Porque, por mais que eu avance, existe uma parte de mim que permanece naquela cidade pequena, entre os igarapés, as árvores, a bicicleta azul e as ruas onde aprendi a brincar. Existe uma parte de mim que continua na casa em que minha mãe tentou nos proteger da chuva, na fazenda onde andava a cavalo, nas salas de aula em que descobri as primeiras palavras e na quadra onde comecei, sem saber, a construir as perguntas que me acompanhariam pela vida.

Não sou apenas o resultado das conquistas que acumulei. Sou também as pessoas que ameí, as perdas que enfrentei, as perguntas que fiz, as injustiças que aprendi a reconhecer e os sonhos que me recusei a abandonar. Sou a filha de uma mulher que nunca deixou de lutar, a neta de um homem que ocupou o lugar de pai, a irmã que aprendeu a cuidar cedo demais, a tia que encontrou em Eva Louíse um amor que transformou sua maneira de enxergar a vida, a estudante que encontrou na universidade um

lugar de pertencimento e a professora que deseja contribuir para uma educação mais justa.

Sou a mulher que estudou, planejou, prestou concursos e escolheu o Tocantins porque queria realizar um sonho sem abrir mão dos outros. Sou feita de Concórdia do Pará e do Tocantins, da saudade e da descoberta, das responsabilidades que chegaram cedo e das liberdades que conquistei aos poucos. Sou feita das pessoas que caminharam comigo e daquelas que, mesmo ausentes, continuam presentes na minha memória. Sou feita da menina que fui, da mulher que me tornei e de todas as versões de mim que ainda estão por nascer.

E sigo caminhando. Não porque já tenha todas as respostas, mas porque finalmente compreendi que posso construir minhas próprias perguntas, escolher meus caminhos e continuar sonhando sem precisar deixar de ser quem sou. Afinal, estar longe de casa nunca significou deixar de pertencer a ela. Significou aprender a carregar comigo tudo aquilo que me fez chegar até aqui.

REFERÊNCIAS

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2005.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 2009.

CAPÍTULO 10

MINHA CONSTRUÇÃO ENQUANTO SER: TRAJETÓRIA PESSOAL, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Ronivon Francisco de Sousa

Introdução

O presente memorial tem como objetivo apresentar parte da minha trajetória de vida, organizada em três grandes blocos: pessoal, profissional e acadêmico. A descrição desses fatos será elaborada em formato de memorial acadêmico.

Segundo Paim (2025), o memorial acadêmico é um gênero textual marcado pela subjetividade, pois constrói uma narrativa em que o próprio sujeito ocupa posição central. Para a autora, esse tipo de escrita ultrapassa o caráter burocrático dos documentos administrativos ao permitir que o indivíduo organize e ressignifique sua trajetória profissional e institucional, articulando experiências, sentidos e dimensões subjetivas que normalmente não aparecem nos registros formais da universidade.

Além disso, Paim destaca que o memorial possibilita reflexões sobre identidade profissional, sobre os vínculos entre formação e prática docente e sobre os elementos que compõem a história de vida do autor. Assim, configura-se como um espaço de autorreflexão e de continuidade do eu.

Minha construção enquanto ser: trajetória pessoal

Às dezessete horas do dia 14 de abril de 1997, no Hospital José Américo Resende, em Paramirim – BA, nascia meu ser, filho de duas pessoas extraordinárias: Maria Rosa de Sousa e Salvador Francisco de Sousa, ambos lavradores rurais.

Embora eu seja natural de Paramirim - BA, vivi toda a minha infância e adolescência em uma cidade vizinha, Ibipitanga – BA. Ibipitanga está

localizada no centro-sul do estado da Bahia, região marcada pelo clima semiárido, com longos períodos de estiagem, vegetação predominante de Caatinga e relevo composto por chapadas e vales. Essa configuração natural influencia diretamente o modo de vida da população, as atividades econômicas e a organização social do território.

Minha família, formada por meus pais e dois irmãos, morava na zona rural desse município. Desde muito cedo, trabalhávamos nas lavouras do meu pai e do meu avô. Nossa sobrevivência vinha da agricultura familiar, cultivando feijão, milho, arroz e outros alimentos. Parte da produção era destinada à comercialização; a outra parte servia para o sustento da família.

Crescer nesse contexto rural, marcado pela simplicidade e pela força do trabalho coletivo, moldou profundamente minha percepção de mundo e meus valores. As experiências vividas entre a terra, as plantações e a convivência comunitária ensinaram-me sobre responsabilidade, solidariedade e resistência diante das adversidades impostas pelo clima e pelas condições socioeconômicas da região. A rotina no campo, ao mesmo tempo árdua e formadora, constituiu a base da minha identidade, influenciando não apenas meu modo de ser, mas também minhas escolhas futuras, minha relação com o conhecimento e meu entendimento sobre a importância da educação como caminho de transformação.

A agricultura moldou profundamente quem eu sou. Foi no ritmo lento da terra, observando o tempo das sementes e o esforço contínuo das colheitas, que aprendi dois valores essenciais para minha formação: paciência e persistência. A convivência diária com a roça ensinou-me que nada floresce de um dia para o outro; é preciso cuidar, esperar, insistir e confiar no processo, mesmo quando as condições parecem desfavoráveis. Esses ensinamentos, nascidos do trabalho simples e rigoroso do campo, tornaram-se pilares da minha trajetória pessoal, orientando minhas escolhas e fortalecendo minha capacidade de enfrentar desafios ao longo da vida. Nesse sentido, a escrita autobiográfica permite interpretar as

experiências vividas e compreender como elas participam da construção da identidade e da formação do sujeito (MELO; OLIVEIRA, 2020).

Vivíamos em perfeita união, mesmo diante das limitações que marcavam nossa realidade. Não tínhamos condições financeiras para morar em uma casa melhor, tampouco dispúnhamos de recursos básicos, como energia elétrica e água encanada. Ainda assim, aquele espaço simples era preenchido por afeto, e cada dificuldade era enfrentada coletivamente, com a força que nasce da convivência familiar.

À noite, a casa se iluminava com a luz branda das velas ou com o brilho amarelado do lampião, uma pequena luminária movida a gás de cozinha — o GLP (Gás Liquefeito de Petróleo), combustível derivado do petróleo amplamente utilizado em contextos domésticos. Esses recursos simples, porém essencial, tornava-se nossa companhia nas horas de escuridão, simbolizando as condições materiais que marcaram aquele período da minha formação. A água destinada ao preparo dos alimentos e ao consumo era cuidadosamente coletada da chuva e armazenada em reservatórios próprios, garantindo o essencial para nossa sobrevivência. Já a água utilizada para a higiene pessoal e para a limpeza da casa era buscada em represas, lagoas e rios próximos, em um esforço diário que fazia parte da rotina de todos. Essas condições, embora desafiadoras, moldaram nossa história e fortaleceram nossos laços. Cada gesto, cada tarefa e cada imprevisto revelavam a forma como transformávamos a simplicidade em vida compartilhada.

Essa vida simples, marcada por união e rotina, transformou-se em uma complexa turbulência. Por volta de 2005, meu pai recebeu o diagnóstico de câncer no pâncreas. Diante da gravidade da doença, ele e minha mãe se mudaram para São Paulo – SP em busca de melhores condições de tratamento. Eu e meus irmãos permanecemos em Ibipitanga-BR, vivendo com minha avó por algum tempo, enquanto minha mãe acompanhava cada etapa do processo.

Um ano depois, atendendo ao pedido de minha mãe, eu e meus dois irmãos nos mudamos para São Paulo - SP, onde permanecemos até 2007. No final do ano de 2007, meu pai já enfrentava limitações severas e estava sob

cuidados paliativos. Retornamos para Ibipitanga – BA naquele mesmo ano e, cinco dias após sua chegada à Bahia, meu pai veio a falecer. Esse momento marcou profundamente nossa história familiar, encerrando um ciclo de luta e iniciando outro de reconstrução emocional. Eu tinha cerca de dez anos e ainda não possuía maturidade para compreender a complexidade da situação que nos cercava.

Aos poucos, eu, minha mãe e meus irmãos fomos retomando nossa vida em Ibipitanga – BA. Minha infância, apesar das dificuldades, foi marcada por diversas atividades lúdicas: empinar papagaio, andar a cavalo, pedalar pelas estradas de terra e nadar nos rios da região. À noite, nossa rotina se transformava em um momento de convivência e simplicidade. Realizávamos as tarefas da escola sentados no chão batido de cimento, iluminados pela luz branca das velas, enquanto o rádio a pilha — que havia pertencido ao meu querido pai — transmitia músicas, o tradicional programa jornalístico “A Voz do Brasil” e os emocionantes jogos de futebol com narrações emblemáticas, geralmente do campeonato carioca ou paulista.

Toda essa minha trajetória pessoal até esse exato momento foi marcada principalmente pela capacidade de superação do medo, construída ao longo das experiências vividas no sertão baiano, entre a simplicidade da vida rural, o trabalho na agricultura familiar e os desafios emocionais decorrentes da perda de meu pai. Aprendi, desde cedo, que o medo faz parte da existência humana, mas que é a coragem entendida como a disposição de seguir adiante mesmo diante das incertezas que permite enfrentar e transformar a realidade. Essa compreensão dialoga com a reflexão de Cortella (2017), para quem a coragem não se define pela ausência do medo, mas pela atitude de enfrentá-lo como parte inevitável da vida.

Minha Construção Enquanto Ser: Trajetória Acadêmica

Início esta parte redigindo o que o autor Mário Sérgio Cortella compreende sobre a formação humana: nenhum indivíduo nasce pronto,

pois cada pessoa é moldada pelas experiências que vive, pelas responsabilidades que assume e pelos desafios que enfrenta ao longo de sua trajetória. A construção do sujeito é um processo contínuo, marcado por aprendizagens que emergem tanto das adversidades quanto das conquistas, e que conferem sentido ao caminho percorrido. Nessa perspectiva, revisitar minha própria história desde a infância no sertão baiano, a convivência com a vida rural, o trabalho na agricultura familiar e os momentos de superação que atravessaram minha família permite reconhecer como cada vivência contribuiu para minha formação pessoal e acadêmica. Assim, em consonância com a reflexão de Cortella (2015), compreendo que minha identidade é resultado de um percurso em constante elaboração, no qual cada etapa vivida se torna parte essencial da obra que venho construindo.

Minha história acadêmica teve início em uma pequena escola do campo, situada no município de Ibipitanga/BA. Comecei minha jornada escolar por volta dos seis anos de idade, pois minha mãe decidiu esperar que meu irmão mais novo completasse quatro anos para que pudéssemos estudar juntos. Assim, ingressamos em uma escola multisseriada localizada próxima à casa de meu avô, onde crianças de diferentes idades e níveis de ensino compartilhavam o mesmo espaço e a mesma professora, realidade comum nas comunidades rurais.

No terceiro ano do ensino fundamental etapa que, à época, correspondia à antiga segunda série minha trajetória nesta escola multisseriada da Bahia foi interrompida e redirecionada para São Paulo - SP devido ao tratamento de saúde de meu pai. Mudamos para São Paulo, onde permaneci estudando durante aquele ano letivo. Após seu retorno à Bahia, retomamos os estudos em outra escola do município de Ibipitanga - BA, período que marcou profundamente minha vida, tanto pelas mudanças quanto pela necessidade de adaptação a novos ambientes escolares.

No quarto ano do ensino fundamental, eu e meu irmão vivíamos uma fase de intensa dedicação aos estudos, movidos pela compreensão de que a educação representava o caminho mais seguro para alcançar nossos objetivos e transformar nossa realidade. Essa postura chamou a atenção da escola, que, no mês de junho, aplicou uma prova surpresa para avaliar

nosso desempenho. Obtivemos notas elevadas, o que resultou em nossa reclassificação para o ano seguinte, ingressando diretamente no quinto ano daquela etapa de ensino. Essa experiência reafirma a compreensão de que a educação é um processo que exige empenho, responsabilidade e participação ativa do sujeito, como defende Freire (1996), ao afirmar que a formação humana se constrói na prática, no esforço cotidiano e na busca constante pela superação.

Ingressamos no sexto ano do ensino fundamental, anos finais, mantendo o mesmo ritmo de estudos e preservando nossos padrões de vida familiar; sem energia elétrica, nossa rotina seguia como sempre foram enquanto o foco nos estudos se intensificava gradualmente. Lembro com clareza que, nas semanas de prova, nossa proteína diária era peixe, pois minha mãe orientada pelos médicos acreditava que o ômega 3 presentes nos peixes fortalecia a memória e o raciocínio. Essa prática, hoje amplamente reconhecida pela ciência, é reforçada por estudos brasileiros que evidenciam o papel dos ácidos graxos ômega 3 na manutenção das funções cognitivas (GOMES; TAVARES, 2015).

Ao ingressar no ensino médio, minha rotina de estudos permaneceu no mesmo padrão, mas foi nesse período que despertou em mim o desejo de continuar estudando futuramente. A chegada da tão sonhada energia elétrica em minha residência marcou uma mudança significativa, pois possibilitou novas formas de aprendizagem: minha mãe, com muito esforço, adquiriu uma televisão, e eu, também com dedicação, comprei meu primeiro celular. No ensino médio, passei a me interessar pelas ciências biológicas, especialmente pelos conteúdos relacionados ao corpo humano, área na qual desenvolvi grande facilidade de compreensão. Ao participar pela primeira vez do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, identifiquei duas áreas de maior interesse: as ciências biológicas e a Educação Física. Meu gosto pelos esportes cresceu à medida que eu compreendia melhor os mecanismos de homeostase que o corpo executa durante o esforço físico.

Minha experiência no ENEM foi positiva, embora não tenha sido suficiente para ingressar no ensino superior naquele momento, talvez pela

dificuldade de compreender melhor o processo ou por apresentar limitações em outras áreas do conhecimento. Essa situação é comum entre muitos estudantes brasileiros e é discutida por Barcellos (2026), que aponta que o domínio restrito a apenas uma área do saber pode comprometer o desempenho em avaliações amplas, como o ENEM, que exigem competências diversificadas e articuladas.

Finalizei o ensino médio em dezembro de 2015 junto com meu irmão aquele com quem estudei desde o primeiro dia de aula. Nessa época, eu já tinha dezoito anos completos e, em janeiro, decidi ir para o Indaiatuba - SP em busca de melhores condições de vida e novas oportunidades. No ano de 2016, estabeleci como meta acadêmica realizar novamente o ENEM, eu trabalhava na construção civil como auxiliar de pedreiro, e esse trabalho, além de me garantir renda, ampliou minha visão de mundo, despertando novos sonhos e perspectivas sobre o futuro.

Em janeiro do ano seguinte, em 2017, me decepcionei, pois, por vinte pontos, não obtive nota suficiente para ingressar no nível superior. Diante da derrota, percebi que existia uma segunda opção: ingressar no nível superior em uma faculdade particular, já que eu tinha renda suficiente para pagar um curso. Entretanto, eu teria que trabalhar durante o dia na construção civil e estudar no período da noite. Decidi, a pedido de minha tia, morar com ela, para que ela me proporcionasse um melhor conforto em sua casa, em São Paulo/SP. Então, no mês de fevereiro, ingressei no nível superior, cursando Educação Física, na modalidade licenciatura plena, na Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, no período noturno. Lembro como hoje as dificuldades de trabalhar em um serviço braçal durante o dia e estudar no período da noite, sobrevivendo principalmente pela garra e força de vontade que minha vida me proporcionou.

Essa realidade de trabalhar durante o dia e estudar à noite era uma rotina árdua, mas também compartilhada por muitos brasileiros que lutam para conciliar trabalho e formação acadêmica. Como afirma Antunes (2018), grande parte dos trabalhadores vive uma dupla jornada marcada pelo esforço físico e pela busca de qualificação, enfrentando cansaço, limitações de tempo e desafios emocionais, mas movidos pela esperança de transformar suas condições de vida. Assim como ele descreve, eu também

fazia parte desse grupo de pessoas que, apesar das dificuldades, persistiam diariamente, sustentadas pela determinação e pelo desejo de construir um futuro melhor. Durante o curso, através das minhas reflexões, autoavaliações e orientações dos meus professores de graduação iniciei minha carreira em concurso público nas cidades do estado de São Paulo para adquirir experiências, experiências que futuramente iria me proporcionar melhores condições de vida.

No mês de junho de 2021 finalizei o curso de Educação Física em uma época marcada por mudanças e incertezas provocadas pela pandemia de um vírus causador de doenças respiratórias, que ficou conhecido como COVID 19. Esse período trouxe desafios significativos para todos, pois o vírus alterou rotinas, limitou atividades presenciais e exigiu adaptações rápidas nos estudos e no trabalho. Concluir a graduação nesse contexto representou não apenas uma vitória acadêmica, mas também um marco de superação diante das dificuldades impostas pela crise sanitária.

O mestrado sempre foi um sonho para mim, motivado pela garra e pela determinação de alcançar novos objetivos. Em 2024, participei pela primeira vez da seleção pública para ingresso no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF; entretanto, não obtive aprovação. No ano seguinte, em 2025, tentei novamente e, mais uma vez, não consegui alcançar a tão desejada vaga. Contudo, movido por uma força interior e por um desejo profundo de crescimento e realização, não desisti. Em 2026, participei pela terceira vez do processo seletivo e, finalmente, conquistei a tão sonhada aprovação, reafirmando que a persistência e a disciplina são pilares fundamentais na construção de qualquer trajetória profissional.

Na minha trajetória dedicada ao ingresso no mestrado, reconheço que cada tentativa representou um passo essencial na construção da minha identidade acadêmica. Como afirma Imbernón (2010), o desenvolvimento profissional se fortalece quando o educador compreende a formação como um processo contínuo, marcado por desafios que impulsionam novas aprendizagens. Da mesma forma, Nóvoa (2009) destaca

que a persistência e a reflexão sobre a própria prática são elementos fundamentais para avançar na carreira docente. Assim, as experiências vividas nas seleções de 2024 e 2025, embora não resultassem na aprovação, ampliaram minha maturidade, minha disciplina e minha capacidade de resiliência. A conquista da vaga no PROEF em 2026 simboliza não apenas a realização de um sonho, mas também a confirmação de que o esforço constante, aliado ao compromisso com a formação, é capaz de transformar caminhos e abrir novas possibilidades na vida profissional.

Minha Construção Enquanto Ser: Trajetória Profissional

Início esta última parte do texto retomando a compreensão de que nossa trajetória profissional é construída de forma contínua e integrada às experiências que vivemos. Como afirma Moran (2018), o desenvolvimento profissional é um processo permanente, marcado por escolhas, desafios e aprendizagens que moldam a identidade de cada sujeito ao longo do tempo. Com base nessa perspectiva, apresento nesta parte do memorial minha construção enquanto ser e profissional, reconhecendo que meu percurso foi influenciado por diferentes contextos sociais, oportunidades, dificuldades e vivências que fortaleceram minha identidade na área da Educação Física.

Afirmo que a construção civil foi minha primeira experiência profissional; paguei meu curso executando serviços de alvenaria, instalações elétricas e hidráulicas — profissões pelas quais tenho muita admiração e carinho. Ao finalizar o curso, voltei para minha cidade, Ibipitanga – BA. Em janeiro de 2022, participei de um processo seletivo para cargos de professores temporários na prefeitura municipal de Luís Eduardo Magalhães – BA. Fui aprovado nesse processo e me mudei para a referida cidade, que fica a 500 quilômetros de distância de Ibipitanga – BA. Iniciei minha jornada profissional como professor de escola pública, atuando no ensino fundamental – anos finais, com muita dedicação e vontade. Enfrentei enormes dificuldades na adaptação à nova profissão.

Esse processo seletivo tinha duração de um ano, prorrogado por mais um ano. Percebi que o ingresso em um cargo efetivo era uma prioridade

naquela época. Minhas experiências anteriores em concursos públicos para professor foram me dando cada vez mais base, e, por isso, realizei vários concursos. No final do ano de 2022, o processo seletivo foi prorrogado por mais um ano. Em 2023, percebi que estava bem preparado e muito focado. Logo foi anunciado o concurso público da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins – SEDUC. Iniciei meus estudos direcionados para esse concurso e, em 30 de novembro de 2023, fui aprovado para o quadro de vagas de professores efetivos da SEDUC do Estado do Tocantins. A convocação para assumir o cargo aconteceu no dia 22 de dezembro de 2023, e, em 18 de janeiro de 2024, tomei posse como professor efetivo de Educação Básica, ministrando aulas de Educação Física no município de Novo Jardim – TO.

Encerrando esta etapa do memorial, reconheço que minha trajetória profissional é marcada por esforço, persistência e pela capacidade de transformar desafios em oportunidades de crescimento. Como afirma Pimenta (2012), a identidade docente se constrói ao longo da prática, das experiências e das reflexões que o professor desenvolve sobre sua própria atuação. Da construção civil ao ingresso definitivo na docência, cada vivência contribuiu para fortalecer minha identidade enquanto educador e reafirmar meu compromisso com a Educação Física e com a escola pública. A aprovação no concurso da SEDUC – TO simboliza não apenas uma conquista profissional, mas também a consolidação de um caminho construído com dedicação, disciplina e coragem. Sigo consciente de que minha formação enquanto ser e professor permanece em constante evolução, guiada pelo desejo de contribuir de forma significativa para a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes que encontro ao longo dessa jornada.

Expectativas E Metas Futuras

Compreendo que estabelecer metas é parte essencial da construção de qualquer trajetória, pois elas orientam o caminho, fortalecem a motivação e dão sentido às escolhas que fazemos. Como afirma Cortella

(2018), metas funcionam como propósitos que impulsionam o sujeito a agir com intencionalidade, evitando que a vida profissional seja guiada pelo imprevisto ou pela estagnação. Inspirado por essa visão, projeto minhas expectativas futuras com clareza e responsabilidade, reafirmando meu compromisso com o crescimento acadêmico e com a qualificação da prática docente. Minha principal meta neste momento é concluir o curso de mestrado com dedicação e excelência, consolidando conhecimentos que ampliem minha atuação na Educação Física e contribuam para uma prática pedagógica mais crítica, ética e transformadora. Acredito que, ao manter objetivos bem definidos, sigo construindo um percurso sólido e alinhado aos valores que orientam minha vida e minha profissão.

Morar longe da cidade onde fui criado nunca foi uma tarefa simples; a distância da família, das raízes e das referências afetivas exige força emocional e resiliência. Por isso, uma das minhas metas futuras é retornar para minha cidade natal, não apenas como desejo pessoal, mas como realização profissional, ocupando um cargo efetivo que represente estabilidade e reconhecimento. Como afirma Paulo Freire (1996), a esperança não é uma espera passiva, mas uma força que impulsiona a ação e orienta o sujeito na construção de seus projetos de vida. Inspirado por essa compreensão, sigo comprometido com meu desenvolvimento acadêmico e profissional, consciente de que cada passo dado hoje aproxima a concretização desse objetivo que carrego com profundo significado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARCELLOS, Stéfano. **Desafios encontrados na atualidade pela educação no Brasil**. 2026.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. São Paulo: Vozes, 2018.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Viver, a que se destina?** São Paulo: Cortez, 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, M. B.; TAVARES, M. F. Ácidos graxos ômega 3 e suas implicações na função cognitiva. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 123-132, 2015.

MELO, André Magri Ribeiro de; OLIVEIRA, Míria Gomes de. "Eu, leitor de mim": saberes narrativos e reflexividade autobiográfica no sertão potiguar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e75656, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.75656>.

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. São Paulo: Papirus, 2018.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 2009.

PAIM, R. C. . Memorial Acadêmico: um gênero, uma história, exemplos a seguir. **Revista Científica FESA**, [S. l.], v. 3, n. 26, p. 34-56, 2025. DOI: 10.56069/2676-0428.2025.584. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/584>. Acesso em: 3 set. 2026.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores**: saberes da docência e identidade profissional. São Paulo: Cortez, 2012.

CAPÍTULO 11

DA ILHA DO GOVERNADOR AO PROEF: MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E CAMINHOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Sergio Capurro da Silva dos Santos

Minhas origens: a Ilha, a família e os primeiros aprendizados

Quando volto à minha infância, é à Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, que retorno primeiro. Cresci nas Pitangueiras, na Rua dos Monjolos, próximo ao Morro do Boogie Woogie. Mais do que o nome do bairro, é a Ilha que permanece como referência afetiva da minha história. Foi ali que aprendi a conviver, brincar, estudar e descobrir o esporte.

Minha família foi a primeira escola que tive. Minha mãe dedicou grande parte da vida à criação minha e de minha irmã, ensinando-nos, entre outras coisas, que primeiro vinha o trabalho e depois o lazer. Meu pai, também Sérgio, era professor de Educação Física e treinador. Trabalhava muito, em diferentes turnos, e, mesmo assim, encontrava maneiras de participar da nossa formação. Desde cedo, foi meu exemplo e minha maior referência profissional.

Guardo com carinho as lembranças dos meus avós. Meu avô materno, Alcides, sargento dos Fuzileiros Navais, e minha avó Nancy fizeram parte de minha formação. Meu avô paterno, Vate, pescador, tinha um jeito próprio de ensinar pelas histórias, brincadeiras e expressões. Costumava nos chamar de “maninho” e dizia que, na vida, tudo era uma questão de experimentar. Essa maneira simples de valorizar a experiência ficou comigo.

Também carrego a lembrança do meu tio e padrinho, irmão mais velho da minha mãe, que morreu em setembro, pouco antes do meu aniversário de outubro, quando eu ainda era criança. Ele havia se envolvido nos preparativos de meu aniversário e de uma viagem a São Paulo. Sua morte, em decorrência da aids, foi uma perda marcante para nossa família.

Ao recordar essas pessoas, percebo quanto minha história foi construída por afetos, exemplos e ausências.

O esporte como espaço de formação

Estudei desde a alfabetização até o terceiro ano do ensino médio no Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha. Lembro-me da minha primeira professora, Márcia Barcelos, e de uma infância em que a escola e o esporte se misturavam. Meu pai trabalhava também no Colégio Brigadeiro Newton Braga, ligado ao 3º COMAR, e eu cresci observando sua dedicação aos estudantes e às equipes.

Meus pais me matricularam na Associação Cristã de Moços da Ilha do Governador, a ACM-Ilha. Ali encontrei um ambiente de convivência, proteção e muitas oportunidades. Pratiquei futebol como goleiro, basquetebol, voleibol e handebol. No basquete, fui vice-campeão carioca na categoria mirim pela ACM. Também tive experiências no voleibol do Flamengo e no handebol do Vasco, em 2000, e participei de competições representando a ACM e a escola.

Os Jogos Acemistas Brasileiros, dos quais participei em Betim, em 2000, Porto Alegre, em 2001, e na própria Ilha, em 2003, estão entre minhas lembranças mais fortes. Minha mãe fazia bolos para ajudar a arrecadar recursos para as viagens; eu os transportava com cuidado. O esporte, para nós, envolvia o esforço de toda a família.

Fui capitão de equipes, recebi reconhecimento como atleta padrão nas atividades da ACM e participei do Corpo de Líderes. Ainda adolescente, comecei a colaborar como voluntário em colônias de férias e ações comunitárias. Essas experiências me ensinaram a trabalhar com grupos, assumir responsabilidades e perceber que o esporte podia ser muito mais do que competição.

Aprendi com meus pais a gostar do treinamento, do compromisso diário e do caminho percorrido. Sempre admirei o processo mais do que os resultados. As vitórias eram desejadas, mas não eram o único sentido de

participar. Muito antes de ingressar na universidade, eu já imaginava ser professor de Educação Física, como meu pai.



Capa do informativo da ACM, com registro da minha participação no voleibol. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Agenda do Estudante

Lemos fica em Primeiro no Quadrangular de Volei



Equipe do vôlei feminino do Lemos e o seu treinador.



Equipe vencedora do vôlei masculino.



Tony (de boné), organizador do evento e técnico da equipe do Tamandaré, ao lado de Sérgio, técnico da equipe do Lemos.

O Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha foi o grande campeão dos Torneios João Batista Orozimbo e Maria Batista Orozimbo, um quadrangular realizado aqui na Ilha pelo coordenador de Educação Física do GAP - Tamandaré/ Ilha, Têni Imbrosio Oliveira. O torneio foi uma homenagem aos pais do diretor do Tamandaré, João Batista Orozimbo.

Participaram do Torneio os colégios Lemos Cunha, Tamandaré, London e Newton Braga. De acordo com Têni, o objetivo deste evento foi o de promover uma maior união entre os colégios da Ilha e incentivar a realização de outros eventos esportivos pelos diretores de escolas da Ilha.

Dia 29 de junho terá outra reunião para decidir outros torneios esportivos em 95. Quanto a esse, a colocação, tanto no Torneio Feminino quanto no Masculino, foi:

- 1º lugar - Lemos Cunha
- 2º lugar - GAP-Tamandaré
- 3º lugar - London
- 4º lugar - Newton Braga

Registro jornalístico da equipe de voleibol do Colégio Lemos Cunha.
 Fonte: Acervo pessoal do autor.

A Ilha está fora do vôlei masculino

Equipe do Lemos Cunha é derrotada pelo Salesiano, de Niterói, em partida emocionante

A Ilha do Governador está fora da luta pelas medalhas do vôlei do Inter O GLOBO, Prefeitura do Rio, Secretaria de Esportes e Lazer. O time masculino do Lemos Cunha, o único que ainda permanecia na disputa, foi eliminado ao perder para o Salesiano, de Niterói, por 2 a 1, parciais de 25/9, 23/25 e 15/12. A partida foi emocionante e teve um ar decisivo para saber qual das duas equipes continuaria na competição.

O Salesiano apresentou um jogo forte no primeiro set, forçando a bola alta na ponta. Seu repertório técnico, ainda, tem arsenal de golpes arrebatados, o que foi minando aos poucos a estrutura psicológica do Lemos Cunha. O Salesiano fechou o set em 25/9.

O intervalo fez bem ao Lemos Cunha, que voltou melhor ainda no segundo set. O colégio da Ilha do Governador também melhorou e fez 8/4, mas o Salesiano lutou para evitar decidir o jogo no tie-break e empatou em diversas oportunidades. E assim foi até o empate em 23, quando o Lemos Cunha finalmente conseguiu fechar em 25/23.

O tie-break foi marcado pelo equilíbrio e o pelo nervosismo, mas o Salesiano, experiente, abriu vantagem até fechar o set em 15/12.

Serginho, a raça do time insulano

• Ele é brasileiro e ainda por cima é filho do técnico Sérgio Roberto. Mas Serginho, do Lemos Cunha, é bem mais do que isso. Um dos jogadores com mais raça em campo, provou que não é fútil por acaso.

— Entramos dominando no primeiro set. Mas mostramos, depois, que podemos render muito mais do que rendemos. Nos outros sets, nosso verdadeiro jogo começou a aparecer — disse Serginho, de apenas 14 anos e estudante do primeiro ano do ensino médio do Colégio Lemos Cunha.

O Salesiano ganhou com: Davi, João, Raphael, Gasmão, Vinicius, Raphael Maia, Ricardo, Reinaldo, Felipe e Marcos. O Lemos Cunha jogou com: Diego, Sérgio, Wallace, Diego, Gustavo, Pedro Vitor, Leonardo e Reinaldo. ■



O SALESIANO E O LEMOS Cunha em campo: em jogo emocionante, equipe insulana é eliminada do vôlei.

Recorte de jornal sobre minha participação no voleibol. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Voleibol: presente e futuro

A quadra de vôlei da ACM-Ilha parece ser o local em que o associado Sérgio Capurro, de 14 anos, passa a maior parte do seu tempo. Faz número um do esporte, Sérgio já competiu em vários campeonatos pela Associação. O último foi a Olimpíada 2000, na qual o seu time ficou em 2º lugar, transformando Sérgio num dos maiores destaques. O jovem associado ainda promete fazer bonito nos próximos campeonatos.

Para ele os melhores amigos também se encontram na quadra de vôlei da ACM. "Eu tenho muitas amizades aqui, principalmente com o pessoal que joga comigo e os professores Leonardo e Carlos", diz Sérgio, que considera a Associação o melhor local para praticar o voleibol. "Eu quero em meus sonhos, mas fora a ACM que me senti realmente bem. A harmonia entre todos torna o lugar agradável", declara.

VIDA PROFISSIONAL

Sérgio está cursando o 1º ano de Informática no Colégio Lemos Cunha, mas o que pretende estudar, na verdade, é Educação Física. "Quero fazer com que outras pessoas descubram o vôlei, assim como eu descobri", confessa.

O associado realizou um dos seus maiores desejos no mês passado ao participar do JAB's (Jogos Acadêmicos Brasileiros). "Participei das reuniões e fiz tudo o que era necessário para participar do JAB's, pois foi um evento esportivo importante", diz Sérgio, que tem um grande sonho. "Minha vontade é jogar vôlei num clube profissional no Rio de Janeiro".

FAMÍLIA

O maior ídolo de Sérgio é o seu pai, que possui o mesmo nome do filho. "Eu o admiro como homem e como o maravilhoso profissional que é, pretendo ser assim como ele", diz Sérgio, que tem uma irmã mais nova, chamada. "Na minha casa, somente eu e minha irmã lára frequentamos a ACM. Ela também gosta muito da Associação", afirma Sérgio, se desfez em uma última palavra, alegando que sente a necessidade de voltar. Sem mais nada a acrescentar, ele pretende aproveitar bastante a juventude.



Sérgio Capurro se dedica com seriedade a sua grande paixão: o vôlei. O jovem associado da ACM-Ilha se dedica com seriedade a sua grande paixão: o vôlei. O jovem associado da ACM-Ilha se dedica com seriedade a sua grande paixão: o vôlei.

Recorte do jornal “Voleibol: presente e futuro”, com entrevista sobre minha trajetória esportiva e o desejo de ser professor. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Entre as lembranças da juventude, guardo também uma entrevista publicada no jornal, acompanhada de uma fotografia em que apareço segurando uma bola de voleibol. Naquele tempo, eu já falava sobre o desejo de ser professor. Hoje, ao rever esse registro, reconheço que a escolha pela Educação Física não surgiu de repente: foi sendo construída nas experiências esportivas e na convivência com meu pai.

Uma reflexão presente em Manual do guerreiro da luz, de Paulo Coelho (1997), aproxima as batalhas vividas das experiências que nos formam, sem transformar derrotas em humilhação ou vitórias em arrogância. É assim que procuro compreender minha formação esportiva. Aprendi em casa e no esporte que cada treino e cada competição traziam algo a aprender. Essa maneira de pensar me acompanha até hoje, quando valorizo mais o processo do que um resultado isolado.

A mudança para Palmas e a escolha pela Educação Física

Em 5 de agosto de 2003, minha família iniciou uma nova etapa em Palmas, no Tocantins. A mudança aconteceu em um momento de reorganização do trabalho do meu pai, e minha tia Tutu teve papel importante ao nos acolher e apoiar. Viajei do Rio de Janeiro para Palmas de ônibus, ao lado de minha irmã e de meu avô Vate, em uma jornada de aproximadamente 36 horas.

No início, tive dificuldade para me adaptar ao calor, ao ritmo da cidade e à distância de tudo o que conhecia. Queria, inclusive, passar meu aniversário de 18 anos no Rio de Janeiro. Aos poucos, o convívio com a família e o retorno aos treinamentos de handebol, no CEULP/ULBRA, ajudaram-me a construir novos vínculos. Também passei mais tempo com meus avós Nancy e Alcides, com quem jogava general enquanto aguardava compromissos e treinos.

No fim de 2003, prestei vestibular para o curso de Educação Física do CEULP/ULBRA, minha primeira opção, e fui aprovado. Meu pai imprimiu a

lista de aprovados e foi ele quem me deu a notícia. Guardo esse gesto como uma das demonstrações de quanto ele acompanhava meus passos. Comecei a graduação em 2004, com vontade de aprender e de compartilhar com meus pais as descobertas que fazia.

Formação universitária e primeiros passos na docência

Durante a graduação, transferi-me no terceiro período para a Unisuam, no Rio de Janeiro, onde permaneci por aproximadamente um ano. Nesse período, realizei estágios na ACM-Ilha, envolvendo atividades de academia, iniciação esportiva e recreação, e no Colégio Lemos Cunha, acompanhando e treinando uma equipe de voleibol. Retornei a Palmas no quinto período e concluí a Licenciatura em Educação Física no fim de 2007. Na época da separação entre licenciatura e bacharelado, a instituição oferecia somente a licenciatura à minha turma.

Em agosto de 2006, iniciei um estágio não remunerado na então Escola Técnica Federal de Palmas. Meu pai era coordenador de Educação Física e foram abertas oportunidades de estágio para diferentes modalidades. Fiquei com handebol e voleibol. Era uma experiência especial: além de observar o professor que sempre admirei, podia conversar com ele sobre planejamento, treino, ensino e os desafios cotidianos do trabalho.

Em 2008, comecei a trabalhar no CEML/ULBRA, com Educação Física nos anos iniciais e treinamento de basquetebol. Lembro-me desse primeiro ano com satisfação. Os estágios haviam me dado segurança para planejar aulas dinâmicas, com jogos e brincadeiras. Em 2009, a instituição enfrentou problemas financeiros que afetaram o pagamento dos salários, e precisei buscar os encaminhamentos trabalhistas cabíveis. Foi um período de dificuldades, mas também de amadurecimento.

Trabalhei igualmente no COC, onde meu pai passou a atuar como coordenador. Lecionei Educação Física e me dediquei ao handebol escolar, acompanhando equipes e conquistando títulos em diferentes categorias. O

trabalho com o esporte escolar, que já fazia parte de minha vida desde a juventude, continuava a ser um espaço de aprendizagem profissional.

O ingresso na rede pública municipal de Palmas

Em 2009, prestei concursos para as redes municipal de Palmas e estadual do Tocantins e fui aprovado em ambos. Recordo especialmente a notícia da aprovação municipal: meu pai comprou o jornal com os nomes dos aprovados e me telefonou enquanto eu estava em um torneio de handebol em Marabá, no Pará. Mais uma vez, ele participava de um momento decisivo da minha trajetória. Cheguei a assumir os dois vínculos, mas a lotação estadual em Lagoa de São Bento era incompatível com minha rotina, e permaneci na rede municipal.

Em 13 de agosto de 2010, comecei na Escola Municipal Darcy Ribeiro. A quadra estava em reforma, e grande parte das aulas precisava acontecer em sala ou em espaços improvisados. A situação me incomodava porque eu conhecia, pela própria formação, o quanto as vivências práticas eram importantes para a Educação Física.

Em fevereiro de 2011, fui para a Escola Municipal Daniel Batista. Ali encontrei uma quadra e novas possibilidades de trabalho. Com materiais doados por um amigo, comecei a desenvolver o badminton, modalidade com a qual eu ainda não tinha experiência de ensino. Estudei, experimentei e organizei uma equipe que chegou a participar de competições. Também participei da etapa final da FECIT de Palmas com um projeto envolvendo exergames e alimentação saudável. Essa fase reforçou minha disposição para aprender algo novo quando surgia uma oportunidade para os estudantes.



Atividade de badminton na Escola Municipal Daniel Batista.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Experiências com as crianças e a diversidade de espaços escolares

Em 2015, passei pela Escola Municipal Pastor Paulo Leivas Macalão e pelo CMEI Príncipes e Princesas, trabalhando em dois vínculos de vinte horas. Na escola, que atendia crianças dos anos iniciais, havia quadra e alguns materiais esportivos. Desenvolvi jogos, brincadeiras e circuitos psicomotores. No CMEI, apesar do espaço limitado e das turmas numerosas, procurava criar experiências de movimento com pneus, arcos, tábuas e outros materiais acessíveis.

O trabalho com crianças pequenas ampliou meu olhar sobre a Educação Física. Uma atividade aparentemente simples, como equilibrar-se sobre uma tábua apoiada em pneus, podia reunir desafio motor, confiança, interação e descoberta. Percebia cada vez mais que a qualidade da experiência não se resume ao resultado imediato da atividade.

Em março de 2016, cheguei à Escola Municipal de Tempo Integral Padre Josimo Moraes Tavares. Era uma unidade planejada para funcionar em tempo integral, com duas quadras cobertas, piscina semiolímpica, sala de lutas, sala de jogos e materiais variados. Inicialmente, trabalhei principalmente com Jogos, incluindo xadrez, e com treinamento de handebol. Posteriormente, também lecionei Educação Física e assumi outras atividades esportivas.

Na Escola Padre Josimo, tive ainda a experiência de atuar por aproximadamente um ano na coordenação de Educação Física. Foi um período de muito aprendizado sobre organização escolar, diálogo entre colegas e responsabilidades coletivas. Nem sempre era simples conciliar as necessidades de professores, turmas e espaços, mas essa vivência me ajudou a compreender a escola para além da minha própria aula. Depois de muitos anos na unidade, fatores externos ao trabalho pedagógico contribuíram para que eu buscasse uma rotina profissional mais tranquila.



Circuito de movimento com materiais alternativos na Educação Infantil.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Da Escola Aprígio à ETI Luiz Gonzaga: uma inquietação que se tornou pesquisa

Em janeiro de 2025, fui para a Escola Municipal Aprígio T. de Matos, localizada na zona rural. Embora minha permanência tenha sido breve,

conheci outra organização escolar e lecionei para turmas que iam da Educação Infantil ao nono ano. Havia quadra e alguns materiais, mas também desafios próprios daquela realidade. Posteriormente, uma colega propôs uma permuta para a ETI Luiz Gonzaga, escola mais próxima de minha casa, e aceitei.

Cheguei à Escola Municipal de Tempo Integral Luiz Gonzaga em maio de 2025. Diferentemente da Escola Padre Josimo, a ETI Luiz Gonzaga funciona em uma estrutura adaptada para o tempo integral. O espaço disponível para as práticas corporais é pequeno, com uma quadra coberta e sem a variedade de ambientes específicos que eu conhecia da escola anterior.

Foi nessa unidade que me deparei com uma organização em que as aulas de Educação Física e de outros componentes ligados às práticas corporais alternavam, de maneira determinada pela rotina escolar, momentos práticos e teóricos. Não questiono a importância dos conhecimentos teóricos na Educação Física. O que me preocupou foi perceber que a limitação dos espaços podia acabar determinando a redução das oportunidades de movimento dos estudantes.

Minha primeira ideia de pesquisa estava relacionada à importância das aulas práticas de Educação Física para a saúde física e mental dos alunos. Com o tempo, passei a perceber que a questão envolvia também as condições estruturais da escola, as possibilidades pedagógicas do professor e, sobretudo, as experiências que as crianças deixam de ter quando não encontram espaços adequados.

Ao comparar as escolas pelas quais passei, o que mais me toca não é apenas a dificuldade de executar uma atividade planejada. É pensar no que os estudantes poderiam aprender e experimentar muito mais. Oportunidades, experiências e vivências: isso pesa muito para mim. Acredito que aquilo que uma criança vive hoje pode repercutir em sua vida adulta, nos aspectos motores, cognitivos, psicológicos e sociais. Não penso que uma aula determine sozinha o futuro de alguém, mas que um conjunto

rico de experiências pode contribuir para uma vida mais saudável e com mais possibilidades.

Como professor, posso adaptar materiais, reorganizar grupos e buscar alternativas. Faço isso diariamente. Entretanto, a criatividade docente não elimina todas as barreiras estruturais. Essa constatação tornou-se uma inquietação profissional e, mais tarde, uma pergunta que comecei a estudar com maior profundidade no mestrado.

Ao pensar nessas oportunidades, encontro aproximações com as discussões de Darido e Rangel (2005) sobre a diversidade de conteúdos e possibilidades pedagógicas da Educação Física escolar. Essa perspectiva reforça minha preocupação com aquilo que os alunos deixam de conhecer e experimentar quando o espaço disponível restringe sistematicamente as aulas.

As experiências difíceis que vivi em algumas escolas também fazem parte da minha formação. Aprendi que um acontecimento negativo não deve apagar todas as relações, aprendizagens e oportunidades construídas ao longo da carreira. Assim como não abandonamos nossos sonhos porque um deles não se realizou, não quero permitir que uma situação desgastante defina toda a minha relação com a docência. Prefiro reconhecer o que aprendi e seguir comprometido com os estudantes.

A família que construí

A família sempre ocupou um lugar importante na minha trajetória. Desde a infância, as experiências vividas com meus pais, meus avós e minha irmã contribuíram para a formação dos valores que carrego comigo até hoje. Com o passar dos anos, minha história ganhou novos capítulos, especialmente com a experiência da paternidade e a construção da minha própria família.

Conheci minha esposa, Aline, por meio de uma mudança realizada na casa dos meus pais. Um acontecimento do cotidiano acabou proporcionando nosso encontro e, posteriormente, a construção de uma vida em comum. Hoje, temos nossa filha Malu, de 4 anos, que trouxe novas experiências e alegrias para nossa família.

Também sou pai de João Gabriel, de 14 anos, que mora em Araguaína, no Tocantins. Ser pai de filhos em diferentes fases da vida me faz perceber como cada idade apresenta suas particularidades, necessidades e descobertas. A paternidade ampliou minha compreensão sobre responsabilidade, cuidado e afeto, aspectos que também fazem parte da minha maneira de olhar para os estudantes.

Atualmente, conciliar a vida familiar, as responsabilidades profissionais e as atividades do mestrado representa um desafio. Nem sempre é simples administrar o tempo entre a escola, os estudos e os momentos de convivência com as pessoas que amo. Essa realidade tem me levado a refletir sobre a importância de encontrar equilíbrio entre o desenvolvimento profissional e a presença na vida familiar.

Ao revisitar minha trajetória, percebo que minha identidade não foi construída apenas nas quadras, nas escolas ou na universidade. Ela também se constitui nas relações familiares, nas experiências da paternidade e nos aprendizados cotidianos. Se meus pais, meus avós e minha irmã tiveram participação fundamental na formação do menino que sonhava em ser professor de Educação Física, minha esposa e meus filhos fazem parte da história do homem, pai e professor que continuo me tornando.

O ingresso no PROEF e o retorno à universidade

Sempre tive vontade de cursar um mestrado. Acompanhei colegas que ingressaram no PROEF e vi nesse programa a possibilidade de voltar à universidade sem me afastar das questões concretas da Educação Física escolar. Depois de uma primeira convocação em que meu nome não apareceu, recebi uma notícia inesperada: na noite de 19 de março de 2026, feriado de São José em Palmas, estava sozinho em casa quando vi no e-mail a convocação da segunda chamada. Fiquei muito feliz e liguei para minha esposa e para meus pais para compartilhar a conquista.

Foi um momento que me fez lembrar outras notícias importantes da minha vida. Meu pai havia sido quem me mostrou a aprovação no vestibular e quem telefonou para contar da aprovação no concurso municipal. Dessa vez, eu tinha a alegria de anunciar à família minha chegada ao mestrado.

Nos primeiros encontros do PROEF, senti certa competitividade entre os colegas, como se fosse necessário demonstrar conhecimento acadêmico o tempo todo. Eu esperava também encontrar um espaço de troca sobre as experiências, as dificuldades e as soluções que construímos nas escolas. Aos poucos, com a convivência, essas impressões foram mudando, e começamos a nos aproximar.

Uma lembrança especial foi a trilha ao Morro do Segredo, em Miracema, realizada com colegas e o professor Kelber. Saímos antes de amanhecer, esperamos um colega que estava atrasado e seguimos juntos. Durante o percurso, ajudei a carregar bolsas de colegas que estavam com mais dificuldade. Fomos e voltamos como grupo. Para mim, essa experiência mostrou que a formação no mestrado também acontece fora da sala de aula, na convivência e na solidariedade.



Colegas do PROEF no início da trilha do Morro do Segredo, em Miracema.

Fonte: Acervo pessoal do autor.



Registro da caminhada ao Morro do Segredo, em Miracema.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

As disciplinas, a avaliação e a construção de novos olhares

Todas as disciplinas do PROEF têm sido importantes para minha formação. Depois de muitos anos na escola, voltar a estudar permite revisitar conhecimentos e olhar para situações conhecidas por perspectivas diferentes. Entre as disciplinas, gostei especialmente de Avaliação. Confesso que não costumo gostar muito de dinâmicas, mas as atividades propostas me envolveram e provocaram reflexões importantes.

O que mais me marcou foi perceber como uma mesma situação pode ser vista e interpretada de maneiras diferentes. Isso me fez pensar no sentido que buscamos quando avaliamos. A avaliação que escolhemos pode nos ajudar a ressignificar conteúdos, rever métodos e compreender melhor se os objetivos foram ou não alcançados.

Essa experiência reforçou algo que considero essencial: afinal, a aula que estou dando não é para mim, mas para os alunos. Não basta pensar no conteúdo que pretendo ensinar ou na atividade que gosto de desenvolver. Preciso considerar quem são os estudantes, o que conseguem aprender e quais oportunidades estou oferecendo. Avaliar também significa olhar para minhas próprias escolhas pedagógicas.

Essa compreensão dialoga com a avaliação como acompanhamento do processo de aprendizagem, discutida por Hoffmann (2003), e com a necessidade de refletir criticamente sobre a própria prática, destacada por Freire (1996). São referências que ajudam a organizar uma preocupação que já fazia parte do meu cotidiano: quando a aprendizagem não acontece como esperamos, também precisamos rever nossas escolhas de ensino.

Ao planejar e avaliar minhas aulas, procuro lembrar que os estudantes são crianças e adolescentes, com interesses, necessidades e formas próprias de aprender. A lembrança da infância evocada por Saint-Exupéry em *O pequeno príncipe* (1954) me convida a olhar a escola também pela perspectiva de quem está aprendendo. Para mim, essa reflexão reforça que a aula não existe para satisfazer as preferências do professor, mas para ampliar as possibilidades de aprendizagem dos alunos.

A orientação e o amadurecimento do projeto

Conheci o professor Bruno Fernandes Antunez na disciplina optativa de Capoeira. Ele apresentou parte de seu trabalho, e gostei do método e da valorização do processo. Identifiquei-me com essa maneira de pensar porque, desde criança, meus pais me ensinaram a gostar de treinar e a apreciar o caminho, não apenas o resultado.

Mesmo minha proposta inicial não estando diretamente ligada à sua área de pesquisa, o professor Bruno me deixou à vontade para estudar e investigar minhas inquietações. Nas orientações, pediu principalmente que eu aprofundasse a fundamentação teórica e a metodologia. Isso me levou a pesquisar mais, conhecer diferentes estudos e compreender melhor o tema.

Aos poucos, comecei a enxergar que o problema não era apenas a quantidade de aulas práticas. A falta de espaço limita a intenção

pedagógica dos professores e pode reduzir as oportunidades de experiências motoras e corporais dos estudantes. Essa percepção vem orientando o amadurecimento de uma proposta de investigação que ainda está em discussão e construção com meu orientador.

Não quero perder de vista aquilo que me trouxe até aqui: as crianças poderiam aprender e experimentar muito mais. É nelas que penso quando estudo as condições das escolas e as possibilidades de ensino. A pesquisa, para mim, precisa manter ligação com a realidade e com as necessidades dos estudantes.

Conciliar a docência, a vida e o mestrado

Um dos maiores desafios dessa nova etapa tem sido a rotina. Continuo trabalhando na escola, preparando aulas e acompanhando os estudantes, enquanto procuro atender às leituras, atividades, prazos e exigências do mestrado. Além disso, há as responsabilidades pessoais e familiares. Nem sempre consigo fazer tudo tão bem quanto gostaria.

O descanso é o que mais acaba prejudicado. Às vezes, mesmo depois de um dia de trabalho, ainda há textos para ler, atividades para concluir e questões da pesquisa para pensar. Tenho aprendido que valorizar o processo também exige reconhecer limites e compreender que a formação acontece em meio à vida real, e não em condições ideais.

Não vejo essas dificuldades como falta de entusiasmo. Pelo contrário: quero aproveitar a oportunidade de estudar, mas também continuar sendo o professor que meus alunos precisam. Encontrar esse equilíbrio é parte do desafio de cursar um mestrado profissional.

Essa rotina também me obriga a reconhecer meus limites. A dedicação à docência, à família e aos estudos exige escolhas, e nem sempre consigo realizar tudo com o cuidado que gostaria. Ainda assim, não quero perder de vista o valor de cada etapa do percurso.

Uma passagem de *Manual do guerreiro da luz*, de Paulo Coelho (1997), fala sobre a existência dos sonhos e a consciência de que o caminho para

realizá-los não é fácil. Reconheço essa ideia em minha história: desejar ser professor, enfrentar mudanças e voltar à universidade não significou encontrar um percurso sem obstáculos. O que me manteve em movimento foi aprender a apreciar o processo, como meus pais me ensinaram.

Considerações finais: o caminho continua

Ao reunir essas memórias, percebo que minha trajetória não começou quando entrei na universidade ou quando passei em um concurso. Ela começou nas experiências que vivi na Ilha do Governador, no cuidado da minha família, nos ensinamentos dos meus pais, nas histórias dos meus avós e nas oportunidades que o esporte me ofereceu.

O menino que queria ser professor como o pai encontrou, ao longo dos anos, escolas muito diferentes, crianças com necessidades diversas e situações que exigiram estudo, adaptação e compromisso. A experiência me ensinou muito, mas o PROEF vem mostrando que ainda há muito a aprender e a questionar.

Hoje, minha preocupação maior é que os estudantes tenham oportunidades de brincar, jogar, experimentar, errar, tentar novamente e descobrir suas capacidades. As condições da escola não deveriam reduzir aquilo que a infância pode oferecer. É essa convicção que aproxima minha história de vida, meu trabalho docente e a pesquisa que estou construindo.

Sigo valorizando o processo, como aprendi com meus pais. Quero continuar estudando, revendo minhas práticas e contribuindo para uma Educação Física escolar em que mais crianças tenham acesso a experiências significativas. Meu memorial não encerra essa história. Ele registra parte do caminho que percorri e o sentido que encontro para continuar.

REFERÊNCIAS

COELHO, Paulo. Manual do guerreiro da luz. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (org.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 1954.

CAPÍTULO 12

DO QUINTAL DE TERRA À UNIVERSIDADE: MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA EM MOVIMENTO

Tácia Marques dos Santos Wanderley

O ATO DE MEMORiar: PONTO DE PARTIDA

Memoriar! O que significa essa palavra? Seria recordar? Reviver memórias? Registrá-las em um suporte de informação concreto como uma foto ou um vídeo? Ao saber que iria escrever um memorial, me peguei refletindo sobre essa palavra, o peso e a extensão desse conceito. Foi necessário, portanto, recorrer ao dicionário.

Se fizermos uma busca simples na internet, o dicionário online nos traz em primeira mão que “Memorar significa trazer algo ou alguém de volta à lembrança, recordar, ou celebrar uma data e um acontecimento por meio de homenagens (MICHAELIS, 2026)”. A busca remeteu diretamente à palavra memorar, ao invés de memoriar, então ao especificar melhor a pesquisa, encontrou-se “escrever memórias acerca de: Durante os estudos, o artista memoriou os fatos que marcaram a época dos impressionistas (MICHAELIS, 2026)”.

Diante disso, o que se pode apresentar é um recorte, uma percepção de si próprio, baseado naquilo que fora registrado na memória, algo influenciado completamente por tudo que atravessa a história de quem recorda. Dito isso, é preciso reconhecer que todo ato de lembrar é também um ato de selecionar, pois, a memória não funciona como um arquivo estático de fatos passados, mas como uma reconstrução viva feita no presente. A memória não opera como um mero arquivo estático onde depositamos o passado, mas como um trabalho contínuo e ativo de reconstrução fundamentado no nosso presente. Conforme nos ensina Bosi

(1994), o ato de lembrar é profundamente atravessado pela dimensão social e pelo afeto. É a partir do olhar de hoje, e das nossas interações, que ressignificamos as vivências de ontem, dando sentido à nossa trajetória pessoal e profissional.

Primeiramente, cabe uma reflexão sobre algo importante. Falar de si não costuma ser algo considerado fácil, levando-se em conta que para fazer isso de forma sincera, exige conhecer-se. Não é difícil encontrar livros e artigos científicos que abordam o autoconhecimento. Resende (2012) afirma que o autoconhecimento é a religião do terceiro milênio. Esse conceito implica autoconsciência e auto discriminação de comportamentos, assim como os estímulos relacionados a eles. Trata-se de algo que não tem ponto final, um trabalho de natureza permanente, uma constante observação de si próprio (SANTOS; AZEVEDO, 2020).

Escrever sobre mim usando o ‘eu’ exige a coragem de olhar para a minha própria trajetória de forma sincera e madura, buscando reconhecer tanto as conquistas quanto os desafios e aprendizados. Nessa perspectiva, este memorial busca apresentar e analisar criticamente o meu percurso pessoal, acadêmico e profissional evidenciando os marcos, os desafios e escolhas que fundamentam minha atuação hoje.

Tudo que será dito nesse memorial, será atravessado por todas as nuances que acredito ter feito parte da construção daquilo que considero ser eu no presente momento e lembro ao leitor que ao observar, trate como uma obra inacabada, em constante reformulação, lapidação e renovação.

Para estruturar esta narrativa, organizo o memorial a partir de momentos que considero importantes na construção da minha trajetória. Inicialmente, apresento aspectos da minha história em Minhas raízes: de onde eu venho e quem venho me tornando, buscando compreender como as vivências familiares e as minhas origens me formaram. Em seguida, no capítulo O corpo em liberdade: descobertas motoras e memórias lúdicas, percorro as experiências lúdicas da infância e o meu primeiro contato autêntico com o movimento. Avanço, então, para O Salto para a Universidade: quebrando ciclos familiares, detalhando os desafios e as

conquistas da minha formação acadêmica. Na sequência, em Trajetória profissional: a Educação Física que se vive, apresento as experiências vivenciadas no chão da escola, os projetos desenvolvidos e os caminhos que me conduziram ao mestrado. Por fim, em Próximos passos: futuro em movimento, retomo os principais aprendizados e as perspectivas que se apresentam para a minha formação pessoal e profissional.

Minhas Raízes: De Aonde Eu Venho E Quem Venho Me Tornando

Quem sou eu? Não é possível entregar essa resposta de forma simples. Sob a perspectiva freudiana, eu posso afirmar que sou o fruto do conflito entre três forças que coexistem em mim e deixam escapar apenas aquilo que tragável ao ambiente social no qual estou inserida: o id, o ego e o superego (FREUD, 2006). Entre aquilo que desejo, aquilo que me é exigido e aquilo que consigo negociar com a realidade, vou me constituindo.

No campo dos fatos, algumas informações ajudam a situar quem sou: Tácia Marques dos Santos Wanderley, casada, mãe, católica, formada em licenciatura em Educação Física, mestranda do ProEF e servidora pública efetiva do Estado do Tocantins. Nasci na cidade de Nazaré, no interior do Tocantins, em uma região do mapa conhecida como Bico do Papagaio. Nazaré é uma cidade pequena, conta com apenas 4.521 habitantes e é composta por bastante área rural.

Considerando que o ambiente participa do desenvolvimento humano e influencia as formas como a pessoa se relaciona com o mundo (BRONFENBRENNER, 1996), posso falar que sou a típica menina que nasceu no interior, em meio a uma família humilde, e que carrega até hoje a simplicidade de suas origens. Coisas simples como ter contato com a natureza, cultivar uma planta, ser solícita com os vizinhos, fazem parte da minha dinâmica de vida.

No contexto em que cresci, acompanhei a luta diária de minha mãe para o sustento da família, entre uma cozinha e outra, entre as madrugadas tirando azeite do babaçu e entre os desafios que são comuns a todas as famílias semelhantes a minha nesse país. A força dela me

mostrou o quanto uma mulher é capaz de ser forte e me ensinou, pouco a pouco, a construir a minha própria.

O Corpo Em Liberdade: Descobertas Motoras E Memórias Lúdicas

As lembranças mais vívidas estão naquela fase que faz a maioria dos olhos adultos brilharem ao recordar. Minha infância foi regada de muitas aventuras, liberdade e inocência. Olhando para trás, vejo a riqueza de experiências motoras que tive o privilégio de vivenciar. Subir em árvores era um dos meus passa tempos prediletos quando criança, principalmente pelo desafio de colher frutas e saboreá-las diretamente da natureza. Tomar banho de rio enfrentando os desafios de sobreviver no meio aquático, foi um grande passo, assim como aprender a andar de bicicleta, sem dúvidas um grande marco.

Brincar na rua era comum entre as crianças daquele contexto, me arrisco a dizer, por analogia que lá era um laboratório onde ocorria os experimentos mais criativos que conheço. Partindo disso, traço reflexões sobre como o objeto de estudo da Educação física, o movimento humano, se fez presente em minha vida.

Gosto de pensar que as experiências vividas na infância ocupam um lugar significativo na minha relação com a Educação Física. Dentre os vários experimentos realizados, apresento a você leitor, um deles, e te convido, a provar um pouco do sabor da minha infância.

Essa brincadeira trabalha principalmente o equilíbrio, e eu não tenho registros dela em outro local a não ser a minha própria vivência nos quintais de terra embaixo de uma mangueira qualquer. Ali, a Educação Física estava presente em minha vida sem que eu soubesse ainda.

A brincadeira consiste no seguinte: em um espaço de terra, desenha-se, com o auxílio de um graveto, um retângulo dividido em dez quadrados iguais, organizados em duas fileiras de cinco casas. Cada participante possui um caroço de manga seco, utilizado como objeto de jogo.

O participante inicia na primeira casa e, apoiado em apenas um pé, deve conduzir o caroço, empurrando-o com o pé de uma casa para outra, seguindo rigorosamente a sequência numérica até completar todo o percurso. Durante esse movimento, o caroço não pode sair dos limites do desenho, parar sobre as linhas ou deslocar-se para uma casa diferente daquela que corresponde à sequência.

Ao concluir o percurso corretamente, o participante passa para a etapa seguinte: lança o caroço para a próxima casa, que deverá ser atingida sem que o caroço toque ou ultrapasse as linhas que a delimitam. A partir daí, realiza novamente o percurso, conduzindo o caroço com um único pé e respeitando a ordem das casas. Esse procedimento se repete sucessivamente até a última casa. Caso o caroço saia dos limites, pare sobre uma das linhas, ou seja, direcionado para uma casa que não corresponde à sequência, o participante perde a vez, que passa ao outro jogador.

Enquanto professora de Educação Física da Educação Básica percebo o quanto experiências como essa são necessárias para o desenvolvimento dos alunos. A ludicidade é umas das minhas companheiras na mediação dos conhecimentos da Educação Física na escola, apesar de utilizá-la com responsabilidade, procurando manter sempre a intencionalidade pedagógica.

Contudo, devo recordar também a minha trajetória escolar enquanto estudante. Acredito que ela alicerçou as percepções que construí sobre o significado e a importância desse componente curricular. Afinal, como nos lembra Daolio (1995), a história de vida dos professores, incluindo suas experiências de infância, suas brincadeiras e suas vivências como alunos, também participa da forma como concebem sua prática docente.

A Educação Física que tive acesso na escola não tratava um conhecimento de forma estruturada e sistematizada. Ela consistia basicamente em sair da sala e brincar no pátio ou quadra. O único registro em minha memória diferente disso, foi uma aula no segundo ano do ensino médio, em que o professor pediu a cada aluno que expressasse sua opinião sobre o que é o futebol. Essa vivência reflete um cenário histórico crítico da

área. Conforme apontam González e Fraga (2012), a ausência de sistematização dos conhecimentos e o foco puramente recreativo configuram um "desinvestimento pedagógico", distanciando a disciplina de um currículo estruturado e de uma intencionalidade educativa.

Apesar de muitas brincadeiras e jogos terem feito parte da minha vida, ao revisitar o passado, percebo que poderia ter sido muito mais rico. Gostaria de ter conhecido e praticado alguns esportes, lutas, danças, ginásticas, práticas corporais de aventura na infância e adolescência, ter aprendido regras, alguns fundamentos, ter tido contato com implementos utilizados para suas práticas. Isso sem dúvidas faz muita falta na minha vida adulta funcional e afeta também minha vida profissional, já que tematizar essas práticas corporais compõe parte importante do meu trabalho e eu só tive contato com muitas delas no ensino superior.

O Salto Para A Universidade: Quebrando Ciclos Familiares

A Educação Superior era algo considerado distante para mim. Vinda de um núcleo familiar pequeno, a mãe sem estudos, o pai semianalfabeto e os dois irmãos mais velhos sem ensino médio completo. Havia poucas referências que me levassem a trilhar a vida acadêmica. Durante minha formação no ensino básico eu não tive instrução sobre o que viria depois dessa fase, então, "me formar" era um termo vago que existia no campo dos sonhos distante.

Ao concluir o ensino médio fui abraçando todas as oportunidades que surgiram, dividia meu tempo entre realizar cursos, trabalhar e ser mãe. Comecei pela inclusão digital, curso básico oferecido pelo poder público em Tocantinópolis. Em seguida parti para cursos técnicos: Técnico em Controle Ambiental a distância pelo Instituto Federal do Tocantins e Técnico em enfermagem, ofertado por um instituto de ensino particular, onde trabalhei como auxiliar de serviços gerais. Mas, a distância entre mim e a formação superior diminuiu.

Meu primeiro contato com a universidade se deu por meio do curso Educação do Campo, com habilitação em artes visuais e música. O curso era novo no campus UFT Tocantinópolis e abriu vestibular próprio, mais uma oportunidade que eu não deixei escapar. Lá estava eu, a primeira entre os irmãos a entrar na Universidade.

No período em que cursei, tive experiências profundas que me aproximaram das minhas origens. Destaco com carinho um trabalho de campo realizado com idosos da comunidade, que consistia em conhecer e registrar suas histórias de vida. Aquelas histórias se pareciam muito com as histórias dos meus pais e, de algum modo, fizeram-me olhar para minhas próprias origens com mais atenção. Além dessa experiência, tive contato com muitas reflexões sobre Estado e sociedade, questões agrárias, movimentos sociais, história da arte e histórias de vida. Essas experiências ampliaram minha visão de mundo e contribuíram para que eu crescesse como pessoa.

Embora aquela primeira experiência não tenha resultado na formação que eu imaginava, ela teve um papel importante em minha trajetória: aproximou-me da universidade e ampliou aquilo que, durante muito tempo, havia sido apenas um sonho distante. Porém, eu não tinha talento para as artes visuais, tampouco para a música. Continuei, então, buscando novas oportunidades, e elas surgiram. Pela primeira e única vez, fiz o ENEM e consegui nota para ingressar no curso de Educação Física.

Fui da segunda turma de Educação Física do campus UFT – Tocantinópolis. O curso, ainda iniciante, enfrentou desafios em relação a estrutura adequada. O laboratório de anatomia funcionava em uma escola estadual, nossos horários eram limitados. Porém, isso não retirou a beleza daquela disciplina. Pelo contrário, o contato com o corpo humano de forma tão concreta despertou em mim uma curiosidade que até então não havia experimentado. Foi uma das melhores experiências!

Mas, “nem tudo são flores”. Vieram os esportes, e ali começou um dos meus maiores desafios durante a graduação. Eu não tinha experiência nenhuma e surgiu, então, uma inquietação: como vou ensinar isso se eu não sei? Esta, querido leitor, foi uma questão que me tirou muitas noites de

sono. Bases pedagógicas do futebol e futsal foi meu primeiro grande “tropeço” na graduação, marcado por uma fratura no primeiro metatarso e um mês com o pé engessado. Mas não havia tempo a perder, eu precisei me reerguer e seguir em frente, afinal, como canta Renato Russo em Tempo perdido:

Todos os dias quando acordo/Não tenho mais o tempo que passou/
Mas tenho muito tempo/ Temos todo o tempo do mundo/ Todos os dias/
Antes de dormir/ Lembro e esqueço como foi o dia/ Sempre em frente/ Não
temos tempo a perder [...] (RUSSO, 1986).

Aquela experiência me fez compreender que entrar em uma graduação não significava estar preparada para tudo que ela me apresentaria. Havia conhecimentos e habilidades que eu ainda precisava construir, e os esportes deixaram isso evidente desde os primeiros semestres. E assim, durante toda o curso, precisei me dedicar mais nas disciplinas de esportes, com diferentes estratégias, consegui concluir todas elas com êxito.

As aulas práticas de esportes coletivos eram realizadas em quadras públicas onde os horários eram limitados devido o espaço também ser utilizado pela comunidade. Aqui, devo expressar a admiração pelos meus professores de graduação, que não mediram esforços para oferecer um aprendizado significativo, apesar dos problemas de estrutura.

Durante meu último semestre da graduação decidi que iria estudar para concurso público. A biblioteca da universidade se tornou a minha segunda casa, quatro, cinco e até seis horas por dia entre a escrita do trabalho de conclusão de curso (TCC) e os estudos direcionados a concurso. Conciliar essa rotina com a maternidade foi desafiador, minha filha sempre esteve comigo trazendo alegria em todos os momentos, porém, sei que isso por vezes me deixou ausente na minha função de mãe e esse foi um dos motivos pelo qual eu precisava fazer todo esse esforço valer a pena. E valeu!

A primeira conquista foi a apresentação e aprovação do TCC, em seguida a colação de grau e a conclusão da graduação. Agora, eu já não

era apenas a primeira da família a entrar na universidade, eu era a primeira a ter nível superior completo. Isso não foi uma vitória só minha, isso foi uma quebra de ciclo, o início de uma nova história e preparação para que a minha filha se sinta à vontade para sonhar mais alto do que eu pude.



Colação de grau - UFT

A segunda conquista, foi a primeira aprovação em um concurso público, que me fez perceber que a minha caminhada tinha muitas possibilidades. Era um concurso municipal e eu não cheguei a assumir, pois, antes de ser chamada, fui aprovada no concurso em que trabalho atualmente SEDUC – TO.

Trajetória Profissional: A Educação Física Que Se Vive

A primeira experiência prática com a docência se deu por meio de uma disciplina optativa na faculdade onde realizei uma intervenção no ensino fundamental (4º ano). Essa experiência marcou minha trajetória

especialmente por demonstrar a receptividade e o envolvimento dos estudantes com a disciplina de Educação Física na escola. Aquela experiência foi crucial no desenvolvimento de algumas concepções para minha vida profissional como desenvolvimento de estratégias de planejamento, organização, gestão de sala e até avaliação que foram mais aprofundadas durante o estágio supervisionado.

Ser professora nunca foi meu sonho, no entanto, os caminhos que me trouxeram a essa profissão, talvez sejam regados pelos desígnios de Deus. Inicialmente, a intenção era ter formação superior para fazer concurso e seguir carreiras em tribunais ou na polícia. De todas as tentativas em concursos públicos, as duas em que logrei êxito, foi para professora. Diante disso, resolvi vestir-me com o traje de guerreira e entrar na grande batalha que todos os professores enfrentam diariamente nesse país.

Ainda durante a pandemia do covid-19 iniciei minha vida profissional na docência, era em uma escola municipal do Estado do Maranhão. A escola não tinha quadra, nem espaço no pátio para realização de atividades práticas, as aulas eram de 30 minutos e sempre dentro da sala de aula. Foi um grande desafio, ali percebi que precisaria desenvolver habilidades como criação de material para as aulas, ajustar atividades práticas para a sala de aula, lidar com a visão dos demais colegas e dos pais em relação à Educação Física escolar e muitas outras coisas.



Em 2024 iniciei meu trabalho junto à SEDUC/TO. A escola atendia estudantes do sexto ano do ensino fundamental à terceira série do ensino médio e eu ministrava aula em todas as turmas, pois, era a única professora de Educação Física da escola. Dentro dessa realidade, ao trabalhar com alunos de diferentes etapas, pude vivenciar uma diversidade de experiências e explorar diferentes metodologias, acredito que foi um ano de muito aprendizado.

Além do ensino nas turmas regulares, tive minha primeira e única experiência com treinamento esportivo como preparação para os Jogos Estudantis do Tocantins. Na ocasião, foi possível apenas a modalidade futsal, que é, como já mencionado, o meu “ponto vulnerável”. Apesar do desafio, fui muito agraciada, consegui apoio da comunidade por meio de amigos da escola que prestaram grande apoio no treinamento, organização de amistosos e outras questões.

Outro fato marcante foi a persistência em conjunto para levarmos um time feminino à competição. Para isso, foi preciso realizar uma mobilização com objetivo de arrecadar fundos para compra dos uniformes: venda de rifas, produção de um cinema aberto à comunidade e solicitação de patrocínio. Essas situações me trouxeram muitas reflexões sobre a atuação do professor de Educação Física na escola e fazem parte do meu processo de lapidação profissional.

Atualmente, atuo em uma escola com 900 estudantes, que está em processo de construção de um espaço mais adequado às práticas corporais. Além da Educação Física já trabalhei também com a disciplina de Projeto de vida e Projetos integradores.

Considero muito ricas as diferentes experiências profissionais que tive. Elas me permitiram entender que constantemente precisamos nos adaptar, avaliar as possibilidades, realizar autoavaliação, ajustar nossas ações e buscar sempre continuar a formação. Nesse processo, o mestrado é um dos meus passos em direção ao melhor desenvolvimento profissional.

Próximos Passos: Futuro Em Movimento

Como mencionei no início deste texto, compreendo-me como uma obra inacabada, em constante reformulação e lapidação. Diante dessa consciência, olhar para o futuro não significa buscar um ponto de chegada definitivo, mas abraçar o movimento contínuo da minha própria formação. O ingresso no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) representa, hoje, o maior e mais entusiasmante passo dessa jornada.

Minha principal perspectiva para o futuro imediato é aproveitar as ferramentas investigativas e pedagógicas oferecidas pelo mestrado para qualificar, ainda mais, o meu fazer docente. Desejo que as inquietações que me acompanham desde o chão sem quadra no Maranhão e os desafios do esporte escolar no Tocantins se transformem em pesquisa e em produtos educacionais reais, capazes de impactar positivamente a vida dos meus 900 estudantes atuais e daqueles que ainda cruzarem o meu caminho. A construção do novo espaço para práticas corporais em minha escola atual é, para mim, uma metáfora do que almejo: erguer estruturas sólidas, tanto físicas quanto metodológicas, para que o ensino da Educação Física seja rico, inclusivo e significativo.

A longo prazo, planejo continuar quebrando ciclos, assim como fiz ao me tornar a primeira pessoa da minha família a concluir o Ensino Superior. Almejo que a minha trajetória sirva como espelho para os meus alunos e, sobretudo, para a minha filha, provando que o lugar de onde viemos — as terras de Nazaré e a força da vida simples — não limita aonde podemos chegar, mas nos dá a base e a resiliência necessárias para voar.

Por fim, o futuro que prospecto é o de uma docência habitada pela mesma coragem com que eu subia nas árvores da infância: disposta a correr riscos, a buscar os frutos mais altos e a jamais perder a ludicidade no trato com a vida e com a profissão.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19: **O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

MEMORAR. In: MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2026.

RESENDE, Marcos. **Autoconhecimento**. [S. l.]: Teosófica, 2012

RUSSO, Renato. Tempo perdido. Intérprete: Legião Urbana. In: LEGIÃO URBANA. **Dois**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1986. 1 disco sonoro, faixa 4.

SANTOS, Danielle; AZEVEDO, Gilson Xavier de. Autoconhecimento entre a percepção e a vontade. **Revista Científica da Faculdade Quirinópolis**, v. 1, n. 10, p. 112-120, 2020.

CAPÍTULO 13

A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA ENTRE A GINÁSTICA, A DANÇA E A ESCOLA

Valdeli Ventura Paz Siqueira

Apresentação

Este memorial transita pelas memórias afetivas, pessoais e profissionais que fundamentam minha escolha pela docência. A escrita e a organização deste relato revelaram que minha inserção na Educação Física não ocorreu de forma aleatória; trata-se do resultado de uma vocação cultivada desde a infância na zona rural do Paraná e lapidada ao longo de anos de atuação prática e reflexiva. O objetivo deste documento é reconectar o passado de uma menina curiosa e sonhadora ao presente de uma professora comprometida com a escola pública, compreendendo como o movimento, a arte e o desejo de ensinar sempre guiaram meus passos.

Trajetória Pessoal e Formação Humana

Nasci em Apucarana, no norte do Paraná, no dia 1º de outubro de 1975, uma cidade de clima agradável e marcada pela exuberância visual de suas cerejeiras. Sou a filha de Jose Ventura Paz e Luzia Henrique Paz, um Nordesteiro e uma Paranaense, agricultores, caçula de seis irmãos sempre estive rodeada de crianças. Meus pais, embora pessoas simples, compreenderam profundamente a importância da educação e sempre foram meus maiores incentivadores; meu pai me estimulava constantemente à leitura e minha mãe me impulsionava com determinação a estudar. Eu cresci no campo, é isto me proporcionou abundante espaço físico no sítio para brincar, correr e explorar minha imaginação, dividindo o

tempo entre a liberdade do espaço rural e os momentos de intimidade com a leitura, um dos meus passatempos prediletos.

Iniciei minha jornada escolar cursando o primeiro ano em uma escola rural da região, distante da minha casa. No segundo ano uma nova escola foi construída no bairro mais próximo da minha residência. O acesso à educação, contudo, impunha severas barreiras geográficas: como meus pais não possuíam carro, eu e meus irmãos percorríamos distâncias consideráveis a pé. Em dias de chuva, o trajeto tornava-se ainda mais desafiador, e chegávamos à escola com os pés cobertos de barro. Essa realidade, porém, nunca se configurou como empecilho para mim. Motivada pelo genuíno gosto pelos estudos, sempre fui uma aluna muito aplicada e participativa, destacando-me ao longo de toda a vida escolar por minhas notas altas e pelo excelente comportamento. A leitura era algo que me fascinava, aprender a ler foi uma descoberta maravilhosa, lembro de textos que marcaram minha alfabetização. O apreço pela leitura era tamanho que me dedicava a ajudar a professora com os alunos mais novos na leitura.

Minha curiosidade natural sempre me direcionou para as práticas corporais, artísticas e culturais. Ainda criança, passei a integrar o coral da igreja, cantando em festividades religiosas e participando ativamente de todas as atividades coreográficas da escola e do bairro. Envolvida em grupos de dança comunitários, cheguei a participar de concursos locais, apresentações públicas e festivais de televisão, nos quais nosso grupo se destacava no quesito dança.

Paralelamente, assumi papel de liderança no ambiente religioso ao coordenar grupos de expressão corporal na igreja, organizando ensaios e montando coreografias que uniam sensibilidade artística ao envolvimento comunitário. Também realizei aulas de violão com uma professora que sempre admirei intensamente — essa admiração profunda pela sua dedicação, pela sensibilidade artística e pela forma como ela se entregava ao ensino tornou-se uma das minhas maiores inspirações para a docência.

A paixão pela ginástica, no caso a Ginástica Artística, despertou de maneira precoce, lembro que uma colega da escola começou a fazer ginástica e demonstrava os movimentos para nós, fiquei encantada. Como a distância

geográfica e financeira impedia acesso a um centro de treinamento formal, comecei meus primeiros passos sozinha no quintal de casa.

Reunia minhas primas em brincadeiras e assumia o papel de auxiliá-las a aprender movimentos básicos de flexibilidade, rolamentos, estrelinhas, rodantes e reversões. Quando finalmente consegui ir para o treinamento formal de ginástica, fiz aulas por alguns meses no Complexo do Lagoão, em um projeto social da Prefeitura de Apucarana. No ano seguinte fui levada a optar entre continuar o treinamento ou cursar o antigo oitavo ano em outra escola, pois minha escola anterior não ofertava ensino nos períodos matutino ou vespertino.

A decisão de estudar prevaleceu, e optei pela escola nova. Nesta instituição, comecei uma nova participação artística na fanfarra. Embora o sonho de treinar em estrutura oficial estivesse adiado, canalizei essa energia expressiva por anos nas fanfarras estudantis de minhas escolas, desta escola e da escola de ensino médio atuando como baliza e comissão de frente.

O Ensino Médio foi um momento marcante na minha vida, cursei no período noturno, pois meus pais me colocaram para acompanhar meus irmãos que trabalhavam durante o dia e precisavam estudar a noite, isto fez mudar os meus planos, que antes era estudar para medicina, estudando neste período não senti confiança para fazer vestibular para esta área, e comecei a pensar em outras profissões.

Percebo hoje que o desejo de ensinar manifestou-se de forma concreta ainda na infância. Quando cursava a quarta série (atual quinto ano) e aceitei convite de minha professora para atuar como voluntária auxiliando crianças do primeiro ano no processo de alfabetização. Ir à escola para ajudar meus colegas menores a ler era uma atividade que me trazia enorme prazer e me fez perceber, pela primeira vez, minha aptidão inata para o ensino. No entanto, ao chegar ao final do Ensino Médio, aos 16 anos, a incerteza comum da juventude me cercou. Sem saber ao certo qual carreira seguir e após conversas com amigos, decidi prestar vestibular para

Educação Física, alimentando a ideia de que poderia trocar de curso posteriormente caso não me identificasse com a graduação.

Trajetória Profissional e Acadêmica

Em 1993, obtive êxito no meu primeiro e único vestibular, ingressando no curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Ao adentrar a universidade, percebi imediatamente estar no lugar certo, um lugar cheio de possibilidades. Lembro que eu era tímida e me identifiquei com um grupo de quatro meninas, minhas amigas durante todo o percurso universitário.

Aquele universo era fascinante, deparei-me com o bloco de ginástica e, logo no primeiro semestre, procurei a professora responsável pelos treinamentos infantis para me inserir nas práticas de ginástica artística, o qual fiz parte do programa de extensão universitária pelos quatro anos de formação trabalhando a ginástica com a professora Elci e Rosangela. Durante a graduação, integrei a equipe universitária nos Jogos Universitários mantendo sempre o caráter formativo, visto que nunca fui atleta profissional, trabalhei por dois anos como estagiária em uma academia particular de ginástica e dediquei meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) à pesquisa em ginástica artística. Naquele ambiente acadêmico, em uma turma de 40 alunos, apenas eu e minha amiga Andreia compartilhávamos paixão genuína pela Educação Física Escolar, área que me fascinava profundamente.

Após minha colação de grau em 1997, o mercado de trabalho não me permitiu ingressar de imediato no chão da escola. Minha carreira direcionou-se inicialmente para a área do bacharelado, onde atuei por sete anos em academias como professora de musculação, ginástica e alongamento, bem distante da realidade que eu desejava. Aproveitei para me especializar na área de academia, fiz pós em Fisiologia, Cinesiologia e Saúde Pública. Nesse período, concomitantemente trabalhei em um projeto social que mantive meu vínculo com a expressão artística ao trabalhar com dança este projeto social era promovido pela Prefeitura Municipal de Apucarana, levando a dança para cinco bairros da cidade com

apresentações para a comunidade. Como parte pessoal participei de grupos de expressão corporal junto a coletivos de jovens, dançando, coordenando e auxiliando na preparação para festivais de dança. Durante estes anos realizei alguns concursos públicos voltados a Educação, porém, apesar da aprovação, não foi possível assumir os cargos por questões políticas locais ou inviabilidades pessoais.

Uma grande transição ocorreu em 2006, quando me casei e mudei de estado, fixando residência na cidade de Taubaté, em São Paulo. Aqui foi outro momento marcante na minha vida, pois agora estava mais perto dos grandes pesquisadores em São Paulo. Inicialmente, trabalhei por dois anos como gerente de uma academia, mas a inquietação e o desejo de retornar ao meu propósito inicial na Educação Física Escolar me fizeram buscar concursos públicos.

Fui aprovada e iniciei minha trajetória como docente na rede de Campos do Jordão, onde trabalhei por cinco anos. Este período representou meu retorno definitivo à escola e um rico espaço de aprendizado ao lado de excelentes profissionais, os quais tenho amizade até os dias atuais, consolidando a certeza de que a escola era verdadeiramente meu lugar.

Posteriormente, fui aprovada em novo concurso, passando a integrar a rede municipal de Taubaté. Após um ano lecionando em uma unidade escolar rural, fui transferida para a Escola Municipal Anna Signorini dos Reis, instituição central dotada de excelente infraestrutura física. Ao perceber a baixa adesão dos estudantes nas atividades de Educação Física regulares do contraturno, vi a oportunidade de introduzir a ginástica artística no ambiente escolar. Apresentei uma proposta pedagógica à diretora, que prontamente acolheu a ideia. O projeto iniciou de forma tímida, com apenas cinco alunas convidadas, mas o interesse espalhou-se rapidamente pela comunidade escolar, e a direção oficializou a ginástica artística como projeto institucional da unidade.

Com o fortalecimento do projeto e o apoio da supervisão pedagógica, passamos a atender estudantes em dois programas distintos: o Programa

CETI, voltado para alunos do período integral do primeiro ao nono ano, com foco no aprendizado inclusivo, lúdico e cultural da ginástica; e o Programa EAFI (Escola de Atletas e Formação Integral), direcionado ao treinamento e aperfeiçoamento técnico. Tive a honra de ter uma sala de ginástica montada na escola com suporte do setor de esportes do município e de trabalhar em parceria com um treinador focado na performance.

Durante seis anos atuando nestes projetos, foi possível realizar um Festival Anual de Ginástica Municipal, no qual outras unidades escolares formavam-se conosco e retornavam para demonstrar o aprendizado no festival. Por outro viés do treinamento, tive oportunidade de participar de competições de rendimento. Essa dualidade me ensinou muito, pois evidenciou a riqueza pedagógica presente nas duas abordagens: uma mais educacional, na qual as crianças absorviam o conteúdo de forma cultural e ampla, contrastando com o foco na performance do modelo de rendimento, onde os alunos apresentavam grande potencial para resolução de problemas e elevado desempenho acadêmico em comparação com grupos que não participavam do programa.

Foi notório refletir como formas absolutamente opostas podem contribuir de maneiras significativas para o ensino. Este período foi um divisor na minha atuação profissional, as minhas supervisoras do CETI trabalhavam com a Pedagogia do movimento, e esta fundamentação abriu o meu olhar para as minhas aulas, quais caminhos eu gostaria de seguir na Educação Física Escolar através de uma educação mais inclusiva e humana. Nesta mesma unidade foi ofertado o ensino bilíngue em Libras, esta é outra formação que tenho, no anseio de melhorar a minha comunicação com os alunos surdos realizei uma pós em Libras o que me traz confiança para incluir estes alunos nas minhas práticas.

Tenho uma gratidão pelos meus supervisores que me impulsionaram através das oportunidades e conhecimentos que proporcionaram a mim durante estes anos em Taubaté, tínhamos excelentes formações com Doutores da área da Educação Física, foi possível levar os meus alunos no Mundial de Ginástica artística em São Paulo, vários atletas e técnicos

profissionais foram visitar a nossa escola para diálogos e oficinas. Enfim, um grande salto na minha trajetória profissional.

Com a chegada da pandemia e a interrupção das aulas presenciais, a busca por aprofundamento teórico intensificou-se, os nossos supervisores trouxeram vários cursos de formação na área que enriqueceu e contribuiu para nossas práticas, e neste anseio por conhecimento enviei um e-mail para a Profa. Dra. Michelle Carbinatto expressando meu desejo de estudar e compreender melhor a área, sendo acolhida com extrema simpatia no Grupo de Pesquisa em Ginástica para Todos da USP (Gymnusp/USP).

Esta vivência acadêmica foi um divisor de águas em minha academia. A professora Michele abriu as portas para o universo da Ginástica para Todos (GPT), permitindo-me perceber o potencial fantástico dessa modalidade coletiva para agregar valor aos meus ensinamentos no ambiente escolar. E assim eu iniciei meus estudos em GPT, o qual é o objeto de estudo do meu mestrado, diante das possibilidades de trabalho com ginástica em escolas encontrei na Ginástica para todos um caminho mais inclusivo e democrático.

Em 2021, uma mudança radical reconfigurou minha vida pessoal e profissional. Meu esposo foi aprovado em concurso público no estado do Tocantins, e nos mudamos para Pedro Afonso, pequena cidade do interior. Afastada temporariamente das salas de aula fixas e em gozo de licença sem vencimentos de meu concurso de origem, enfrentei dificuldades iniciais de adaptação, mas aproveitei o tempo livre para estudar o Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), objetivo que já vinha delineando para meu futuro. Determinada a ingressar no programa e a me restabelecer profissionalmente na escola pública, prestei o concurso da Prefeitura Municipal de Palmas. Fui aprovada, assumi o cargo de professora na rede municipal e, logo em seguida, conquistei a sonhada vaga no PROEF.

Ao iniciar as atividades na minha unidade escolar atual, fui desafiada a trabalhar com a linguagem da dança nas aulas de Educação Física. Embora tenha sentido receio inicial, a prática docente cotidiana me revelou

a imensa riqueza da cultura tocantinense e como suas manifestações regionais contribuem fortemente para a constituição da identidade e da cultura das crianças.

Nesta unidade, foi ofertado o contraturno, no qual iniciei um trabalho integrado entre dança e ginástica. Esta experiência prática eliminou minhas inseguranças e dialogou perfeitamente com meus objetivos de pesquisa no mestrado, durante uma das disciplinas do Mestrado foi desenvolvido um trabalho sobre as problemáticas da Educação Física, onde eu percebi a necessidade de ampliar o oferecimento de outras práticas corporais, abrindo possibilidades concretas para desenvolver um trabalho com Ginástica para Todos nesta unidade escolar.

Reflexão Final

Ao analisar minha trajetória de formação acadêmica, adoto a premissa de Nóvoa (1992) de que a construção da nossa identidade profissional não ocorre de maneira isolada; ela é um processo contínuo em que a nossa história pessoal e o tecido da vida acadêmica se cruzam e se ressignificam. A construção deste memorial permitiu revisitar memórias afetivas profundas e confirmou uma verdade que sempre habitou meu corpo e meu coração: minha inserção na docência não foi acidental.

O ensino já estava presente em minha vida bem antes da escolha consciente pela Licenciatura. Desde a quarta série, quando voluntariamente auxiliava crianças na alfabetização; nas brincadeiras do sítio, onde eu era a "professora" de ginástica das minhas primas; nos ensaios da fanfarra e dos grupos de dança que eu coordenava; nas aulas de violão com aquela professora que eu admirava profundamente e cuja dedicação sensível ao ensino plantou em mim as sementes da vocação docente.

Essa professora de violão, cuja memória trago comigo há todas essas décadas, foi uma das minhas inspirações. Não apenas pelo que ela ensinava, mas pela forma como ela ensinava: com sensibilidade, compromisso genuíno e presença autêntica. Ela provavelmente nunca

soube que eu escolheria a Educação Física como caminho profissional, nem compreendeu a profundidade de sua influência em minha trajetória. Mas ali estava, sem que ela soubesse, plantando em mim a certeza de que um professor não apenas transmite conhecimento; um professor transforma vidas.

Essa reflexão adquire hoje dimensões ainda mais profundas e significativas. Ao compreender que a minha admiração por aquela professora se traduziu em uma decisão de vida, percebo com clareza cristalina o peso das nossas ações como educadores. Nós significamos muito para os nossos alunos. Talvez muito mais do que jamais possamos imaginar ou medir em estatísticas. Um sorriso genuíno, uma palavra de encorajamento, a decisão de acreditar em um estudante quando ele ainda não acredita em si mesmo, tudo isso ressoa nos corações e mentes jovens de forma que pode determinar caminhos inteiros de vida.

Hoje, como professora-pesquisadora ingressante no PROEF, carrego esse pensamento comigo. Cada aluno que chega às minhas aulas carrega histórias, medos e sonhos. Meu compromisso é fazer da Educação Física por meio da Ginástica para Todos e do diálogo com a Cultura, um espaço onde nenhuma criança se sinta inadequada ou excluída. Quero ser para meus alunos o que aquela professora de violão foi para mim: uma presença que marca, que acolhe e inspira.

O percurso que iniciou com os passos improvisados de ginástica no sítio em Apucarana, passou pela liderança em grupos de dança e expressão corporal, pela coordenação em academias, pela experiência técnica em Taubaté e pelo embasamento teórico no grupo Gymnusp/USP, culmina agora em minha atuação como professora-pesquisadora no PROEF com a consciência plena de que todas essas etapas me prepararam para ser, para meus estudantes, aquilo que um dia foi para mim: uma inspiração.

O choque cultural e geográfico decorrente da mudança para o Tocantins expandiu meus horizontes e me ensinou a ter um olhar muito mais atento, sensível e empático em relação às diferenças e à diversidade que caracterizam o Brasil profundo. Esta vivência fundamenta diretamente

meu trabalho de conclusão no PROEF, que articula a Ginástica para Todos e a Identidade Cultural. Compreendo que a finalidade da GPT no espaço escolar é democratizar o acesso à prática corporal, promovendo inclusão radical de todos os estudantes, sem distinção de classe social, gênero ou habilidade prévia, estimulando o protagonismo juvenil e a criação coletiva. Por meio desta pesquisa, pretendo demonstrar como a escola pública pode consolidar-se como espaço humanizador de valorização da diversidade, de fruição artística e de transformação social.

Meu Horizonte Profissional

Com a conclusão do PROEF, consolidarei definitivamente a minha transição de professora da educação básica para o papel de professora-pesquisadora e multiplicadora de saberes dentro da rede pública e no cenário acadêmico. Minhas ações e metas futuras estão estruturadas em horizontes claros, a começar pela inovação pedagógica diretamente no chão da escola em Palmas, Tocantins. Minha prioridade inicial será a validação e aplicação permanente da metodologia pedagógica desenvolvida na minha dissertação, consolidando a Ginástica para Todos (GPT) na proposta curricular da minha unidade escolar atual. Além disso, pretendo resgatar a minha experiência de sucesso em Taubaté para estruturar novos projetos de contraturno, focados no protagonismo dos estudantes e na valorização da nossa cultura corporal regional. Por fim, dedicarei meus esforços à produção científica e à minha verticalização acadêmica.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Kelber; VAZ, Fábio Pereira; QUIXABEIRA, Alderice Pereira da Silva (org.). **CEPELS: Promovendo Saúde, Bem-Estar e Lazer no Tocantins**. 1. ed. Palmas: EDUFT, 2026. v. 1.

TAVARES, Alexandra Lima; OLIVEIRA, Patrícia Moreira de; SANTOS, Sergio Capurro da Silva dos; SIQUEIRA, Valdeli Ventura Paz; ABRÃO, Ruhena Kelber. Formação, reflexão e prática: relato de experiência na disciplina problemáticas da educação física do Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF). *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 12, n. 2, p. 1-15, jul. 2026.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1992.

SOBRE ORGANIZADOR

Ruhena Kelber Abrão.

Professor Associado da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Lazer e Sociedade (CEPELS), leciona nos cursos de Educação Física e Psicologia. É também Coordenador e Professor Permanente do Mestrado Profissional em Rede em Educação Física e do Doutorado em rede de Educação na Amazônia e no Mestrado acadêmico Educação. Atua como Presidente da Editora Universitária da UFT (EdUFT). Entre os projetos coordenados, destacam-se quatro cursos de pós-graduação lato sensu (especialização), desenvolvidos em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC): Pós-Graduação em Bem-Estar, Saúde e Lazer Docente; Pós-Graduação em Inovação Pedagógica na Educação Digital; Pós-Graduação em Gestão de Equipes e Liderança Educacional; Pós-Graduação em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação. É Coordenador de Gestão do PIBID. Participa como membro dos grupos de pesquisa GEPCE/Minorias (Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/para/com minorias sociais nortistas amazônidas) e Healthy--BRA (HEALth, pHYsical activity and Behavior ReseArch). Atua no programa TO GRADUADO, da UNITINS. Na UFT, foi Diretor Interino do Câmpus Universitário de Miracema (2021) e Vice-Diretor (2017-2021). Atuou como Assessor Técnico na rede TOPAMA (Ministério da Saúde e UFT, 2019-2023), na produção de Materiais Didáticos e como Coordenador do Programa de Inovação Pedagógica (2020-2025). Entre 2015 e 2023, liderou o Centro de Pesquisas em Esporte e Lazer Rede Cedes, que, após sua ampliação e reestruturação, deu origem ao atual CEPELS. Com experiência como bolsista da Fiocruz (2016-2017) e bolsista de produtividade na UFT (2016-2020), foi coordenador dos cursos de Pedagogia (2015), Educação Física (2015-2017) e Educação Física na modalidade PARFOR (2016-2018). Exerceu a função de representante docente (2018-2022) e acumulou 12 anos de experiência na Educação Básica antes de ingressar no Ensino Superior, em 2008. Seus principais campos de atuação incluem docência e gestão nas áreas de Educação e Saúde, com foco em: Formação de Profissionais para a Docência, Estudos do Lazer, Educação Especial, Inclusiva e Adaptada, Gestão e Planejamento, Políticas Públicas em Saúde, Ciclos de Vida..

SOBRE A ORGANIZADORA

Alderise Pereira da Silva Quixabeira.

Graduada em Pedagogia (2007) e Educação Física (2019) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). É especialista em Gestão e Sociedade (2011) pela UFT, além de especialista em Educação Física Adaptada à Inclusão e em Educação Física Escolar e Atividades de Recreação (2025) pela Faculdade de Iguaçu. Possui mestrado em Ensino em Ciências e Saúde (2021) e doutorado em Educação pelo programa EDUCANORTE / Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia - PGEDA (2026). Professora da rede municipal de Palmas (Tocantins) e integra o Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde (CEPELS), desde o início onde antes era o Centro de Pesquisa em Esporte e Lazer (REDE CEDES). Assessora técnica da coleção de livros Um pedacinho da Educação Física. Atuou por nove anos como professora na rede pública estadual e possui ampla experiência na docência nas áreas de Educação e Saúde, com ênfase em jogos e brincadeiras, lazer, atividade física e saúde.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alan Silva da Luz

Graduado em Educação Física. Especialista em: Personal Trainer e Educação Física Escolar; Treinamento Desportivo e Educação Especial; Ensino Superior da Educação Física e Escolar, Mestrando em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: alanluz1997@gmail.com.

Alexandra Lima Tavares

Graduada em Educação Física, especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental; Educação Física Escolar; Currículo e prática docente; Linguagens suas tecnologias e mundo do trabalho; Bem-estar, saúde e lazer docente, Mestranda em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: alexandra1513kk@gmail.com.

Idenilde Maciel Rodrigues

Graduada em Educação Física, especialista em Treinamento Desportivo e Educação Física Escolar, Mestranda em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: nilderodrigues937@gmail.com

Ivanilson Ribeiro Mousinho

Graduado em Licenciatura em Educação Física, Especialista em Psicopedagogia com Ênfase no Ensino Especial e Educação Inclusiva, Especialista em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar, Mestrando em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: ivan.rib1982@gmail.com

João Victor Rodrigues Torres

Graduado em Educação Física Bacharelado e Licenciatura, especialista em Metodologias de Ensino da Educação Física, Mestrando em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: joaovrtorres20@gmail.com

Katiane Chaves Paiva Braga,

Graduada em Licenciatura em Educação Física, especialista em Educação Física, Mestranda em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: katygirl86@hotmail.com.

Mateus Fílipe Maciel da Silva Barbosa

Graduado em Educação Física (licenciatura e bacharelado), especialista em Educação Física Escolar e Educação Infantil, Mestrando em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: prof.mateusfilipe@gmail.com

Nayhara Almeida Inácio

Graduada em Educação Física - Licenciatura, especialista em Metodologia do Ensino da Educação Física Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: nayhara.al@gmail.com

Patrícia Moreira de Oliveira

Graduada em Educação Física, especialista em Educação Física Escolar; especialista em futebol e futsal; especialista em Educação Infantil e Ensino Fundamental, Mestranda em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: Pat.moreira@gmail.com

Ronivon Francisco de Sousa

Graduado em Educação Física - Licenciatura, especialista em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras/es, Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho, Mestrando em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: ronivon.francisco@mail.uft.edu.br

Sergio Capurro da Silva dos Santos

Graduado em Licenciatura e Bacharel em Educação Física, especialista em Educação Física Escolar e Fisiologia do Esporte, Mestrando em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT). E-mail: sergiocapurro@gmail.com

Tácia Marques dos Santos Wanderley

Graduada em Licenciatura em Educação Física, Mestranda em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT).

Valdeli Ventura Paz Siqueira

Graduada em Educação Física (Licenciatura Plena), segunda Licenciatura em Pedagogia, especialista em Fisiologia e Cinesiologia da Atividade Física e Saúde, Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família, Tradução, Interpretação e Docência em Libras, Gestão Escolar, Mestranda em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFT). E-mail: valvpaz@gmail.com

ica (UFPel). Docente do programa de Pós-graduação em Mestrado da UFT. E-mail: kelberabrao@uft.edu.br Pós Doutor em Políticas Públicas (UMC) e em Educação (UFT). Doutor em Educação em Ciências e Saúde (UFRGS). Mestre em Educação Física (UFPel). Docente do programa de Pós-graduação em Mestrado da UFT. E-mail: kelberabrao@uft.edu.br

Weudes pereira da Rocha

Especialista em Educação Online e Recursos Digitais Interativos e Colaborativos pela UFT (2022). Especialista em Metodologias Ativas e Educação Híbrida, UniAmérica (2022). Bacharel e Licenciado Fundamental da Rede Municipal de Palmas – TO; neste período teve participação relevante em diversas comissões e conselhos com destaque para a participação como membro da Comissão Especial instituída para planejar ações educacionais na Rede Municipal de Ensino de Palmas no período pandêmico de (COVID-19). <http://lattes.cnpq.br/0235323844475440>

